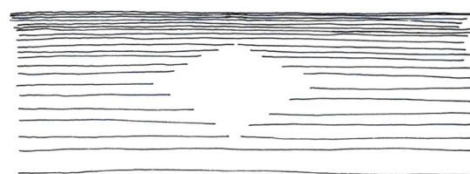
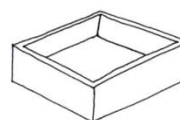


Faculdade de Arquitetura - Universidade de Lisboa

O LUGAR CONVENTUAL COMO MEMÓRIA ARQUITETÓNICA



Mónica Alexandra Aleixo Bajanca

Dissertação/Projeto para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura de Interiores

Orientador: Professora Doutora Dulce Loução

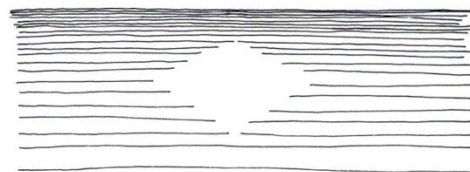
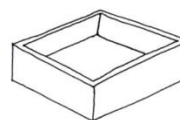
Coorientador: Professor Doutor Nuno Arenga

Presidente do Júri: Professor Doutor José Afonso

Arguente: Professor Doutor João Pernão



O LUGAR CONVENTUAL COMO MEMÓRIA ARQUITETÓNICA



Mónica Alexandra Aleixo Bajanca

Dissertação/Projeto para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura de Interiores

Orientador: Professora Doutora Dulce Loução

Coorientador: Professor Doutor Nuno Arenga

Presidente do Júri: Professor Doutor José Afonso

Arguente: Professor Doutor João Pernão

Lisboa, FAUL - Fevereiro, 2014

RESUMO

O presente trabalho consiste na exploração do conceito de Lugar como ponto de partida para o exercício de projeto, sendo que para tal é necessário um contato atento com as pré-existências portadoras de história e memória. Esta exploração teve como objeto de estudo o Hospital de Santa Marta de Lisboa, atualmente incluído num programa de desativação dos Hospitais da Colina de Sant'Ana.

O documento escrito pode ser dividido em três capítulos essenciais inter-relacionados. Numa primeira fase, o trabalho centraliza-se na pesquisa de conceitos relacionados com o Lugar, e portanto, no modo como o projeto pode ser desenvolvido segundo um método fenomenológico. Pretende-se preservar as memórias como herança para as gerações futuras. Numa segunda fase, é feito o enquadramento histórico e urbano do conjunto arquitetónico, conhecendo a sua história para melhor se intervir no mesmo. Por último, a descrição e justificação do projeto.

A recuperação da história e das qualidades arquitetónicas perdidas com o tempo no ato de projetar relembramos a importância de respeitar as características do Lugar sobre o qual o projeto opera.

Palavras-chave:
REABILITAÇÃO
FENOMENOLOGIA
LUGAR
CONVENTO
CERCA
ESCOLA

ABSTRACT

The present work consists in exploring the concept of place as a starting point for the design exercise, which requires a close contact with the carrier pre-existing history and memory. This exploration took as object of study Santa Marta's Hospital in Lisbon, currently included in the deactivation of the Hospitals of St. Anne's Hill program.

The written document can be divided into three essential interrelated chapters. Initially, the work focuses on the study of concepts related to the place, and therefore, how the project can be developed using a phenomenological method. It is intended to preserve the memories as heirlooms for future generations. In a second phase is done the historical and urban context of the architectural complex, knowing its history to better intervene in it. Finally, the description and justification of the project.

The recovery of the history and architectural qualities lost with time in the act of designing reminds us the importance of respecting the characteristics of the place that served as support.

Keywords:
REHABILITATION
PHENOMENOLOGY
PLACE
CONVENT
ENCLOSED
SCHOOL

I. INTRODUÇÃO	14
1. OBJETO DE TRABALHO – O TEMA – JUSTIFICAÇÃO E ENQUADRAMENTO	15
2. OBJETIVOS.....	16
3. METODOLOGIA ADOTADA	17
II. FENOMENOLOGIA DO LUGAR	20
4. SIGNIFICADO EXISTENCIAL E SUA RELAÇÃO COM O SUJEITO	21
5. A ESTRUTURA E O “ESPÍRITO DO LUGAR”	23
6. REFLEXÃO DO LUGAR NA ARQUITETURA	26
III. O LUGAR CONVENTUAL	28
7. O CONVENTO	29
8. A CERCA CONVENTUAL E SEUS ELEMENTOS CONSTITUINTES	30
9. A RELIGIOSIDADE DO ESPAÇO	31
10. OS CONVENTOS NA LISBOA ANTIGA	32
IV. MEMÓRIAS DO LUGAR DE SANTA MARTA	34
11. DE ASILO A CONVENTO [1569 – 1602].....	35
12. DE CONVENTO PARA HOSPITAL [1834 – 1971]	42
13. CONTEXTO ATUAL DO “GENIUS LOCI”	45
V. PROJETO	50
14. CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA	51
15. PRINCÍPIOS GERADORES DA PROPOSTA.....	53
16. PROGRAMA	56
17. PROPOSTA	59
PARTE I: A ESCOLA	59
IDEIAS CONCEPTUAIS DO PROJETO	59
DESCRIÇÃO DO PROJETO E SUAS REFERÊNCIAS	62
PARTE II: A CERCA	72
IDEIAS CONCEPTUAIS DO PROJETO	72
DESCRIÇÃO DO PROJETO E SUAS REFERÊNCIAS	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	86
ANEXOS	92
19. DESENHOS FINAIS	94
20. FOTOGRAFIAS DA MAQUETE.....	ERRO! MARCADOR NÃO DEFINIDO.

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURAS 1 E 2: RETIRADAS DA OBRA “GENIUS LOCI”, PÁGINA 20.	21
FIGURA 3: RETIRADA DA OBRA “PAISAGEM URBANA” DE GORDON CULLEN.	23
FIGURA 4: RETIRADA DA OBRA “JARDINS COM HISTÓRIA, POESIA ATRÁS DE MUROS”, DE CRISTINA CASTEL-BRANCO, PÁGINA 46.	24
FIGURA 5: RETIRADA DA OBRA “JARDINS COM HISTÓRIA, POESIA ATRÁS DE MUROS”, DE CRISTINA CASTEL-BRANCO, PÁGINA 47.	25
FIGURA 6: RETIRADA DA OBRA “GENIUS LOCI”, PÁGINA 117.	26
FIGURA 7: DESENHO DA FACHADA DA IGREJA DE SANTA MARTA - RETIRADO DA MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROGRAMA BASE PARA A REALIZAÇÃO DO PROJETO DO MUSEU E SALA DO CAPÍTULO, DOS ARQUITETOS VASCO MASSAPINA E JORGE KOL DE CARVALHO.	30
FIGURA 8: FOTOGRAFIA TIRADA [A 1 DE MARÇO DE 2013] AOS AZULEJOS DO PRIMEIRO PISO DO CLAUSTRO - REGISTO DA AUTORA.	34
FIGURA 9: FOTOGRAFIA TIRADA [A 18 DE JULHO DE 2013] A PORMENOR NA CAPELA-MOR DA IGREJA - REGISTO DA AUTORA.	36
FIGURA 10: PLANTA DA IGREJA DE SANTA MARTA - RETIRADO DA MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROGRAMA BASE PARA A REALIZAÇÃO DO PROJETO DO MUSEU E SALA DO CAPÍTULO, DOS ARQUITETOS VASCO MASSAPINA E JORGE KOL DE CARVALHO – DOCUMENTAÇÃO FORNECIDA PELA DRª CÉLIA PILÃO.	37
FIGURA 11: CORTE TRANSVERSAL E ALÇADO PRINCIPAL DA IGREJA DE SANTA MARTA - RETIRADO DA MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROGRAMA BASE PARA A REALIZAÇÃO DO PROJETO DO MUSEU E SALA DO CAPÍTULO, DOS ARQUITETOS VASCO MASSAPINA E JORGE KOL DE CARVALHO.	38
FIGURA 12: RELAÇÃO ENTRE AS PLANTAS E CORTES DA IGREJA DO ESPÍRITO SANTO DE ÉVORA E DA IGREJA DE SANTA MARTA, RESPECTIVAMENTE - RETIRADO DA MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROGRAMA BASE PARA A REALIZAÇÃO DO PROJETO DO MUSEU E SALA DO CAPÍTULO, DOS ARQUITETOS VASCO MASSAPINA E JORGE KOL DE CARVALHO.	39
FIGURA 13: ESQUEMA DA LOCALIZAÇÃO DAS DEPENDÊNCIAS DO CLAUSTRO - RETIRADO DA MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROGRAMA BASE PARA A REALIZAÇÃO DO PROJETO DO MUSEU E SALA DO CAPÍTULO, DOS ARQUITETOS VASCO MASSAPINA E JORGE KOL DE CARVALHO.	40

FIGURA 14: FOTOGRAFIA TIRADA [A 1 DE MARÇO DE 2013] AO INTERIOR DA IGREJA DE SANTA MARTA - REGISTO DA AUTORA.	44
FIGURA 15: FOTOGRAFIA TIRADA [A 18 DE JULHO DE 2013] AO INTERIOR DA SALA DO CAPÍTULO - REGISTO DA AUTORA.	45
FIGURA 16: ESQUEMA ILUSTRATIVO DOS TRÊS SETORES ESSENCIAIS DO CONJUNTO ARQUITETÓNICO.	46
FIGURA 17: IDENTIFICAÇÃO DOS EDIFÍCIOS DO CONJUNTO ARQUITETÓNICO.	47
FIGURA 18: FOTOGRAFIA TIRADA [A 5 DE MARÇO DE 2013] AO ATUAL ACESSO AO CLAUSTRO - REGISTO DA AUTORA.	48
FIGURA 19: REGISTO DA AUTORA.	49
FIGURA 20: REGISTO DA AUTORA.	49
FIGURA 21: REGISTO DA AUTORA.	49
FIGURA 22: DEMARCAÇÃO DA COLINA DE SANT'ANA, EM LISBOA.	51
FIGURA 23: LOCALIZAÇÃO DO HOSPITAL DE SANTA MARTA NA COLINA.	52
FIGURA 24: ESBOÇO QUE VISA MOSTRAR O HOSPITAL DE SANTA MARTA COMO ELEMENTO QUE SEPARA DUAS MALHAS URBANAS DISTINTAS.	53
FIGURA 25: ESQUEMA DE DEMOLIÇÕES.	54
FIGURA 26: ESQUEMA REPRESENTATIVO DA SEQUÊNCIA HISTÓRICA DO CONJUNTO ARQUITETÓNICO.	54
FIGURAS 27 E 28: IMAGENS RETIRADAS DO MODELO TRIDIMENSIONAL ILUSTRATIVO DA PROPOSTA DO CONJUNTO.	55
FIGURAS 29 E 30: FOTOGRAFIAS TIRADAS [A 7 DE JANEIRO DE 2013] AO CLAUSTRO DO ANTIGO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO, EM LISBOA - REGISTOS DA AUTORA.	57
FIGURA 31: AXONOMETRIA EXPANDIDA DA PROPOSTA.	58
FIGURA 32: ESBOÇO; CORTE DO EDIFÍCIO DO CLAUSTRO.	63

FIGURA 33: FOTOGRAFIA TIRADA [A 19 DE MAIO DE 2009] À ZONA DESTINADA AOS COMPUTADORES DA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE ARQUITETURA DE ALCALÁ, EM MADRID - REGISTO DA AUTORA...	63
FIGURA 34: FOTOGRAFIA TIRADA [A 19 DE MAIO DE 2009] À BIBLIOTECA DA FACULDADE DE ARQUITETURA DE ALCALÁ, EM MADRID - REGISTO DA AUTORA.	63
FIGURA 35: DESENHOS RETIRADOS DA OBRA “THE ENCLOSED GARDEN”, PÁGINAS 3, 15 E 52.....	64
FIGURA 36: ESBOÇO QUE EVIDENCIA A DISPOSIÇÃO ESPACIAL DE FUNÇÕES NO PISO TÉRREO DO CLAUSTRO, REFORÇANDO O SISTEMA AXIAL JÁ EXISTENTE.	65
FIGURA 37: ESQUEMA ILUSTRATIVO DA ENTRADA PRINCIPAL: RECINTO PÚBLICO (A VERDE) E RECINTO PRIVADO (A CASTANHO).....	66
FIGURA 38: ESBOÇO ILUSTRATIVO DA DISPOSIÇÃO DAS RÓTULAS E DAS SALAS DE AULA, AGRUPADAS DUAS A DUAS.	66
FIGURAS 39 E 40: FOTOGRAFIAS TIRADAS [A 19 DE MAIO DE 2009] AO CLAUSTRO DA FACULDADE DE ARQUITETURA DE ALCALÁ, EM MADRID - REGISTOS DA AUTORA.	67
FIGURA 41: RETIRADO DA OBRA “SPACE AND LEARNING” DE HERMAN HERTZBERGER, PÁGINA 31.....	68
FIGURAS 42 E 43: RETIRADAS DA OBRA “SPACE AND LEARNING” DE HERMAN HERTZBERGER, PÁGINAS 32E 46.	69
FIGURAS 44 E 45: MODELO TRIDIMENSIONAL DOS VESTÍBULOS DE ACESSO ÀS SALAS DE AULA; ESPAÇOS DE ADEQUAÇÃO DE ESCALA.	69
FIGURAS 46 E 47: RETIRADAS DA OBRA “SPACE AND LEARNING” DE HERMAN HERTZBERGER, PÁGINAS 97 E 73, RESPECTIVAMENTE.	70
FIGURA 48: FOTOGRAFIA TIRADA [A 30 DE ABRIL DE 2013] NA VISITA À ESCOLA SECUNDÁRIA BRAANCAMP FREIRE.	70
FIGURA 49: FOTOGRAFIA TIRADA [A 30 DE ABRIL DE 2013] NA VISITA À ESCOLA SECUNDÁRIA BRAANCAMP FREIRE.	71
FIGURA 50: EXCERTO DA CARTOGRAFIA DE LISBOA DA AUTORIA DE FILIPE FOLQUE, 1856.	72

FIGURA 51: ESBOÇOS REPRESENTATIVOS DE HIPÓTESES DESENVOLVIDAS PARA A PROPOSTA.	73
FIGURAS 52 E 53: RETIRADAS DA OBRA “THE ENCLOSED GARDEN”, PÁGINA 11.....	74
FIGURA 54: RETIRADA DA OBRA “THE ENCLOSED GARDEN”, PÁGINA 71.	75
FIGURA 55: ESBOÇO DO PROJETO – RECRIAÇÃO DO ESPAÇO DA ANTIGA CERCA CONVENTUAL.	76
FIGURA 56: POSSIBILIDADES DE ATRAVESSAMENTO PEDONAL DO TERRITÓRIO.....	77
FIGURA 57: CORTE ESQUEMÁTICO QUE PASSA NO PARQUE DE ESTACIONAMENTO DA PROPOSTA.	78
FIGURA 58: PLANTA DE COBERTURA QUE EVIDENCIA, A VERDE, OS CANTEIROS DE COTA INFERIOR, COLOCADOS NO CENTRO RELATIVAMENTE AOS RESTANTES.	78
FIGURA 59: FOTOGRAFIA ORIGINAL TIRADA [A 30 DE ABRIL DE 2013] NA VISITA À ESCOLA SECUNDÁRIA BRAANCAMP FREIRE.	79
FIGURA 60 E 61: FOTOGRAFIAS TIRADAS [A 3 DE DEZEMBRO DE 2013] NO MUSEU NACIONAL DO AZULEJO, EM LISBOA - REGISTOS DA AUTORA.	79
FIGURA 62: RETIRADA DA OBRA “THE ENCLOSED GARDEN”, PÁGINA 25.	80
FIGURAS 63 E 64: FOTOGRAFIAS TIRADAS [A 25 DE FEVEREIRO DE 2014] AOS ESPELHOS DE ÁGUA DO JARDIM DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN – REGISTOS DA AUTORA.....	81
FIGURA 65: FOTOMONTAGEM ILUSTRATIVA DO POLO DESPORTIVO.	82
FIGURA 66: FOTOMONTAGEM ILUSTRATIVA DA PROPOSTA DE PAISAGISMO NA CERCA.....	82
FIGURA 67: FOTOMONTAGEM DA PROPOSTA.	82

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família pela paciência e apoio ao longo deste ano, em especial ao meu pai, pelos momentos de discussão que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento do projeto. Ao Bruno César, agradeço o interesse e entusiasmo em me ouvir.

À Dra. Célia Pilão, que se dispôs a revelar-me alguns dos segredos de Santa Marta, realizando exclusivamente para mim uma visita ao local, e ainda os importantes documentos relativos à investigação histórica desenvolvida.

À professora Graça Saraiva, que sem ter à partida qualquer responsabilidade perante o trabalho, se demonstrou de imediato interessada em me ajudar na última fase do projeto. Agradeço-lhe o tempo que disponibilizou para conversarmos, bem como as referências dadas.

À professora Maria Dulce Loução, pela orientação que em tanto contribuiu para a determinação do trabalho. Nesta passagem pela faculdade, foi sem dúvida o docente mais presente na minha vida académica, pelo que só faria sentido terminar igualmente com a sua ajuda.

Por fim, ao professor Nuno Arenga, agradeço as incontáveis horas que disponibilizou para me acompanhar neste percurso, tanto na parte prática de projeto como na parte teórica. A sua coorientação foi incansável e a sua ajuda foi imprescindível.

Obrigada.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto que no decorrer do nono semestre o projeto incidiu no trabalho de análise das sete colinas de Lisboa, em específico nos processos de transformação na área da colina de Sant'Ana, verificou-se uma preocupação relativa à escolha do edifício sobre o qual se desenvolveria o projeto, já que este deveria ser dotado de um valor simbólico intrínseco, potenciador do desenvolvimento do estudo.

O que se pretendia, como premissa inicial, era a escolha de um local de intervenção que realçasse a capacidade da arquitetura transmitir, pelo seu significado, um sentido existencial a quem a experienciava. A essência ou qualidade específica do lugar deve estar no centro da disciplina, por forma a ser preservado esse carácter que permite ao Homem dar significado à sua existência.

A escolha do Hospital de Santa Marta, localizado na freguesia do Coração de Jesus, para além de responder à questão suprarreferida, permitia uma aproximação a uma situação real (perante a possibilidade do seu encerramento), possibilitando a apropriação do espaço para outros usos, úteis à população local.

1. OBJETO DE TRABALHO – O TEMA JUSTIFICAÇÃO E ENQUADRAMENTO

O tema do trabalho advém de uma vontade de salvaguarda dos valores históricos, artísticos, arquitetónicos, construtivos e culturais, por meio de uma intervenção prática de preservação de um património. Assim, o estudo realizado pretende explorar a vertente da reabilitação de uma pré-existência – o antigo convento de Santa Marta, em Lisboa, construído ao longo dos séculos XVI a XX. Toda a reflexão e análise de pesquisa constituíram ferramentas para o conhecimento de temas que permitiram o ato de pensar e projetar na área conventual, constituindo o tema base de todo o desenvolvimento do trabalho.

Os principais motivos que levaram à escolha do tema centram-se na importância da reabilitação, como modo de assegurar a continuidade e adaptação a novos usos e novas funções, de modo a manter viva a memória de antigos edifícios. Neste sentido, a sua organização formal e espacial, o seu dimensionamento, o seu valor simbólico e patrimonial, constituem também objetos de estudo.

Como consequência de inúmeras intervenções arquitetónicas sofridas ao longo destes cinco séculos, reconhecem-se mudanças programáticas desde a sua construção inicial até aos dias de hoje. Pensado inicialmente enquanto Mosteiro, este lugar encontrava-se inserido num território reconhecido como a “Colina dos Conventos”, no qual as várias estruturas conventuais tinham um grande impacto na própria imagem da Colina.

No entanto, foi ao longo do século XIX, com a extinção das Ordens Religiosas¹ em Portugal, que estes Conventos sofreram profundas mudanças programáticas, tendo alguns destes sido adaptados a funções hospitalares. Estas estruturas voltaram, assim, a ter um papel decisivo na definição da vivência da Colina que hoje reconhecemos como a “Colina da Saúde”. O Hospital de Santa Marta, atualmente representativo de um século de história da medicina em Portugal, encontra-se inserido num programa² iniciado no ano de 2012 que pretende desativar cinco Hospitais. É relevante questionar como requalificar tais espaços (onde se insere a antiga cerca conventual?), e posteriormente, como reforçar o que tem valor (o convento, o hospital, a religião e a medicina), potenciando as memórias que merecem reconhecimento, permitindo usos mais atualizados. Assim, toma lugar a questão fulcral que anda lado a lado com questões teóricas da reabilitação: o que deve ser preservado e o que pode ser eliminado? Onde e como inserir o novo?

¹ A extinção das ordens religiosas em Portugal ocorreu no contexto da consolidação do Liberalismo, após a Guerra Civil (1828-1834).

² A empresa pública ESTAMO, após adquirir nos anos de 2009/2010 os hospitais de Santa Marta, São José, Capuchos e Miguel Bombarda, submeteu à apreciação da Câmara Municipal de Lisboa quatro projetos de loteamento para aqueles terrenos. Os projetos constituem essencialmente hotéis, prédios de habitação e zonas de comércio. Tal implicaria a concentração destes serviços hospitalares num novo hospital, o de “Todos os Santos”, na zona da Bela Vista.

Ora, tratando-se de um edifício com uma longa história, e que inclusivamente foi utilizado para diferentes fins, teve-se como objetivo a investigação dos seus precedentes, de modo a intervir positivamente. Para tal, pretendeu-se apontar novos programas de usos / serviços, ajustando os instrumentos de atuação e reafirmando as suas virtualidades. O tema abordado obrigou a uma reflexão sobre o passado, para posteriormente construir o futuro. Tal como afirma Baltazar Matos Caeiro³, o estudo referente ao Hospital de Santa Marta, “carregado de valor histórico, social e cultural, sedimentado por séculos de acontecimentos e vivências, constitui um tema vasto pelas inúmeras premissas”, nomeadamente cronológicas e urbanísticas, que recaem sobre dois universos distintos, mas contíguos: temporal e espacial.

2. OBJETIVOS

Contrariamente ao desenvolvimento exponencial ocorrido nas últimas décadas, a construção de edifícios novos revela-se cada vez mais uma atividade em forte contração. Assim, torna-se necessário repensar os edifícios antigos, muitos dos quais apresentam um elevado estado de degradação. A reabilitação das edificações existentes torna possível a valorização do património anteriormente edificado, que não teve manutenção regular, e que por isso, necessita de intervenção. De fato, em arquitetura, estamos permanentemente perante situações de reavaliação do presente, que nos permitem a introdução de novas reformulações. No entanto, para um melhor entendimento do modelo teórico da metodologia de reabilitação, é necessário compreender a sua base ideológica, assim como a exploração prévia dos seus conceitos. Uma questão que parece pertinente assenta na preocupação com a reversibilidade das intervenções, sem subtrair quantidades consideráveis de elementos, descaracterizando o edifício intervencionado. Este aspeto remete-nos para uma questão de reabilitação consciente.

Uma reabilitação considera-se consciente do ciclo de vida do edifício, quando respeita e tem em conta o projeto segundo as três temporalidades: o passado, o presente e o futuro. Também este último deve ser considerado, já que elementos adicionados podem ser retirados ou substituídos, se necessário, facilitando a manutenção, e futuras alterações. As considerações de preservação do passado, considerando o futuro, são igualmente uma questão importante. Tal como teorizou Paul Ricoeur⁴, “...a ética da memória estabelece o dever da lembrança, obrigando-nos a extrair do passado (das suas recompensas e dos seus traumatismos) a exemplaridade, tornando essa memória pertinente para a conformação das novas vontades e dos projetos que irão, inevitavelmente, transformar.”

Com vista ao entendimento da pré-existência em estudo, o trabalho tem como objetivo explorar uma abordagem que visa a compreensão do carácter essencial e próprio

³ Baltazar José Mexia de Matos Caeiro (Lisboa, 5 de Janeiro de 1951) é um médico e escritor português, autor da obra “Os Conventos de Lisboa”.

⁴ Filósofo e pensador francês do século XX.

deste lugar enquanto contexto do exercício de projeto. Pretende-se, portanto, fazer uma análise da história e da arquitetura do conjunto e da sua evolução ao longo do tempo, incluindo o seu enquadramento no contexto urbano, constituindo as bases teóricas de sustentação do projeto e tendo como objetivo a realização de uma proposta para o conjunto, interpretando a pré-existência e adaptando-a ao novo conteúdo programático. Assim, o projeto final pretende desenvolver o território do Hospital de Santa Marta no âmbito da requalificação da Colina de Sant'Ana, repensando a sua estrutura e programa, articulando o seu papel no contexto que o envolve.

A colina de Sant'Ana representa atualmente um território de debate, na medida em que a desativação programada dos hospitais aqui localizados vem marcar um momento de mudança para o futuro desta área consolidada. Perante tal tecido heterogéneo⁵, como poderá este ser repensado e revalorizado face à sua dupla condição de lugar interior em diálogo com o exterior e seu sistema urbano? Dos conventos que resistiram a todos os contratempos ao longo da história, inclusivamente à inevitável rede de novos arruamentos na moderna planificação urbana, e à construção civil do nosso século, encontramos atualmente (pobrememente) instalados hospitais, quarteis, escolas, tribunais, serviços públicos, que representam uma fonte constante e inesgotável de adaptações imperfeitas, que devem ser revistas. Intervir e construir não constituirão apenas uma leitura sobre a realidade, mas sim a capacidade de atribuir consistência à construção de um espaço público, por meio de programas adequados à reformulação do caso de estudo. Ora, a adequação desse programa será pensada segundo valores que interessa manter, sendo estes de vertente cultural, de uso e emocional, que por sua vez integram valores associados à identidade, continuidade de leitura histórica, simbólicos e espirituais.

Apesar da importância indiscutível do carácter funcional da arquitetura, é o carácter existencial que permite ao indivíduo habitar e identificar-se com a realidade que o rodeia, estando este último, intimamente ligado a uma interpretação poética da mesma que a explica e a torna compreensível. O objetivo do estudo centraliza-se nas ações de reabilitar, revitalizar, regenerar, requalificar e reutilizar o edifício, acrescentando valor e significado, reafirmando a necessidade de refletir e agir de novo.

3. METODOLOGIA ADOTADA

Na realização do trabalho foram adotados vários métodos, nomeadamente o analítico, o comparativo, o dedutivo e o interpretativo, num percurso bidirecionado no espaço e no tempo, do geral para o particular, ou seja, da cidade de Lisboa para a colina de Sant'Ana, e da mesma para o convento de Santa Marta.

⁵ O Hospital de Santa Marta encontra-se no local de transição entre duas vertentes urbanas muito distintas, uma onde se destacam construções de menor escala, que contrasta com outra mais planeada.

Procedeu-se à investigação histórica do desenvolvimento urbanístico da colina de Sant'Ana e, em particular, do Hospital de Santa Marta. Procurou-se interpretar a dinâmica da colina numa perspetiva globalizante, de modo a relacioná-la sempre com o hospital. Para tal, foi feito um cruzamento de teorias, opiniões, conceitos e critérios fundamentados pelos autores consultados. Foram abordadas as relações de complementaridade: convento/cerca; convento/hospital; interior/exterior; público/privado; limite/transição; cheio/vazio. Para tal, explorou-se uma metodologia de trabalho que permitiu simultaneamente relacionar opções concetuais com resoluções técnicas e funcionais.

Por fim, recorreu-se ao “método do projeto” para formalizar hipóteses, desenvolver estudos e soluções específicas, visando a dignificação do Hospital de Santa Marta. Uma vez que não fará sentido pensar o lugar deslocado no tempo a que pertence, foi feita uma reflexão sobre as possibilidades do “novo” programa com base nos seus contextos social, cultural e económico tendo sempre em conta a compatibilidade com a identidade do lugar.

CAPÍTULO II

FENOMENOLOGIA DO LUGAR

“A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na consciência e não pensa que se possa compreender o mundo de outra maneira senão a partir da sua “facticidade”. (...) É a ambição de uma filosofia que seja uma “ciência exata”, mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo “vividos”.⁶

⁶ Merleau-Ponty, Maurice, “Fenomenologia da Percepção”, Livraria Martins Fontes Editora Ltda., São Paulo, 1999, p.1

O Lugar é parte integrante da nossa existência, na medida em que o desenrolar da vida quotidiana acontece num mundo repleto de "fenómenos" que nos transmitem estímulos. A Fenomenologia, por sua vez, faz a relação entre o sujeito e o mundo, interpretando os fenómenos que em si ocorrem. Esta reflete-se segundo a "percepção sensível" e "percepção intelectual" de cada um, pois cada indivíduo é influenciado pelas suas experiências e cultura.



Figuras 1 e 2: Retiradas da obra "Genius Loci", página 20.
Imagens representativas de culturas díspares- S. Gregório, Gosenza (à esquerda) e Naples (à direita).

Para Christian Norberg-Schulz⁷ a fenomenologia é "um retorno às coisas, oposta às abstrações e às construções mentais". O método fenomenológico age a partir de reflexões e de teorizações provenientes da percepção do contacto que estabelecemos com as coisas e os lugares. Ora, sendo o método projetual adotado o método fenomenológico, surge a importância de compreender, neste primeiro capítulo, em que consiste a fenomenologia do lugar e como esta influencia o processo projetual.

4. SIGNIFICADO EXISTENCIAL E SUA RELAÇÃO COM O SUJEITO

Algumas definições de Lugar não traduzem a vivência do espaço: o Lugar é definido, com regularidade, de acordo com a visão Aristotélica, como uma posição de um corpo num determinado espaço. No entanto, para além de marcar uma posição no espaço, o Lugar afirma-se, essencialmente, pela sua autonomia cultural, que é reconhecida tanto pelas vivências que propicia como pelo carácter físico dos elementos constituintes do seu ambiente.

Para pertencer a um Lugar qualquer pessoa tem a necessidade de se situar a partir da afirmação da sua identidade como ser individual. O sentido de identidade é influenciado por elementos fundamentais do Lugar. Sendo o mundo uma totalidade que apela à relação entre todos os elementos da sua existência, o ser humano e o espaço físico que o envolve coexistem numa inter-relação em que o primeiro não fará sentido descontextualizado do segundo.

⁷ Christian Norberg-Schulz (1926 – 2000), arquiteto norueguês autor da obra "Genius Loci".

“O que entendemos então pela palavra lugar? Obviamente entendemos algo mais do que a mera localização abstrata. Entendemos uma totalidade formada por coisas concretas com substância material, forma, textura, e cor. Juntas, estas coisas determinam um caráter ambiental; que é a essência do lugar”⁸

Segundo Norberg-Schulz, na sua obra “Genius Loci”⁹, o homem experiencia um determinado lugar quando consegue orientar-se e identificar-se com um ambiente, isto é, quando lhe atribui significado. Assim, lugar é um espaço com um caráter distinto. Mais do que a mera localização abstrata, consiste numa totalidade significativa de aspetos concretos com substância material, forma, textura e cor, que determinam um “caráter ambiental”. O caráter ambiental denota um valor, já que um lugar é um fenómeno qualitativo, total, que não pode ser reduzido a nenhuma das suas propriedades, sem perder de vista a sua natureza concreta. Apresentando-se como totalidades qualitativas, o lugar não pode ser descrito por meio de conceitos “científicos” analíticos.

No geral, a natureza constitui uma totalidade abrangente, um lugar que, de acordo com as circunstâncias locais tem uma identidade particular. Essa identidade, ou “espírito”, pode ser descrita por meio do tipo de termos concretos, qualitativos. A expressão “natureza concreta”, contrariamente ao que possa parecer, é a descrição dos aspetos quantitativos da geografia e da geometria do lugar e não traduz a natureza concreta das coisas, pois o lugar não é só a medida das suas configurações e aspetos, mas também o que nele se presentifica, se acolhe e se oculta, e essa dimensão é em última análise uma dimensão que se obtém pela experiência direta e concretamente vivida.

“The place is the concrete manifestation of man’s dwelling, and his identity depends on his belonging to places.”¹⁰

Segundo a apropriação do Homem pelos diferentes ambientes culturais que se define o caráter específico do Lugar. Este surge, portanto, como um ponto de encontro entre homens e culturas. É no Lugar que se faz a História, onde os objetos constituintes têm o seu significado associado à sua existência num espaço com identidade.

Ora, como compreenderemos adiante, aqui encontra-se presente o princípio projetual abordado no Lugar de Santa Marta: a construção do Lugar parte do correto entendimento do sítio por meio da sua própria história. Quando dissociados dos seus lugares, os objetos são puras abstrações. De fato, a memória do que em tempos

⁸ Norberg Schulz, autor fundamental para a percepção do significado de “Genius Loci”, afirma que o espaço, enquanto extensão abstrata, é intangível; que existe a partir do reconhecimento dos lugares. O que existe tem Lugar.

⁹ Genius loci deriva do termo latino que se refere ao “espírito do lugar”. A expressão diz respeito ao conjunto de características socioculturais e arquitetónicas, que caracterizam um lugar.

¹⁰ “O lugar é a manifestação concreta da vivência do homem, e sua identidade depende da pertença a determinados lugares.”
Norberg-Schulz, Christian, “Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture”.

existiu e a antecipação do que gostaríamos que viesse a existir constituem a perspectiva real -presente- do espaço. Só após compreendermos com clareza o Lugar, as características fundamentais destes objetos podem ser positivamente realçadas.

5. A ESTRUTURA E O “ESPÍRITO DO LUGAR”

Todos os lugares possuem caráter¹¹. O carácter é determinado pela materialização e constituição formal do lugar. Enquanto “*espaço*” denota a organização tridimensional dos elementos que compõem um lugar, o “*caráter*” denota a atmosfera geral, como propriedade mais abrangente. Os Lugares são designados por “*substantivos*”, o que implica que sejam considerados como “*elementos que existem*” num determinado ambiente real. Espaço, como um sistema de relações topológicas, é denotado por “*preposições*”, e caráter, por sua vez, é denotado por “*adjetivos*”. No entanto, sendo, como já vimos, uma totalidade complexa, é evidente que um único adjetivo não pode referenciar mais do que um aspeto desta totalidade, não sendo, portanto, suficiente.

Tal como referido anteriormente, o Homem “*recebe*” o meio ambiente e transforma-o, atribuindo-lhe significado, de modo a que este se torne significativo, com um caráter que lhe é próprio. Deste modo, os lugares manipulados pela presença do homem têm por base três princípios essenciais: em primeiro lugar, o homem deseja tornar a estrutura natural mais precisa, ou seja, pretende visualizar o seu entendimento da natureza, expressando a posição existencial que ele ganhou. Para tal, constrói o que a natureza lhe sugere, evidenciando aspetos potencialmente positivos (se a natureza lhe oferece um espaço delimitado, constrói um recinto; onde a natureza indica uma direção, faz um caminho).



Figura 3: Retirada da obra “Paisagem Urbana” de Gordon Cullen.
Representação de um recinto ou pátio como espaço urbano interior, caracterizado pelo sossego e tranquilidade.

¹¹ Modo básico em que o mundo nos é apresentado.

Em segundo lugar, o homem sente necessidade em complementar o existente, e por último, em simbolizar a sua compreensão da natureza (e de si próprio). Simbolização implica libertar o sentido da situação imediata, tornando-se em objeto de cultura. Para tal é necessário que o homem tenha a capacidade de reunir os significados existentes relevantes, de modo a criar um microcosmos capaz de concretizar o seu mundo.

Independentemente de alterações impostas pelo homem é importante proteger e conservar o “genius loci”, de modo a conservar a essência dos ambientes, quando inseridos em novos contextos históricos. É possível afirmar que a história de um lugar é a sua autorrealização. Em contacto com um ambiente que não reconhece, o primeiro esforço do Homem está na tentativa da sua compreensão. Assim, cria um lugar com o qual é possível relacionar-se e acima de tudo, reconhecer e reconhecer-se, não impondo o seu pensamento individual, mas sim interpretando o que dali reconhece em si como seu. “Criar”, mais do que instituir um novo carácter, será tornar o que pré-existe reconhecível. Esta ideia está presente no antigo Convento de Santa Marta, local onde, numa fase inicial, o homem se apropria do que o Lugar lhe apresenta como positivo: constrói a parte edificada na proximidade da rua principal, dando especial destaque à igreja (que recebia o público), e procede ao aproveitamento do declive natural do terreno para apropriação do mesmo enquanto espaço de lazer e autossubsistência. Neste sentido, o presente trabalho pretende retomar os pontos de partida lógicos existentes na época para novas situações, recuperando aspetos arquitetónicos favoráveis do Lugar, que se perderam no tempo.

Um dos lugares onde é visível esta salvaguarda de elementos históricos é na Cerca do Mosteiro de São Martinho de Tibães. A antiga Casa-Mãe da Congregação Beneditina Portuguesa, perto de Braga, destaca-se na paisagem da margem esquerda do Rio Cávado com o denso arvoredo da sua cerca. Aqui, todo o ambiente nos transporta para os séculos de história, no qual é predominante a riqueza de uma vivência religiosa em equilíbrio com a natureza.



Figura 4: Retirada da obra “Jardins com História, Poesia Atrás de Muros”, de Cristina Castel-Branco, página 46.

Tendo como primeiro objetivo o sustento da comunidade monástica, a cerca do mosteiro foi beneficiando da reorganização de toda a propriedade. Imbuídos de espírito renovador, os monges souberam rodear-se de ilustres mestres da época, que conservaram a herança do passado.



Figura 5: Retirada da obra “Jardins com História, Poesia Atrás de Muros”, de Cristina Castel-Branco, página 47.

Escadaria que desce acompanhada por uma cascata, que se divide em sete pequenas plataformas separadas umas das outras por lances de seis degraus. Cada um destes terraços difere do anterior pela ornamentação desigual das suas fontes.

Nas sucessivas ampliações do convento, a cerca foi sendo estruturada em socalcos preparados para acolher hortas, pomares, latadas, vinhas, aquedutos, fontes, muros e caminhos que nos propiciam cenários de grande beleza e de introspeção. As sucessivas alterações e acrescentos oferecem-nos hoje o encanto de espaços que se ligam sem traçado unificador, mas com o gosto da surpresa.

Após a extinção das ordens religiosas, o mosteiro é vendido a particulares em hasta pública em 1864. Sem meios para conservarem uma cerca com 40 hectares, a propriedade é progressivamente abandonada, até que, em 1986, o Estado a adquire e inicia o seu restauro. Ao modelarem a paisagem, souberam adaptar a natureza às suas necessidades e as suas necessidades à natureza, aliando a funcionalidade ao lazer e o trabalho à espiritualidade, transformando a cerca num cenário de harmonia entre o passado e o presente, onde prevalece o “genius loci” do lugar.

“Genius loci” é um conceito romano, segundo o qual se acreditava que todo o ser independente tem um génio, o seu espírito guardião. Espírito esse que dá vida a pessoas e lugares, e os acompanha desde o nascimento até a morte, determinando o seu carácter e essência. O mundo de objetos reunidos por um Lugar constitui o seu

“*genius*”. Schulz defende que a vida humana não pode desenvolver-se em qualquer parte, pois esta pressupõe um espaço que seja na realidade um pequeno cosmos, um sistema de lugares, para o qual é necessário que captem o seu “*genius*”, a divindade local, que no mundo clássico governava e protegia cada Lugar – divindade que conferia o sentido da própria identidade a cada caso particular. O Espaço Existencial é em suma, o resultado da interação e influência recíproca entre o Homem e o meio que o rodeia.

Na vivência do quotidiano com o meio envolvente, o Homem é exposto a um certo carácter ambiental, sendo que a orientação e identificação são funções psicológicas necessárias para obter uma posição existencial. É necessário que o sujeito se identifique com o meio ambiente. Em sistemas cujo reconhecimento de elementos é fraco, o sujeito sente-se perdido. Estar perdido é, evidentemente, o oposto à sensação de segurança e de proteção, que conferem qualidade ambiental. Embora complementares, estes termos são independentes entre si, pois é possível um indivíduo orientar-se sem se identificar verdadeiramente com nada e é possível identificar-se com o meio, sem estar familiarizado com a estrutura espacial envolvente - o lugar é apenas sentido como carácter globalizante.

6. REFLEXÃO DO LUGAR NA ARQUITETURA

Após a análise da relação entre o sujeito e o Lugar e do conceito de “*genius loci*”, é possível reconhecer que o tipo de presença do Homem no mundo pressupõe a significação do ambiente natural onde vive por meio da arquitetura, ou seja, o trabalho do arquiteto tem como objeto este “ambiente” e como objetivo a sua significação por meio do construído. Arquitetura surge como meio para visualizar o *genius loci*, e a tarefa do arquiteto é a de criar lugares significativos, que permitam o habitar.

“The purpose of architecture is to move us. Architectural emotion exists when the work rings within us in tune with a universe whose laws we obey, recognize and respect.”¹²



Figura 6: Retirada da obra “*Genius Loci*”, página 117. Paisagem despida de arquitetura.

¹² “A arquitetura tem como objetivo mover-nos. A emoção transmitida pela arquitetura existe quando o nosso trabalho está em sintonia com um universo cujas leis reconhecemos, obedecemos e respeitamos.” NORBERG-SCHULZ, Christian, “*Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*”.

A questão que se coloca agora está então diretamente ligada ao modo de operar do arquiteto, sendo pertinente a interrogação acerca de como pode o trabalho da arquitetura tornar perceptível o significado existencial da presença do Homem num mundo físico. Segundo Martin Heidegger¹³, a ordem é o significado básico da Arquitetura. No seu texto “construir, habitar, pensar”¹⁴, afirma que o Lugar está intimamente ligado com o habitar, na medida em que o Homem habita o território, transformando-o. O genuíno ato de habitar compreende o edificar como meio para permanecer num determinado Lugar.

Com base no argumento de Norberg Schulz de que a vida humana é um fenómeno concreto, isto é, um fenómeno no qual as “coisas” concretas participam, a relação do sujeito com o espaço físico é também um fenómeno concreto, em oposição a uma qualidade abstrata. Assim, na relação sujeito-lugar, o ser humano procura significado nos elementos concretos que o rodeiam, já que este tipo de experiência pressupõe a fruição do espaço através dos sentidos, e consequentemente da apreensão de elementos concretos. Assim sendo, é necessário procurar o conteúdo existencial nas “coisas” concretas do ambiente, referido no tópico anterior.

Por forma a ser pensada, a arquitetura requer a compreensão da sua função, do seu propósito, com vista a criação de bases essencialmente precisas. O espaço arquitetónico corresponde a um Lugar em particular, que reflete os diferentes níveis culturais da sua origem concetual, que contribuem decisivamente para a definição e expressão da sua identidade. O Lugar pode ser estudado segundo duas dimensões: a “estrutura espacial”, enquanto geometria tridimensional, e “caracter”, referente a espaço enquanto campo perceptivo, que se materializa através de “estruturas espaciais”. Suponhamos que dois lugares geograficamente diferentes são compostos por “estruturas espaciais” semelhantes (texturas, cores, formas e objetos semelhantes), ainda assim formalizaram carácteres distintos. A responsabilidade do arquiteto consiste fundamentalmente em preservar o “espírito do lugar”, já que a sua individualidade corresponde exatamente à relação que deve ser estabelecida entre o sujeito e o lugar, através da arquitetura.

¹³ Martin Heidegger (1889 — 1976) foi um filósofo alemão e um dos pensadores fundamentais do século XX, quer pela recolocação do problema do ser e pela refundação da Ontologia, quer pela importância que atribui ao conhecimento da tradição filosófica e cultural.

¹⁴ Este texto de Heidegger foi exposto pela primeira vez em 1951. Constitui-se num ensaio bipartido, que procura estabelecer a essência do construir.

CAPÍTULO III

O LUGAR CONVENTUAL

7. O CONVENTO

O Convento identifica-se como Lugar na medida em que neste atuam diferentes parâmetros que estão associados a um caráter cultural específico, que conferem ao Lugar identidade enquanto espaço arquitetónico. O Lugar está associado a uma série de características criadas pelo Homem. Este, enquanto ser que habita e transforma o território, tem um papel importante na formulação de um conjunto de valores e memórias. Deste modo, em todos os casos de Convento, é visível a associação do Lugar a um conjunto de características com uma componente simbólica e cultural essencialmente ligada ao habitar.

Até ao século XVIII, a conservação e reutilização de edifícios em Portugal tinha um sentido essencialmente utilitário, sem se ocupar com a devida preocupação pelo património. Mais tarde, com a implantação da República¹⁵, a igreja sofre alterações com a Lei de Separação da Igreja e do Estado, que ao anular o Catolicismo como religião oficial do país, torna a explorar todos os bens pertencentes até então à igreja. Assim, grande parte do património imóvel das instituições religiosas foi alvo de *“violentas reutilizações com graves prejuízos para a sua integridade histórico-artística”*¹⁶.

Segundo Baltazar Matos Caeiro, autor da obra “Os Conventos de Lisboa”, a cidade conta com a implantação de 88 conventos, sendo que a maioria serve outros fins que não os iniciais. Lembra que, *“a sua influência advém, não só da monumentalidade e valor artístico dos edifícios, mas pela vertente histórica e sociológica dos acontecimentos que rodearam a sua fundação, vida e as figuras a eles ligados”*¹⁷.

A palavra “conventus” parece ter as suas raízes etimológicas na época do Império Romano, tendo como principal significado a designação de reuniões para administração da Justiça. No entanto, foi no século II, com a expansão da religião cristã, que os conventos surgem como local de meditação, designando o edifício no qual os monges compartilhavam o seu quotidiano. Mais tarde passa a ser entendido como qualquer residência em que membros de uma Ordem Religiosa vivessem sob juramento. Hoje, no entanto, o termo é aplicado quase exclusivamente para os domicílios de mulheres religiosas, ou freiras. Ao contemplar a Natureza, o Homem descobriu fenómenos que o transcendiam e lhe revelavam a existência de um poder supremo de criação. Estabelece então com a envolvência uma profunda relação de cumplicidade espiritual, exercitando-se na meditação e oração; no cumprimento de rituais ascéticos e na renúncia progressiva aos hábitos quotidianos característicos da condição profana, o que obrigava, por vezes, a ser autossuficiente.

¹⁵ A Implantação da República Portuguesa foi o resultado de uma revolução organizada entre os dias 2 e 5 de outubro de 1910, que destituiu a monarquia constitucional para implantar um regime republicano.

¹⁶ Maria João Neto; “Memórias, Propagando e Poder, O Restauro dos Monumentos Nacionais”, pág. 74

¹⁷ Citação da página 9 da obra mencionada.

O convento foi durante muito tempo o centro religioso e cultural, já que a hierarquia territorial era regida quase sempre pela autoridade eclesiástica, sediada na igreja do convento ou na igreja matriz. Importante foi também a marca arquitetural e artística dos conventos, que se compunham, geralmente, pela igreja, zona conventual, onde se localiza o claustro (para onde se abriam as restantes dependências: a sala do capítulo, o refeitório, a biblioteca, a enfermaria e a roda). No piso superior, localizam-se os dormitórios e as celas. Em redor do edifício, encontrava-se a cerca, onde se localizava a horta e o pomar, para autossustento do convento. Os conventos constituíram, portanto, focos de vida religiosa, civil e artística, que promoveram a fixação das populações, servindo de legado para a história.

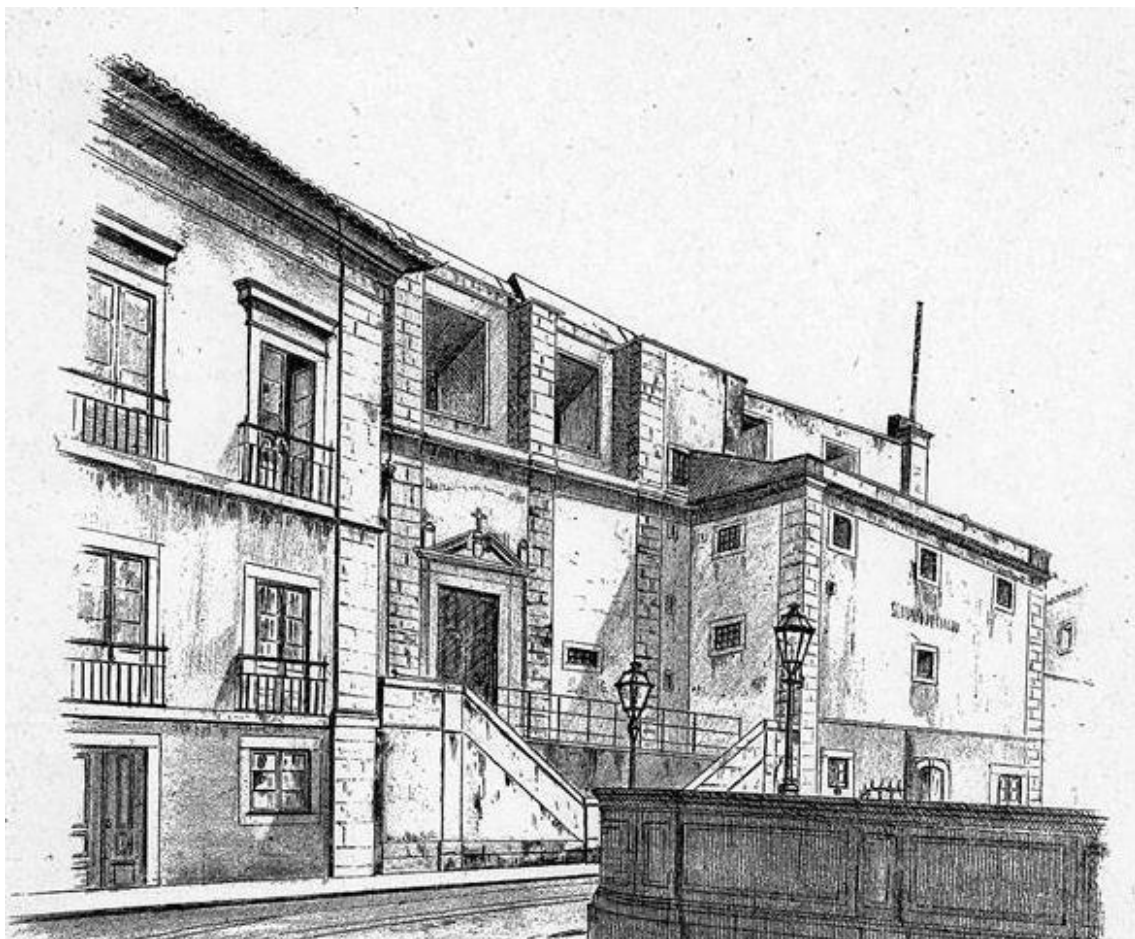


Figura 7: Desenho da fachada da Igreja de Santa Marta - Retirado da memória descritiva do programa base para a realização do projeto do Museu e Sala do Capítulo, dos arquitetos Vasco Massapina e Jorge Kol de Carvalho.

8. A CERCA CONVENTUAL E SEUS ELEMENTOS CONSTITUINTES

As cercas conventuais assumem-se, num contexto de paisagem, como uma das manifestações mais representativas, encontrando-se hoje, por fatores de ordem diversa, numa situação generalizada de abandono, de degradação ou de ruína, ameaçadas pela voragem do tempo, condenadas pelo esquecimento ou ignorância dos homens.

Desde a extinção das ordens religiosas, em 1834, que se assiste a uma progressiva delapidação e desvalorização do património legado. O vandalismo, o desleixo, a incúria ou o simples desconhecimento humano chegaram, em certas ocasiões, a tomar contornos institucionais, como o desaparecimento de Conventos. Paradoxalmente terá sido o próprio carácter naturalista o seu principal adversário, já que tal atributo veio camuflar o verdadeiro valor daqueles espaços enquanto jardins. A recuperação das cercas deverá ser acompanhada pela recuperação do respetivo edifício, dado que ambos se interligam, se complementam e dão razão de ser um ao outro. O edifício partilha com a cerca das mesmas razões que a geraram, dos mesmos princípios dogmáticos que a regulamenta. A cerca surge a partir do próprio edifício, envolvendo todo o seu espaço exterior, desmultiplicando-se em pequenos universos íntimos e autónomos.

A cerca conventual englobava geralmente elementos como a mata, o pomar e a horta. A Mata, para além dos aspetos ecológicos, impõe um importante significado místico e simbólico, onde se perpetua o estado do ambiente natural impenetrável. Simultaneamente calmo, sombrio, íntimo e misterioso, neste ambiente encontra-se o cenário ideal para o recolhimento, materializando-se este ato na construção de capelas, onde se orava e meditava. Em termos estruturais, a Mata apresenta-se segundo uma composição orgânica, espontânea e simultaneamente intencional, evidente no traçado deambulante dos caminhos e na disposição natural da vegetação. O Pomar e a Horta são os espaços produtivos das cercas destinados a tornar os espaços conventuais suficientemente autónomos. Paralelamente aos interesses produtivos manifestavam-se pressupostos contemplativos, protagonizados pela presença de aromas e pelas características ornamentais da flor e do fruto. As funções lúdicas e de recreio que se associavam ao Pomar determinaram que ele se localizasse preferencialmente na envolvência do edifício, donde seria possível contemplá-lo. O Horto de Recreio teria um carácter lúdico, ornamental ou puramente metafórico. Local onde se plantavam as flores, de grande valor simbólico, usadas para adornar os altares e as capelas. O Jaricó, termo que significa “jardim pequeno”, contava geralmente com a presença da água. Esta surge como símbolo de vida e de fertilidade, fonte de regeneração corporal e espiritual, como sinal da pureza alcançada. Os muros que o contêm serão o limiar do desejado paraíso.

9. A RELIGIOSIDADE DO ESPAÇO

A construção do muro da cerca (menos morosa e complexa do que a do edifício) seria provavelmente a primeira a concretizar-se, garantindo de imediato a privacidade do lugar. Ao erguer-se o muro da cerca delimitava-se o espaço perante a paisagem envolvente. Ocupando-o, e sobretudo, trabalhando-o, os frades tornavam-no qualitativamente diferente, num espaço sagrado. Potencialmente, todo aquele mundo interior só seria conhecido e desfrutado por quem o tivesse “quebrado”. Entre o mundo exterior e o mundo interior existia, assim, uma divisória estanque que procurava proteger os frades da livre circulação e, conseqüentemente, da profanação do seu espaço. É precisamente o carácter religioso do espaço da cerca conventual que apela ao seu segredo, que motiva a sua contenção. Esta sua genuína e imaculada

identidade fez, porventura, com que se tivesse conservado o termo “cerca” para designar tal espaço. O muro será, então, a expressão material desse isolamento, aquele que primeiro regula as suas relações – física e visual – com o mundo exterior.

10. OS CONVENTOS NA LISBOA ANTIGA

A história dos conventos remonta ao século II, época em que constituíam locais de solidão, privilegiados para os homens se isolarem do Mundo, e enveredarem pela vivência espiritual, primeiro em *Lauras*¹⁸, e depois em grupo (formando *cenóbios*¹⁹). Qualquer que fosse o estilo arquitetónico ou época construtiva dos conventos, estes tinham quase sempre traçado similar, devido à uniformidade nas exigências da vida religiosa em comunidade²⁰.

Em Portugal, desde os primeiros momentos da Lisboa cristã que as ordens religiosas desempenharam um papel fundamental, contribuindo para a estruturação e organização do espaço urbano e, sobretudo, marcando a vida da cidade a nível económico, social, político e cultural. Durante a Idade Média as casas religiosas de Lisboa constituíam-se como importantes centros produtores de cultura (e de formação cultural), bem como insubstituíveis polos de assistência social para a população. Assim, até ao século XVII, os conventos foram polos estruturadores do crescimento urbano, na medida em que foram das primeiras construções fora da muralha fernandina. Orientaram o crescimento para ocidente, com os conventos da Trindade, S. Francisco e Carmo, e para Oriente, com o de S. Vicente e da Graça. A partir do século XVI, também a fixação dos Jesuítas em S. Roque influenciou o crescimento do primeiro bairro moderno de Lisboa, o Bairro Alto. Funcionavam como escolas, lugares de culto ou peregrinação, e deram nome a lugares depois urbanos que à sua volta proliferavam. Logo desde a Idade Média, os conventos eram quase sempre alimentados por campos geralmente murados e compostos não só de plantas de interesse culinário ou medicinal, mas também de árvores de fruto e de árvores florestais, como já referido. Talvez por isso, estes mosteiros se tenham tornado escolas de agricultura e centros de atividade agrícola e de saneamento.

As igrejas e os conventos multiplicaram-se paralelamente à criação das freguesias, podendo considerar-se muitas paróquias e freguesias derivadas da fundação conventual. Atente-se que, em Lisboa, no início da reconquista cristã e até finais do séc. XVI existiam apenas oito freguesias eclesiais. Contudo, este número veio a aumentar progressivamente, chegando, em 1940, a 43 freguesias, a maioria correspondendo à divisão eclesial. Os conventos foram portanto tudo isto: focos de vida religiosa, civil e artística; promoveram a fixação das populações; um testemunho importante para a história. Contudo, grande parte deste testemunho se

¹⁸ Celas.

¹⁹ Habitação de monges que vivem em comunidade.

²⁰ A igreja conventual com o coro; o claustro no rés-do-chão para onde abriam as salas destinadas a outros atos comunitários: a sala do capítulo para reuniões, o refeitório e a biblioteca; e em cima, a toda a volta, os dormitórios, com celas individuais. Exterior ao edifício, havia os campos para recreio e cultivo.

perde com o grande terramoto que no século XVIII assolou a cidade de Lisboa e que destruiu a quase totalidade das instituições conventuais. Nesta época, existiam cerca de 70 conventos no que consideramos hoje a área da Grande Lisboa. Com o terramoto, estas instituições entraram em declínio, não só pela dificuldade de captar vocações qualificadas, mas também por não se adequarem às exigências cada vez maiores dos ritmos económicos. Assim, o Estado começou a interessar-se pelo seu património e a contestar a imobilização das suas riquezas. De facto, com as primeiras Cortes Constituintes, iniciou-se uma fase conturbada para as Ordens Religiosas, uma vez que as reformas instituídas proibiram a admissão de noviços e reduziram ao mínimo o número de conventos em funcionamento. Mais tarde, outros fatores aceleraram a decadência das ordens religiosas, tais como a diminuição sistemática do número de religiosas, a situação de guerra civil em 1833-34, a generalizada crise económica e social implicando a rápida redução de receitas e proventos. A abolição do Absolutismo²¹ e a vitória do Liberalismo²², em 1834, levaram à imediata supressão das Ordens Monásticas²³ e deram-se como extintos os conventos de freiras.

Depois das expropriações, estes espaços tornaram-se reservas desejadas e disputadas por várias instituições estatais, que impunham uma grande pressão junto do Governo. Mas para além das disputas políticas por novos espaços ou do desejo de minorar as carências sociais, existia uma grande necessidade de crescimento económico, que se resolvia através de inventários e vistorias às instituições religiosas, com uma avaliação dos bens que eram postos à venda. Já vimos que, para o governo, esta apropriação veio colmatar necessidades administrativas e financeiras, levando estas alterações a uma mudança funcional e simbólica da própria cidade, mas é ainda importante referir que este facto histórico levou a uma consciência de perda patrimonial, numa perspetiva racional de salvaguarda histórica e, ao mesmo tempo, afetiva, no que diz respeito às referências simbólicas.

Os espaços conventuais marcaram o urbanismo das cidades portuguesas, muito para além dos seus períodos de vida ativa e, mesmo quando demolidos, revelam fortes marcas nos tecidos urbanos. Com o crescimento da cidade, formaram-se novas centralidades, e assistiu-se a uma desertificação e desinvestimento nos bairros antigos que levou à decadência do estado de conservação deste património arquitetónico. No entanto, são muitas vezes, ainda hoje, a “âncora” que estrutura esses bairros, fruto da dinâmica social e religiosa que aí ocorre.

²¹ Teoria política que defende que uma determinada pessoa (monarca) deve ter o poder absoluto, independente de outro órgão. Consiste, portanto, numa organização política em que o soberano concentra todos os poderes do estado.

²² Filosofia política que tem como fundamento a defesa da liberdade individual nos campos económico, político, religioso e intelectual.

²³ Comunidades organizadas de religiosos que vivem em mosteiros.

CAPÍTULO IV

MEMÓRIAS DO LUGAR DE SANTA MARTA

Depois de compreender como a “fenomenologia do lugar” pode contribuir para a prática de arquitetura, não faria sentido deixar por conhecer a história do Lugar. Assim, foi feita uma pesquisa desde Santa Marta como asilo até aos dias de hoje.



Figura 8: Fotografia tirada [a 1 de Março de 2013] aos azulejos do primeiro piso do claustro - Registo da autora.

11. DE ASILO A CONVENTO

[1569 – 1602]

O Asilo de Santa Marta foi criado em 1570, com o objetivo de acolher órfãos das famílias vítimas da “peste grande” de 1569. Financiada pelo rei D. Sebastião²⁴, e com o apoio dos Padres de São Roque²⁵ da Companhia de Jesus, foram vendidas habitações e um terreno junto à estrada das portas de Santo Antão²⁶ (atual rua de Santa Marta), de modo a implantar uma Casa de Recolhimento, que acolhesse jovens necessitadas. Este terreno, situado fora da cerca fernandina²⁷, fora escolhido de modo a que fosse possível implementar um ambiente destinado ao culto divino, segundo um voto de castidade e obediência. De facto, as jovens asiladas demonstravam tal dedicação à vida de recolhimento que mandaram edificar e adaptar as casas às funções necessárias à vida de Mosteiro. É neste contexto que se dá início à construção da igreja de Santa Marta, ao refeitório, hortas e outras oficinas necessárias à autossustentação. Confirmando a dedicação e vocação das religiosas, os Padres responsáveis recorrem ao Arcebispo de Lisboa, D. Jorge de Almeida²⁸, para requisitar a autorização da fundação em mosteiro. Em 1577, após a aprovação pelo Papa Gregório XIII²⁹, é deferida a transformação em Casa de Religiosas Clarissas. Em 1583, após ser instituída a segunda regra de Santa Clara (urbanistas), o Asilo é oficialmente reconvertido em Mosteiro.

Dada a autorização para erigir em mosteiro o antigo recolhimento, são recebidas enquanto fundadoras, três freiras provenientes do Convento de Santa Clara de Santarém, com o propósito de instruírem as recolhidas na regra espiritual de um quotidiano rígido. Segundo esta vivência regrada, com grandes dificuldades económicas, dependem financeiramente de dotes e doações de famílias nobres que habitam as proximidades. Entre as décadas de 1580 e 1590, as Clarissas de Santa Marta conseguem reunir fundos monetários suficientes para encomendarem o primeiro projeto de transformação do edifício de Recolhimento em Mosteiro.

Substancialmente modificado a partir de 1583, sob orientação do arquiteto régio Nicolau de Frias³⁰, o projeto (apesar de não ter sido concluído) contava com a

²⁴ D. Sebastião I (1554 — 1578) foi o décimo sexto rei de Portugal.

²⁵ Em 1569, a pedido do Padre António de Monserrate, representante dos Padres de São Roque (Companhia de Jesus), o Rei D. Sebastião autorizou a fundação do asilo de Santa Marta. A assistência às religiosas era feita pelos Padres da Casa de S. Roque, e posteriormente, por um clérigo nomeado pelo Arcebispo de Lisboa, para acudir às Religiosas em caso de emergência.

²⁶ Até ao estabelecimento dos novos limites administrativos da cidade de Lisboa, a área em que se construiu a casa de recolhimento de Santa Marta situa-se em arrabaldes da cidade, tanto mais que, pela morfologia urbana, e a própria designação de “ruas direitas” estes eixos construíram, saídas da cidade. Área que a partir do século XVIII, foi objeto de sucessivos planos urbanísticos, e consequentes ocupações que culminam com os loteamentos dos terrenos do Conde de Redondo.

²⁷ Em consequência dos assaltos e incêndios que o exército do Rei D. Henrique de Castela promoveu contra a cidade de Lisboa, inutilizando a Cerca de muralhas visigóticas e muros existentes, o Rei D. Fernando manda, em 1373, construir uma nova cinta de muralha, a qual ficou conhecida por “Cerca Nova” ou “Cerca Fernandina”.

²⁸ D. Jorge de Almeida (1531 - 1585) foi arcebispo de Lisboa entre 1570 e 1585.

²⁹ Gregório XIII (1502 - 1585) foi Papa de 1572 até à data da sua morte. Destaca-se por ter sido o responsável pela introdução do calendário atual (calendário gregoriano) reformando o antigo calendário juliano.

³⁰ A partir de 1602, é seu filho, Teodósio de Frias, que fica responsável pela conclusão da obra.

edificação da capela-mor³¹, parte do corpo da igreja, refeitório e suas dependências. Nesta primeira fase de adaptação a mosteiro (1583 a 1602) trabalharam mestres como o Amaro do Vale³² e os pedreiros António Correia e Jorge Dias.

Em 1588, D. Helena de Sousa, instalada numa residência junto ao Convento (local do antigo Palácio dos Condes de Redondo), propôs-se a suportar todos os custos da construção da capela-mor e ao pagamento de uma renda anual, se se procedesse à abertura de uma porta de comunicação entre a mesma e a sua residência, para que pudesse assistir a missas. Atualmente esta abertura é visível na parede lateral da capela-mor (como visível na imagem ao lado).



Figura 9: Fotografia tirada [a 18 de Julho de 2013] a pormenor na capela-mor da igreja - Registo da autora.

Esta comunicação entre os dois espaços permitiu, mais tarde, o uso de uma sala do palácio para a educação das órfãs, como consequência da falta de espaço e condições de ensino no convento, devido ao elevado número de jovens acolhidas. De facto, verificou-se que o primeiro projeto que visa a adaptabilidade a convento não chegou a concretizar os objetivos essenciais e a funcionalidade adequada à vida e espiritualidade de Santa Marta. Assim, impunha-se ampliar e conferir uma feição mais utilitária ao edifício. Em 1612 dá-se início a novas obras de adequação às necessidades conventuais. Do anterior projeto de Nicolau de Frias mantinha-se

³¹ Na parede lateral esquerda da capela-mor nota-se o vestígio de uma antiga tribuna que a Rainha (viúva de Carlos II de Inglaterra) D. Catarina mandara abrir, no tempo em que, regressada de Inglaterra habitou o Palácio dos Condes de Redondo. Sobre a provável tribuna da “rainha”, que apresenta no nível superior ao da sacristia uma porta tapada que estabelecia a antiga comunicação com o Palácio. Sobre este espaço, encontra-se ainda um piso totalmente desativado a que um pessoal do hospital designa de “casa da costura”.

³² Amaro do Vale foi um pintor maneirista português.

apenas a capela-mor, adaptada agora a um corpo com estrutura e dimensões mais avantajadas.

Seguindo em todos os aspetos a traça concebida pelo referido arquiteto, o novo desenho pretendia ampliar e reorganizar a estrutura conventual e, no caso do local de culto, dotá-lo de uma proporção que revelasse a grandeza desejada da igreja³³. Esta, localizada a Poente, apresenta uma planta retangular de eixo longitudinal paralelo à rua de Santa Marta.

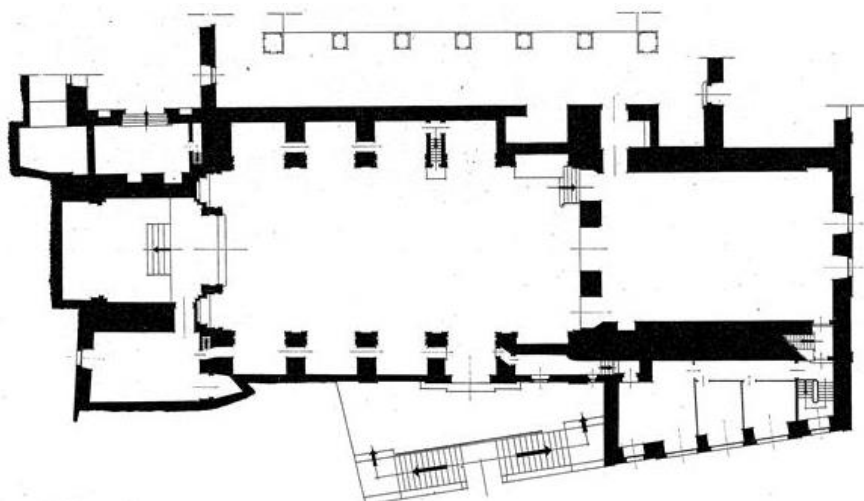


Figura 10: Planta da Igreja de Santa Marta - Retirado da memória descritiva do programa base para a realização do projeto do Museu e Sala do Capítulo, dos arquitetos Vasco Massapina e Jorge Kol de Carvalho – documentação fornecida pela Dr^a Célia Pilão.

A única nave, de abobada de volta perfeita (para onde abrem quatro capelas laterais e a capela-mor), é característica pelos cinco arcos de volta perfeita, que acompanham o corpo da igreja. A nova capela-mor é enquadrada pelo arco triunfal, de volta perfeita, assente sobre pilastras toscanas. As capelas laterais permitiam às freiras guardar fundos monetários de nobres ou irmandades, que as arrendavam para garantir a sua sepultura e memória.

A nível da fachada³⁴ principal, esta surge retraída e a uma cota superior relativamente à rua. Passando um portão em ferro forjado, a igreja é acedida por uma escadaria de dois lances simétricos que conduzem a um adro pavimentado e lajeado. No piso

³³ A igreja inicial do convento era, na época da sua fundação, mais pequena, restringindo-se praticamente ao espaço da capela-mor e atual transepto. De arquitetura predominantemente maneirista, possui planta longitudinal retangular coberta por telhado de duas águas, cujo acesso principal se faz por uma porta lateral, como é habitual nos conventos de freiras, e que constitui a frontaria da igreja. O portal abre-se para a que era considerada, então, como “Rua Direyta que vay de S. Joseph”, hoje Rua de Santa Marta.

³⁴ Bela na sua sobriedade, a fachada lateral surge retraída, embora colocada a um nível superior ao da Rua de Santa Marta, sendo desta rua demarcada por grade e portão em ferro forjado. A plataforma dá também acesso a uma porta lateral do palácio dos Condes de Redondo. Palácio este que se sobrepõe parcialmente no topo Norte da igreja, prejudicando a sua leitura e a iluminação da Capela-mor. Esta fachada, pelo seu traçado, denuncia ainda de uma forma muito nítida a organização interna do espaço. Junto à porta do coro-baixo, que fazia a ligação deste com a igreja, à esquerda da grade, está uma capela e um acesso à parte subterrânea.

superior, os cinco profundos vãos que iluminam o espaço da igreja marcam igualmente a fachada, pelo exterior.

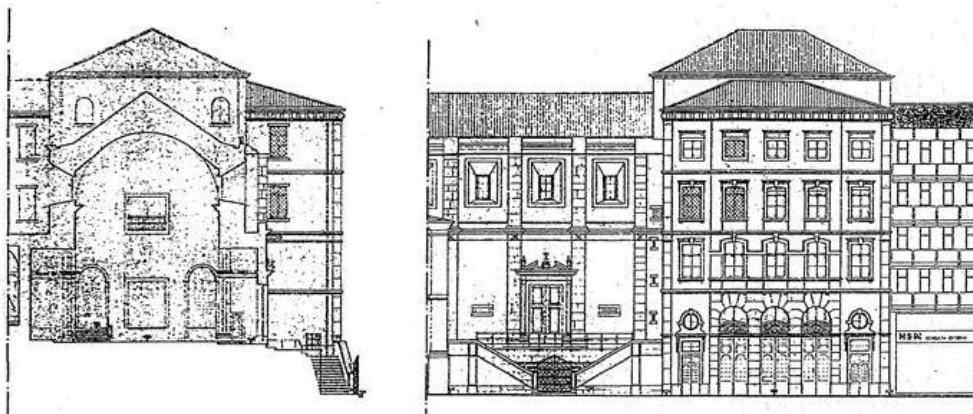


Figura 11: Corte transversal e alçado principal da Igreja de Santa Marta - Retirado da memória descritiva do programa base para a realização do projeto do Museu e Sala do Capítulo, dos arquitetos Vasco Massapina e Jorge Kol de Carvalho.

Verticalmente, esta é dividida por pilastras toscanas, enquadrando os mencionados vãos. Segundo Vítor Serrão³⁵, a fachada revela a posição do arquiteto Pedro Nunes Tinoco³⁶, que procura integrar a obra no *“movimento de rebeldia contra os cânones clássicos do Renascimento, na ambivalência de escalas e ritmos plásticos imprimidos aos dois andares cingidos pela cornija”*³⁷.

As obras do convento prolongaram-se durante bastante tempo: em 1616, procede-se à abertura dos alicerces e marcam-se as medidas fundamentais da igreja e do claustro e somente em 1620, se procede ao levantamento da nave, do coro e do subcoro. As paredes da nova capela-mor revestiram as antigas, escondendo-as, constituindo uma membrana dupla. A implantação e a estrutura do convento, condicionadas por esta pré-existência, seguiram conceptualmente a funcionalidade necessária ao cumprimento da regra espiritual que o Convento respeitava. Como consequência, o projeto relevou em grande medida os pontos de contato entre as realidades distintas do interior e do exterior da vida de clausura conventual, desenhando-os engenhosamente através de elementos de transição, conseguidos através da presença estratégica de muros, janelas, portas, gradeamentos, paredes grossas e espaços em duplicado.

A nível exterior, o território da cerca era murado em todo o seu perímetro, quebrando o contacto visual para o que se encontrava no exterior, propiciando ao espaço a capacidade de criar no seu interior ambientes propícios à meditação e paz. No caso de

³⁵ Diretor do Instituto de História da Arte, Vítor Serrão é autor de diversos livros e estudos sobre arte portuguesa do Renascimento, do Maneirismo e do Barroco.

³⁶ Esteve em atividade de 1604 a 1641. Marcadamente maneirista, desenvolveu vários trabalhos em Lisboa e Coimbra. Para além de edifícios sacros, Tinoco participou em estudos de engenharia para a construção de obras públicas e na construção de edifícios civis.

³⁷ Retirado do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa (1977): “O Arquiteto Maneirista Pedro Nunes Tinoco, Novos Documentos e Obras (1616 – 1636) ”.

necessidade de aberturas no muro, estas eram filtradas através de bolsas ou incisões, evidenciando a intenção de encerrar em si todas as funções necessárias ao quotidiano³⁸. Nota-se ainda a Norte um pequeno território que, pela sua estrutura geométrica em “canteiro” e pela localização próxima ao edifício do Convento, funcionaria enquanto espaço de “horto”. Os jardins, hortas, pomares, reservas de água e espaços de lazer que configuravam o exterior do território criavam um ambiente marcado pela meditação e repouso. A cerca assumia um papel preponderante na vida desta comunidade, oferecendo sustento, e acima de tudo, saúde física e mental. A ligação do Convento ao território da cerca seria feita através de uma escada articulada, como prolongamento da ala Sul do claustro, que interligava todas as dependências conventuais.

Foi no contexto da dinastia Filipina em Portugal, altura em que o país sofria um período de dificuldade económica, que a arquitetura chã³⁹ prosperou. O modelo de S. Roque (à direita) era já o modelo utilizado na Igreja do Espírito Santo de Évora (à esquerda), com desenho traçado em 1564. As duas igrejas apresentam claras analogias representativas do citado “estilo chão”: verifica-se o mesmo sistema construtivo e a mesma organização de planta.

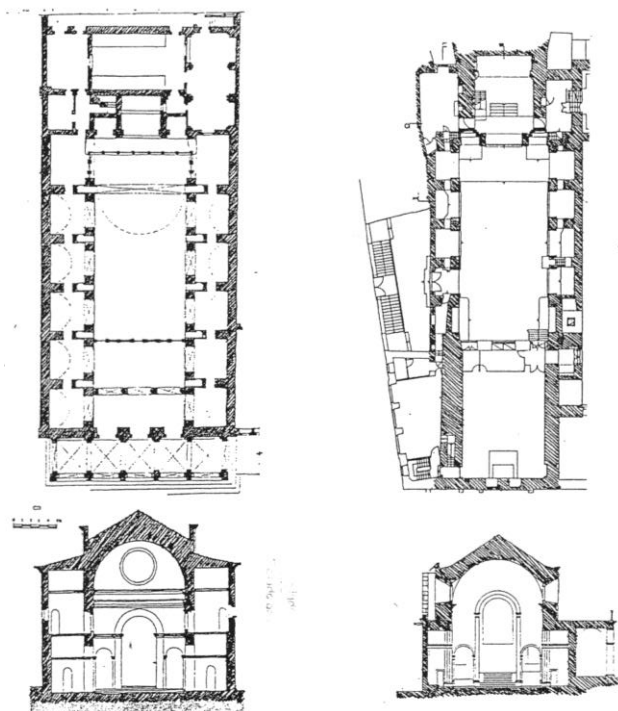


Figura 12: Relação entre as plantas e cortes da Igreja do Espírito Santo de Évora e da Igreja de Santa Marta, respetivamente - Retirado da memória descritiva do programa base para a realização do projeto do Museu e Sala do Capítulo, dos arquitetos Vasco Massapina e Jorge Kol de Carvalho.

³⁸ Assemelhava-se ao funcionamento de uma cidade, chegando mesmo a ser designado de “edifício-cidade”.

³⁹ O Convento de Santa Marta teve planta original traçada segundo regras muito precisas e a partir de um “programa de convento de religiosas”. A igreja propriamente dita, insere-se tipologicamente no designado “estilo chão”: período de século e meio, onde os edifícios religiosos eram traçados a partir de raízes vernáculas e de acordo com uma tendência plástica nacional para a simplicidade, clareza e austeridade, de onde resultam, citando o professor Jorge Henrique Pais da Silva, um “...preferência pela linha reta, pela planta rigidamente retangular, pelas superfícies planas nos alçados e, quanto à interseção dos planos, pelo ângulo de noventa graus.”

De estrutura clara e formalmente simples, este tipo de abordagem fazia uso das superfícies lisas e planas, que eram posteriormente complementadas no seu interior pelas artes decorativas. A decoração (sobretudo em azulejo) e a pintura em talha dourada têm nestes espaços um papel importante, na medida em que compensa a sua excessiva nudez estrutural. Inserido no “estilo chão”, o arquiteto Pedro Nunes Tinoco⁴⁰ foi altamente influenciado por dois fatores principais: a estética maneirista introduzida em Portugal pelo engenheiro e arquiteto militar holandês Fillippo Terzi⁴¹; e pelos modelos de caráter vernacular dos edifícios desenvolvidos para a Companhia de Jesus. Por sua vez, o arquiteto Baltazar Alvares⁴², discípulo de Terzi, é considerado mentor de Pedro Nunes Tinoco, sendo assim estabelecida a relação entre o arquiteto e a estética maneirista do convento de Santa Marta.

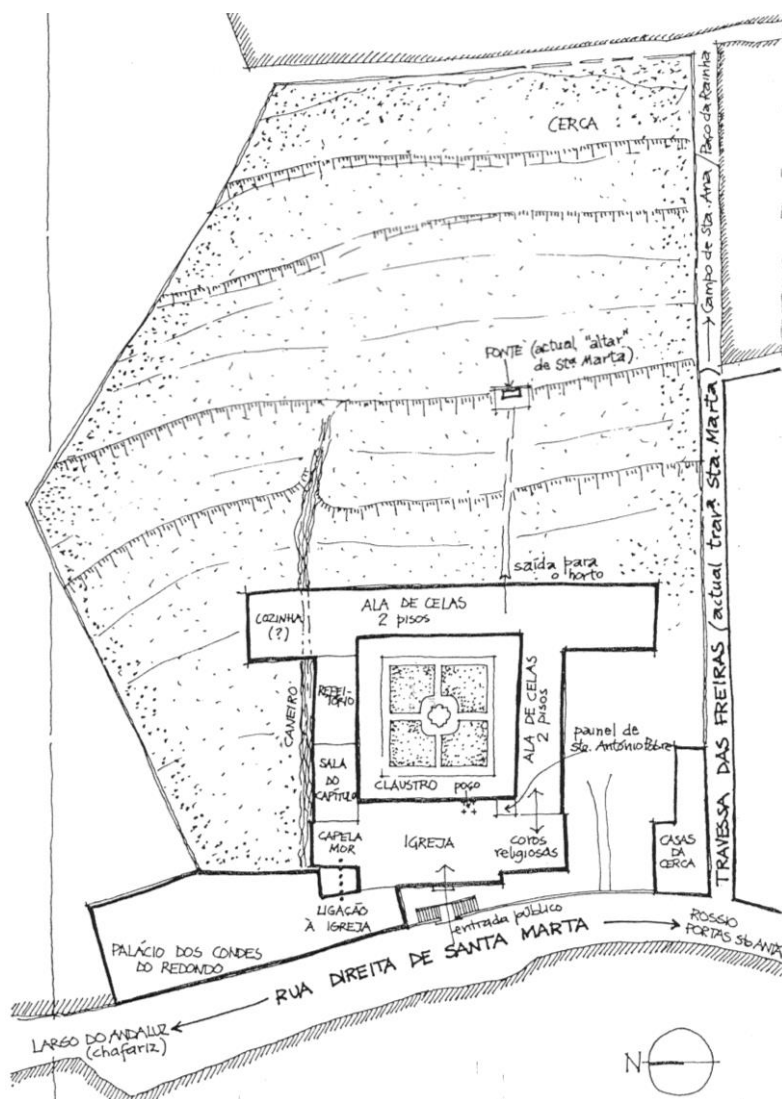


Figura 13: Esquema da localização das dependências do claustro - Retirado da memória descritiva do programa base para a realização do projeto do Museu e Sala do Capítulo, dos arquitetos Vasco Massapina e Jorge Kol de Carvalho.

⁴⁰ João Nunes Tinoco (1610 — 1689) foi um arquiteto português, que tal como seu pai, Pedro Nunes Tinoco, teve um papel de destaque no desenvolvimento da arquitetura no país, nos séculos XVII e XVIII.

⁴¹ Fillipo Terzi, especialista em construção de fortalezas, introduziu uma estética maneirista através da qual desenvolve uma nova “escola de arquitetura em Portugal”.

⁴² Inicialmente professor, apenas em 1579, é reconhecida a competência e qualidade do seu trabalho, passando a assumir-se como arquiteto.

O claustro, espaço que permite o encontro de diversas funções, nomeadamente a sala do capítulo⁴³, o refeitório, a portaria e as salas de trabalho, tornava evidente a imagem de um lugar que crescia em tempos díspares. Relembra o jardim do “eden”⁴⁴, através de elementos formalmente introduzidos, como a água, vegetação e estatuária. Adjacente ao claustro, encontra-se a Sala do Capítulo, correspondente ao espaço cerimonial do Convento, que recebia frequentemente a comunidade para reuniões. A portaria localiza-se a Sul, com as portas exterior e interior desencontradas, associada possivelmente a uma roda e parlatório. A obra do conjunto terá terminado por volta de 1636, tendo sido concluída a igreja, seguida do claustro e das restantes dependências conventuais.

Após vinte anos do início da sua construção, têm início os trabalhos de decoração complementar (maioritariamente em azulejo) no interior dos locais de culto. Após a segunda metade do século XVII, construído o Palácio dos Coutinhos⁴⁵ (condes de Redondo, mais tarde marqueses de Borba), o Mosteiro de Santa Marta vai conhecer um período de prosperidade, dotado pela nobreza local e pela alta burguesia, permitindo que fossem iniciados trabalhos de revestimento em azulejo na capela-mor, paredes do corpo da igreja, capelas laterais e coro. Posteriormente à Contrarreforma⁴⁶ que introduziu o barroco na decoração, o Convento de Santa Marta recebe não apenas trabalhos de azulejaria, como também de talha dourada, aplicada em forma de retábulos na igreja e de pintura de azulejo em azul-cobalto, como os painéis da autoria de Gabriel del Barco que se encontram hoje na portaria. Esta obra incluiu ainda o revestimento a azulejo de algumas zonas de transição, tendo sido concluída somente em 1654.

No final do século XVII, falecido havia anos o arquiteto Pedro Tinoco (1641), era seu filho e arquiteto João Nunes Tinoco quem dirigia as obras do Mosteiro de Santa Marta. Devido à precariedade da obra inicial dadas as carências financeiras do início do século, revelava já profunda degradação, com maior incidência no claustro e nos dormitórios. Assim, em 1698 foi encomendado um projeto de renovação ao arquiteto

⁴³ Aqui, a comunidade reunia-se semanalmente, convocada pela Madre Superiora. De abóbada abatida, já não mostra as pinturas que existiram no teto, o qual parece ter sido rebaixado. No entanto, ainda possui a coleção de azulejos da década de 1730. Elaborados pelo mestre Valentim de Almeida, convidam à oração, criando um ambiente místico. Os azulejos encontram-se dispostos em dois grandes planos horizontais: o mais antigo vai do chão até ao nível da base das janelas, dedicado a temas da vida de São Francisco e Santa Clara, o outro vai daí ao teto, expressando os diálogos íntimos da alma. Difere do anterior pela dimensão das cenas e pela tonalidade do azul. É de notar a grande evidência das duas figuras de convite, nos lados da porta de acesso ao claustro; à esquerda a representação de um anjo armado de espada evocando a proteção divina; à direita, a figura de uma religiosa, com a boca fechada por um cadeado, uma chave no peito, um dardo numa mão e uma cruz na outra, num apelo à contenção verbal e ao silêncio, à vida espiritual.

⁴⁴ Na tradição bíblica, o Jardim do Éden, é o local onde ocorreram os eventos narrados no Livro do Génesis, que conta como Deus cria Adão e Eva.

⁴⁵ Na segunda metade do século XVII foi edificado, na Rua de Santa Marta, o Palácio dos Condes de Redondo, também Marqueses de Borba (atual edifício da UAL – Universidade Autónoma de Lisboa). Ali residiu a rainha de Inglaterra D. Catarina de Bragança, viúva do Rei D. Carlos II.

⁴⁶ Contrarreforma, também conhecida por Reforma Católica é o nome dado ao movimento que surgiu no seio da Igreja Católica como resposta à Reforma Protestante iniciada com Lutero, a partir de 1517. Foi um dos marcos mais importantes deste período, e consiste, portanto, na resposta da Igreja Católica ao aparecimento de novas religiões.

régio João Antunes⁴⁷, que explora uma nova linguagem procurando fugir à tradicional fórmula maneirista, ao integrar nas suas obras elementos de ornamentação barroca. A reconstrução do Claustro, iniciada a 1701, revela respeito pelo projeto inicial, sendo que se procede somente à sua renovação. No caso do corpo dos dormitórios, uma vez que a comunidade teria aumentado em grande número, o arquiteto prevê, para além da renovação, a sua expansão. A nível de decoração, foram desenvolvidas peças de escultura e azulejaria⁴⁸, desta vez aplicadas fora dos locais de culto. No centro do claustro foi colocado um chafariz, também de estilo barroco, desenhado pelo Padre Manuel Pereira. O trabalho azulejar no claustro, forma um lambrim azul-cobalto em toda a sua extensão em ambos os pisos. Em 1730 é executado pelo famoso pintor de azulejo Valentim Almeida o revestimento da totalidade das paredes, também em azulejo, da Sala do Capítulo, com azulejo figurativo apresentando episódios religiosos. De grande impacto cenográfico, apela ao misticismo e à oração e é um dos trabalhos azulejares mais importantes e representativos desta época, em Lisboa.

Apesar de sofridos estragos menores no convento, após o Terramoto de 1755⁴⁹, as religiosas foram obrigadas a permanecer provisoriamente em estruturas abarracadas no terreno da cerca, até que todos os danos fossem reparados. Nesta fase, aproveitou-se para se proceder à substituição de azulejaria, como foi o caso da aplicação do revestimento cerâmico de padrão pombalino em algumas das alas conventuais.

12. DE CONVENTO PARA HOSPITAL

[1834 – 1971]

No início do século XIX, com o início do processo de implantação do Liberalismo⁵⁰ em Portugal (que pressupunha a rutura com o Antigo Regime), surge a “Reforma Geral Eclesiástica” (1834). Associada à influência política nas correntes de pensamento da Igreja Católica, instaura um processo de extinção de Conventos, Mosteiros, Colégios, Hospícios e Casas de todas Ordens Religiosas, bem como a expropriação dos seus bens. No caso das ordens femininas, o encerramento era apenas considerado definitivo com a morte da última professa. Em Santa Marta, tal acontece em 1837, data em que é declarada a extinção oficial do convento. Após 317 anos a servir funções de

⁴⁷ João Antunes (1643-1712) foi um arquiteto português, considerado um dos mais importantes do período barroco em Portugal.

⁴⁸ Os azulejos dos pisos térreo e superior foram colocados em 1703 pelo mestre ladrilhador João de Oliveira. Estes formam um lambrim em torno de todo o claustro. Por ocasião da transformação do convento em hospital, em 1904, foram acrescentados ao lambrim do piso térreo, remates recortados de um barroco tardio. No terraço, em substituição do lambrim anterior, por se encontrar completamente danificado, foi colocado um novo, em forma de espaldar, com motivos ornamentais de inspiração também barroca, assinado pelo Coronel Vitória Pereira, em 1906.

⁴⁹ O Terramoto de 1755 ocorreu no dia 1 de novembro desse ano, resultando na destruição quase completa da cidade de Lisboa e num enorme impacto político e socioeconómico na sociedade portuguesa do século XVIII.

⁵⁰ A implantação do Liberalismo em Portugal estabeleceu uma nova estruturação do poder, que se baseava na livre propriedade, de modo a criar um regime capitalista, e na redução do poder da Igreja e do carácter sagrado da realeza portuguesa. Mostrava-se incompatível com a existência das ordens religiosas e com o regime de propriedade que as sustentava, pelo que foi decidido a subordinação da vida religiosa ao poder, de modo a tornar a Igreja um mero apêndice do Estado.

caráter religioso, o edifício é cedido pelo Estado à Irmandade dos Clérigos Pobres⁵¹, com vista à apropriação enquanto Hospício do Clero. Todavia, a 1903, é retirada a concessão do Convento de Santa Marta à Irmandade, ficando este entregue ao Ministério do Reino, sem funcionalidade aparente.

Nos primeiros anos do século XX, a necessidade de expansão do sistema hospitalar de Lisboa leva o Estado a repensar e adaptar o mesmo a boas condições de higiene. Foi neste contexto que, em 1901, foi feita a Reforma Hospitalar, que previa o estabelecimento de um sistema que impulsionasse a melhoria da higiene da cidade. A necessidade de repensar a saúde em Lisboa, aliada à urgência da remodelação dos Hospitais existentes, levou a que o Ministro Hintze Ribeiro⁵² cedesse o edifício do Convento de Santa Marta a Curry Cabral⁵³. De 1903⁵⁴ a 1905, este empreende no edifício do velho convento obras de restauro e promove o acrescento de amplos pavilhões na zona da antiga cerca, comunicantes entre si e com o edifício do Convento através da extensão do corredor (que anteriormente fazia a ligação do edifício do claustro ao jardim). Desta forma, o projeto do Engenheiro D. Luiz Pereira, cuja obra se inicia a 1905, prevê a profunda adaptação do edifício do Convento para Hospital, bem como a edificação de corpos complementares. O território cercado da antiga Casa das Clarissas de Santa Marta, onde as religiosas viviam em absoluta clausura, viria curiosamente a servir o tratamento, também isolado, de doenças venéreas contagiosas.

Partindo do princípio que o objetivo das referidas obras era o cumprimento das regras de higiene, procedeu-se à substituição de revestimentos/materiais e alteração da escala e proporção dos espaços, através da sua compartimentação. No edifício do Convento foram instalados elevadores e amplas escadas com o propósito de ligar verticalmente os quatro pavimentos (originalmente três), tendo os generosos pês-direitos conventuais sido descaracterizados pela necessidade da criação de pisos técnicos intermédios. Ao lambrim de azulejos do piso térreo foram acrescentados

⁵¹ Em 1889, o Estado cede o edifício do Convento de Santa Marta à Irmandade dos Clérigos Pobres para albergue e hospício dos seus membros, porém, a 8 de Janeiro de 1890, devido a um violento surto de gripe, foi estabelecido no antigo convento um hospital provisório, dirigido pelo Dr. Virgílio Machado, para tratar os numerosos doentes vítimas dessa epidemia. Esta situação manteve-se por um mês, pelo que a 31 de Janeiro o edifício retorna à posse da Irmandade. Por diversas razões, incluindo discórdias internas da Irmandade, no ano de 1903, são retiradas aos Clérigos Pobres a concessão do edifício. Este é, então, entregue ao Ministério do Reino, com exceção da igreja, que fica pendente de resolução, para nele se instalar um hospital como anexo ao Hospital de São José.

⁵² Ernesto Rodolfo Hintze Ribeiro (1849 - 1907) foi um dos políticos dominantes da fase final da Monarquia Constitucional, ocupando a presidência do ministério mais tempo que qualquer outro naquele período. A ele se devem importantes reformas.

⁵³ José Curry da Câmara Cabral (4 de Maio de 1844 - 19 de Maio de 1920), mais conhecido por Curry Cabral, foi um médico, elemento integrante da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e um dos mais reconhecidos investigadores e professores portugueses na área das ciências médicas.

⁵⁴ As obras iniciadas em 1903, que incluíram a construção de um edifício adicional (atual Cardiologia), decorreram sob o empenho do Enfermeiro José Curry Cabral, sob a direção do Engenheiro Luis de Mello. Sendo Ministro do Reino Hintze Ribeiro, este dota o hospital com uma capacidade para 500 doentes, com 15 enfermarias e 34 quartos particulares. Foram ainda construídas, na cerca do convento, a casa mortuária, a casa das caldeiras e a estufa de desinfeção. No pátio de entrada do hospital foram construídos um posto da guarda municipal, um edifício de consultas externas, "garage" para carruagens e um dispensário com entrada privativa pela Travessa de Santa Marta onde, discretamente, eram analisadas as mulheres encontradas com doenças contagiosas.

remates recortados de um barroco tardio, com temáticas já desassociadas da vida religiosa, tendo o do piso da galeria superior sido totalmente substituído.

Apesar do esforço de Curry Cabral em adequar o conjunto a novas necessidades, o Hospital de Santa Marta nunca chegou a funcionar com o propósito inicial. Com a fundação da “Reforma Universitária de Lisboa” em 1911, e a passagem do ensino para a Faculdade de Medicina de Lisboa, criada nesse mesmo ano (que até então era ministrado na Escola Médico-cirúrgica, anexa ao Hospital de S. José), o Hospital de Santa Marta, com trinta e quatro quartos e capacidade para setecentos doentes, é cedido à Universidade e passa a designar-se Hospital Escolar de Lisboa⁵⁵ com o nome de “Hospital Hintze Ribeiro”⁵⁶. Mantém esta função até 1953, data em que a clínica universitária é transferida para o recém-criado Hospital de Santa Maria. Enquanto Escola Médica, foi cenário de importantes descobertas na área da Medicina. Apesar do valor intrínseco do espaço da igreja, que em 1946 é classificada enquanto Imóvel de Interesse Público, esta sofre sucessivas delapidações ao longo do século XX. Em 1927, totalmente despojada dos seus objetos de culto, a Igreja foi oficialmente cedida ao Hospital, que a apropriou enquanto espaço de arquivo.



Figura 14: Fotografia tirada [a 1 de Março de 2013] ao interior da Igreja de Santa Marta - Registo da autora.

No ano de 1950 o Hospital Escolar de Santa Marta é integrado nos Hospitais Cívicos de Lisboa⁵⁷, desenvolvendo importantes especialidades durante o seu funcionamento. Sendo atualmente um centro de referência nacional na área cardiovascular, o Hospital

⁵⁵ Desempenhava funções no tratamento da sífilis e de doenças venéreas.

⁵⁶ Em 1910 foi atribuído oficialmente ao Hospital de Santa Marta o nome de Hospital Hintze Ribeiro, afeto às Clínicas da Escola Médica Cirúrgica de Lisboa. Anos depois passou a denominar-se Hospital Escolar da Faculdade de Medicina de Lisboa, sendo uma parte do convento cedido para funcionamento de um Quartel de Bombeiros Municipais. E assim mantiveram-se, simultaneamente, os serviços do Hospital Escolar e dos Hospitais Cívicos, até que o Decreto de 5 de Setembro de 1952 determinou a transferência do Hospital Escolar para Santa Maria.

⁵⁷ A clínica universitária é transferida para o Hospital de Santa Maria.

tem a seu cargo seis serviços de internamento com trezentas camas, sendo um campo de estágio para Universidades Médicas, Escolas de Enfermagem e Paramédicos. Na passagem de Hospital Escolar a Hospital Civil, entre os anos de 1956 e 1959, terão sido realizadas obras de adaptação às novas funções, tanto no edifício do antigo Convento como nos corpos edificados posteriormente no território da cerca. Foi edificado, em completa desarmonia com o conjunto pré-existente, um bloco⁵⁸ com seis pisos para consultas externas e serviços administrativos. Esta obra vem acentuar a mentalidade de prioridade “funcional” que desvalorizou o património tão valioso do Lugar de Santa Marta, com cerca de quatrocentos anos de história. No final do século XX assistiu-se a uma gradual tomada de consciência das graves consequências das últimas obras, que levaram a tentativas pontuais de correção e devolução do carácter identitário deste património, cujo valor vem sido reconhecido. Nos anos de 1994-95 foram feitas obras de beneficiação no Claustro e nas fachadas da Igreja, bem como o restauro do conjunto azulejar. Mais tarde, já no início do século XXI, foram feitos alguns trabalhos de recuperação de interiores incluindo o restauro da igreja, reabilitação da antiga Sacristia e do coro-baixo.

O Hospital de Santa Marta foi transformado em sociedade anónima de capitais exclusivamente públicos em 2002, e atualmente, apresenta-se como um hospital polivalente, vocacionado para a cirurgia cardiotorácica e vascular, único no grupo dos Hospitais Cívicos de Lisboa. Atualmente este conjunto Hospitalar encontra-se adossado à Associação Académica da Universidade Autónoma de Lisboa (antigo Palácio dos Condes do Redondo).

13. CONTEXTO ATUAL DO “GENIUS LOCI”

O caso em estudo constitui um notável conjunto arquitetónico, no qual sobressaem como peças de maior nobreza espacial o claustro, a Casa do Capítulo e a igreja, constituindo um dos mais relevantes exemplares maneiristas em Lisboa.



Figura 15: Fotografia tirada [a 18 de Julho de 2013] ao interior da Sala do Capítulo - Registo da autora.

⁵⁸ Junto ao acesso principal, na rua de Santa Marta, foi construído um edifício com entrada individualizada para consultas externas e dispensário. Este novo corpo, de alçado típico do “fachadismo dos finais do século XIX”, revela uma atitude de desprezo para com o património, na medida em que a solução não mantém relação com o existente do ponto de vista cultural, arquitetónico ou histórico.

Tendo em conta a sobreposição de intervenções sucessivas ao longo do tempo, cada vez mais se torna necessário repensar o espírito do Lugar, reconhecendo que este é composto não somente por elementos físicos (edifícios, paisagens) como abstratos (memórias, rituais, valores). O convento de Santa Marta era um Lugar com uma atmosfera própria, que com o passar do tempo perdeu o seu caráter específico. Pretende-se retomar essa totalidade de elementos concretos, adaptando o espaço a usos que respondam a necessidades atuais. Tendo por base uma abordagem fenomenológica do lugar de Santa Marta, pretende-se, de seguida, referir o estado arquitetónico atual, de modo a perceber em que consiste o seu “genius loci” presentemente. Se por um lado é visível a ação do tempo, por outro, ainda se encontram vestígios de uma vivência que ocorrera séculos atrás, fazendo repercutir em nós a misticidade da sua história. Programaticamente, este complexo organiza em três edifícios⁵⁹ principais: o edifício das consultas externas (a verde), o edifício do claustro (a vermelho) e os pavilhões na parte posterior, que se encontram ligados por um corredor (a amarelo).

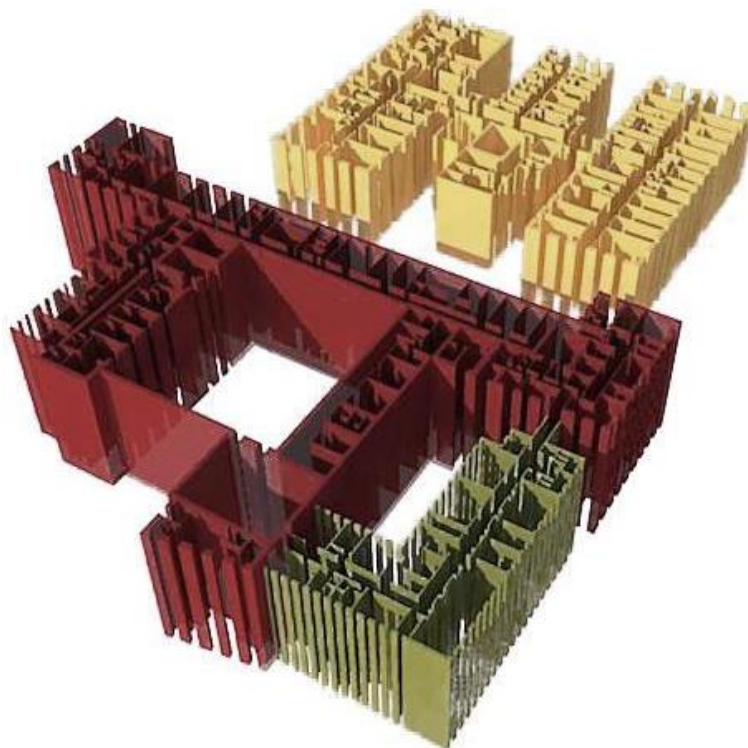


Figura 16: Esquema ilustrativo dos três setores essenciais do conjunto arquitetónico.

Na entrada pela rua de Santa Marta, identifica-se primeiramente o edifício das consultas externas, que marcado por uma lógica visivelmente mais recente, apresenta uma fachada que evidencia a horizontalidade através de uma rigorosa métrica de vãos. Também pela rua de Santa Marta é possível aceder ao edifício do claustro, que articula simultaneamente funções de carácter público, no piso térreo, e privado, nos pisos superiores. A estrutura claustral desenvolve-se na fachada posterior da igreja, com arcadas no piso inferior e terraço no superior. O piso térreo apresenta ainda uma quadra ajardinada, dividida em quatro canteiros que enquadram o chafariz original do convento.

⁵⁹ O correspondente a aproximadamente 45% da área total do terreno.

A Poente, o edifício da igreja⁶⁰, integra um armazém e a capela, bem como o “edifício de transição” (ou “edifício azul”), correspondente a uma pequena saliência na fachada principal da rua de Santa Marta, que alberga serviços de armazenamento.



Figura 17: Identificação dos edifícios do conjunto arquitetónico.

A Sul, encontra-se o “edifício da Santa”⁶¹ que articula serviços clínicos com serviços gerais do “edifício do claustro” e o “edifício do coração”, sem entrada individualizada (acesso através de um percurso subterrâneo pelo edifício do claustro⁶²), que organiza serviços da especialidade de cardiologia em dois corpos principais, articulados entre si por um corredor central.

⁶⁰ O teto inicial da igreja, ainda relativamente preservado, é um dos poucos exemplos de trabalhos de cariz Maneirista em estuque relevado, do final do século XVI existentes em Lisboa. Consiste em cinco painéis com fundo a imitar pedra lioz, delimitada por bandas a imitar mármore vermelho raiado. Construído em 1583, encontra-se escondido por cima do atual, podendo, no entanto, ser visto parcialmente, através de uma abertura existente na linha de junção, do limite superior do recesso da parede de fundo da capela-mor, com o atual teto. Esta abertura, talvez de menor dimensão, foi aparentemente usada na fixação do retábulo em fina obra de talha dourada, instalado na década de 1690. Teria então ficado visível após a retirada do retábulo em 1927, devido à necessidade de o transferir para a igreja de Santo António do Estoril, a qual tinha sofrido um incêndio nesse ano, pelo que nessa altura cessou o culto na igreja de Santa Marta.

⁶¹ É assim designado devido ao azulejo no exterior que representa uma santa.

⁶² Originalmente do claustro, mas atualmente colocado na parte final da galeria, em rampa, que liga o claustro ao edifício da Cardiologia, podemos encontrar uma composição característica da produção da Real Fábrica de Louça ao Rato, formando o espaldar de um lavabo de duas bicas.

Embora formalmente independentes, os três edifícios principais inicialmente referidos encontram-se interligados por confusos percursos interiores, que revelam fragilidade na estrutura espacial. Relativamente aos espaços exteriores, o que resta da cerca conventual consiste num recinto descaracterizado do conjunto, comparativamente às qualidades que possuiu anteriormente e que se pretende recuperar em projeto, como veremos no capítulo seguinte.

A compreensão do “genius loci” parte da vivência das “coisas” concretas do lugar com o objetivo de compreender o seu significado existencial. Assim sendo, o Lugar de Santa Marta é primeiramente reconhecido por um espaço de transição, que faz a passagem entre o exterior e o interior.



Figura 18: Fotografia tirada [a 5 de Março de 2013] ao atual acesso ao claustro - Registo da autora.

A qualidade transitiva deste espaço é reforçada pelas portas desfasadas que ligam estas duas realidades. É neste espaço que se encontram atualmente dois painéis⁶³ de azulejo, cuja presença nos faz parar, num momento de adaptação. Após ultrapassado este espaço de sombra, voltamos a ter a luz como protagonista, que ilumina os pilares⁶⁴ da galeria. De aspeto pesado, adquirem uma linguagem mais delicada quando em contacto com o ambiente do jardim. A relação interior/exterior do lugar é assumida como fronteira, no qual o exterior não revela a presença de qualquer elemento interno. De facto, é interessante observar como estas duas ambiências, que originalmente se pretendiam sem continuidade, permanecem assim até aos dias de hoje, tornando possível a experiência autónoma de cada uma, adquirindo um significado que lhes é específico.

⁶³ Na atual portaria do hospital, que dá acesso ao claustro, encontram-se dois painéis produzidos em 1690, da autoria do pintor Gabriel Del Barco, que faziam parte de um conjunto de três painéis inicialmente colocados no dormitório do convento. Um dos painéis representa a consagração de Santa Clara, acompanhada da sua prima, no qual S. Francisco num ato simbólico lhe corta o cabelo. O outro mostra-nos Santa Clara enfrentando os mercenários do Imperador do Império Romano-Germânico. O terceiro painel, ilustrando o presépio, encontra-se atualmente no Hospital de S. José. Este pintor espanhol que veio aos 20 anos para Lisboa, caracterizava-se por produzir uma pintura liberta de contorno rigoroso do desenho, introduzindo nos azulejos o estilo barroco.

⁶⁴ A arcaria, formalizada por sete pilares ligados entre si através de arcos de volta perfeita, em blocos de pedra lioz.

Por último, associado à proteção que transmite, será pertinente referir que o claustro de Santa Marta, de dimensão média, oferece o conforto de um espaço de pequena escala e a presença da arcada que o circunda destaca-se enquanto elemento funcional que oferece sombra e resguardo, e portanto, um sentimento de segurança.



Figura 19



Figura 20



Figura 21

CAPÍTULO V

PROJETO

14.CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

Inspirados pela Roma imperial, alguns escritores portugueses dos séculos XVI e XVII consideraram Lisboa uma cidade assente em montes ou colinas. Esta ideia, tendo perdurado com o decorrer do tempo, veio mesmo a batizar Lisboa como a “cidade das sete colinas”⁶⁵. A cidade cresceu a partir da colina do castelo, ocupando progressivamente os vales e colinas envolventes. Durante séculos, a construção de conventos, cercas, quintas e palácios foi enriquecendo o denso tecido da cidade, sendo que a sua localização e implantação tinham fundamentalmente em conta fatores como: fertilidade dos solos, recursos hídricos, exposição solar e declives.

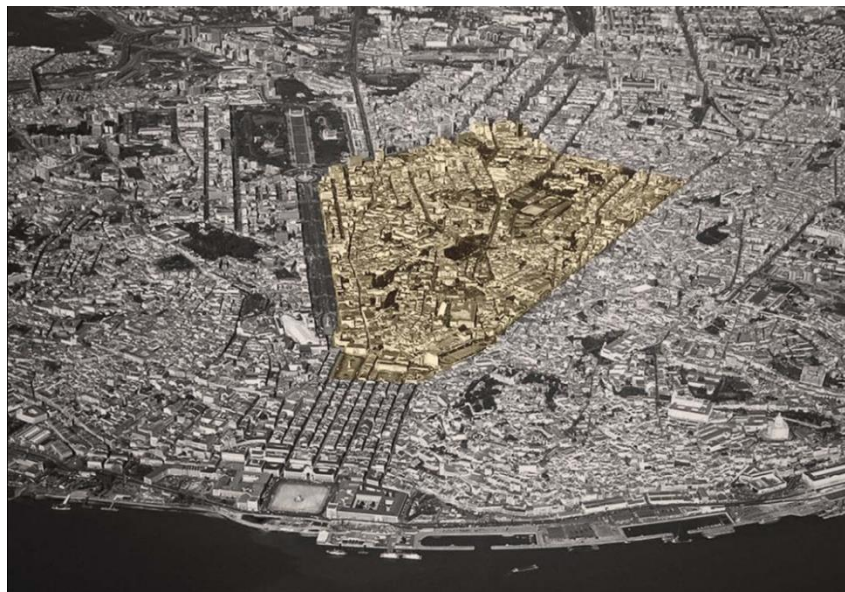


Figura 22: Demarcação da colina de Sant'Ana, em Lisboa.

A colina de “Santana”, terá sido assim denominada por nessa época existir na sua zona mais alta um convento de religiosas franciscanas dedicado a Santa Ana. Embora no século XVI ainda fosse ocupada maioritariamente por olivais, do lado poente, cedo se começou a delinear um caminho que, percorrendo o vale, se dirigia para norte, constituindo-se numa das principais vias de acesso à cidade desde a época romana. O percurso desta via é hoje constituído pela Rua das Portas de Santo Antão, São José e Santa Marta⁶⁶, até ao Largo do Andaluz. De um lado e doutro dessa via foram progressivamente surgindo construções que indiciavam já o que viria a ser a futura expansão da cidade na vertente norte. A Colina de Santana localiza-se portanto no centro histórico da cidade de Lisboa, entre dois dos principais eixos de expansão da cidade: a Avenida da Liberdade e a Avenida Almirante Reis. Ao longo do século XVI, várias congregações religiosas escolheram o local para implantação das suas casas religiosas⁶⁷.

⁶⁵ A citação referente às sete colinas de Lisboa aparece pela primeira vez no século XVII, no Livro das Grandezas de Lisboa, de Frei Nicolau de Oliveira.

⁶⁶ Atualmente, a rua de Santa Marta continua a ser uma das mais emblemáticas ruas de Lisboa, surpreendente na diversidade de tipologias e linguagens que apresenta. Desenha e delimita a colina de Santana, mostrando claramente onde nasce a Lisboa contemporânea e o que sobra da Lisboa antiga. O fator surpresa, que o magnífico claustro do hospital de Santa Marta revela, intensifica-se pelo contraste com a rua apertada que lhe é adjacente.

⁶⁷ Estas foram Santa Ana, Santa Marta, Santo Antão-o-Novo, Santa António dos Capuchos, Desterro e, mais a Norte, Arroios e Santa Joana Princesa, que ocuparam com as suas extensas cercas grande parte do território da colina.



Figura 23: Localização do Hospital de Santa Marta na colina.

No final do século XVIII, de acordo com a cartografia, regista-se a existência de duas pequenas malhas urbanas reticuladas, a primeira organizada em torno da Calçada de Santana e a segunda encostada ao troço da velha estrada romana, a Sul do Convento de Santa Marta. Serão, por certo, os mais antigos polos de crescimento urbano na colina.

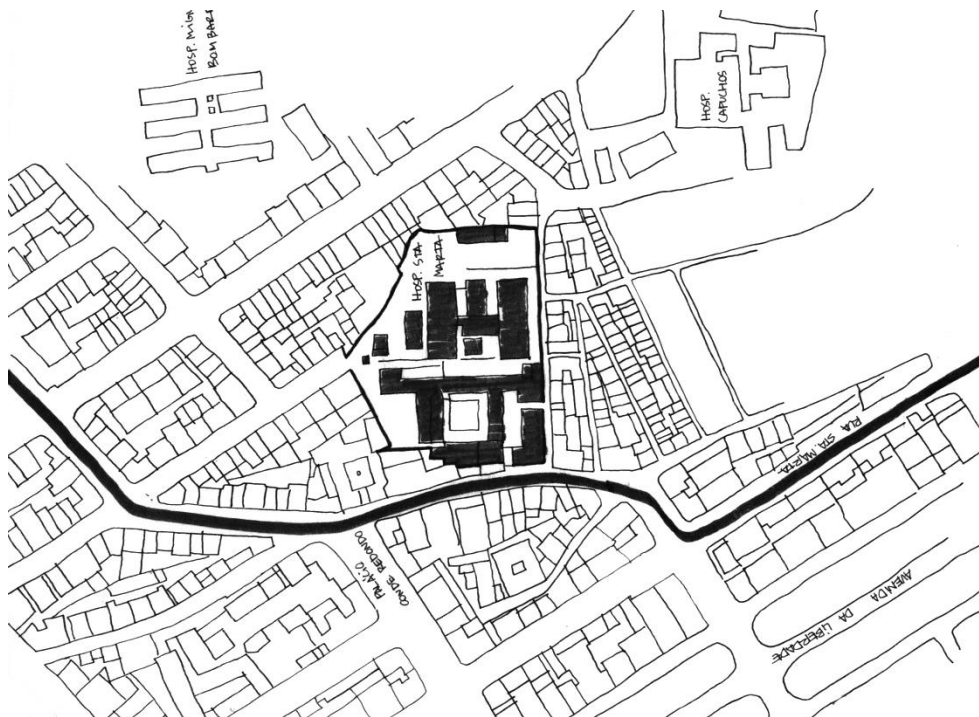


Figura 24: Esboço que visa mostrar o Hospital de Santa Marta como elemento que separa duas malhas urbanas distintas.

Construir nesta parcela da cidade de Lisboa pode ter como consequência a má gestão do património que este lugar nos oferece. No entanto, pode conduzir a uma oportunidade para repensar e revitalizar uma zona com localização e topografia privilegiadas. O futuro deste património deve ser bem ponderado, de modo a que este local seja bem integrado na cidade, sem perder as suas características identitárias.

15. PRINCÍPIOS GERADORES DA PROPOSTA

Após a compreensão do significado de Lugar e do território onde se encontra Santa Marta, desde a escala da cidade à escala da envolvente mais próxima, é possível aferir o tipo de programa que se pretende para esta realidade, tendo sempre em conta a sua compatibilização com o “genius loci” reconhecido. A presente proposta fundamenta-se na concretização de dois princípios: a permeabilidade e qualificação do espaço público, e a valorização patrimonial / identificação da estrutura conventual. Relativamente à permeabilidade e atravessamento do espaço público, considerou-se importante reequacionar a acessibilidade entre as partes baixa e alta da colina, ou seja, criar dois percursos distintos, um a uma cota inferior e outro a uma cota superior, que acompanha o muro. No que diz respeito à área de intervenção da presente proposta, o espaço verde da antiga cerca de Santa Marta, sendo quase reposto, é reinterpretado para novos usos. Relativamente ao que manter (a vermelho) e ao que se propõe demolir (a cinza) tem-se como princípio voltar “à origem das coisas” e manter unicamente o edifício do claustro, que seria o convento propriamente dito.

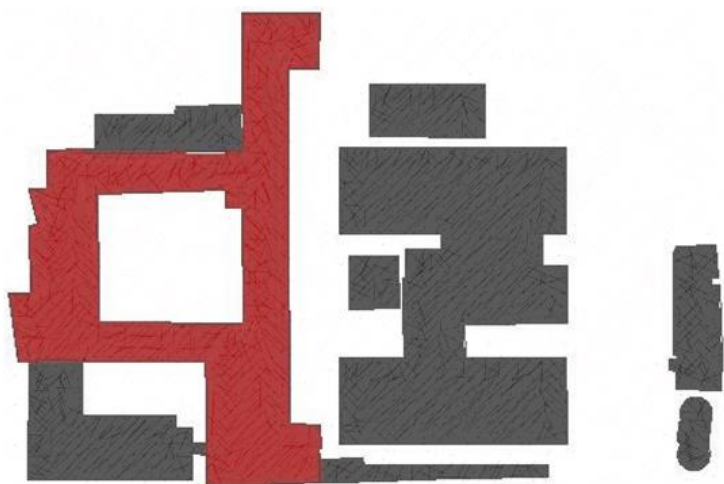


Figura 25: Esquema de demolições.

O edifício do claustro, em particular a igreja e a sala do capítulo, sobressai pelo intrínseco valor patrimonial que evidencia, mantendo uma presença identificável no conjunto. Pretende-se, assim, enfatizar o que realmente merece permanecer, eliminando construções adjacentes que desvirtuam a riqueza espacial que existiu enquanto convento.

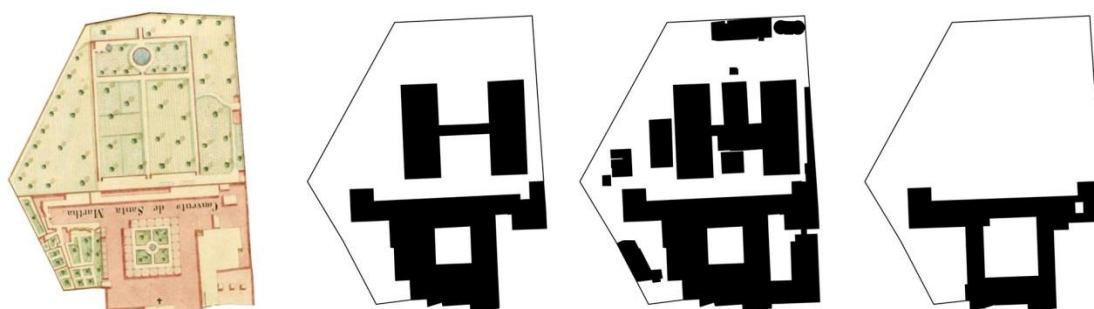
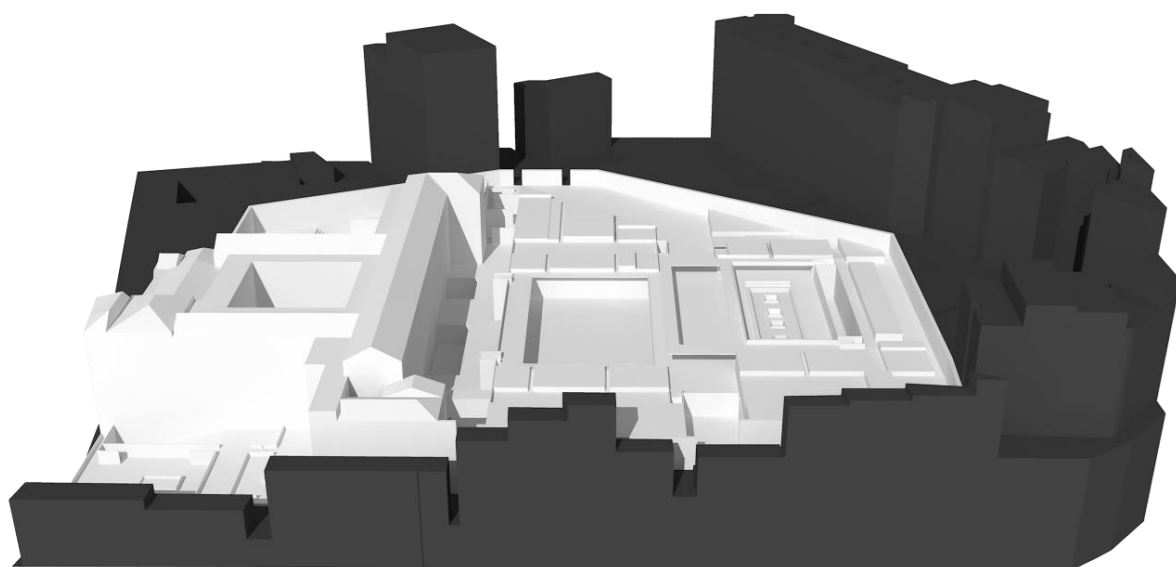
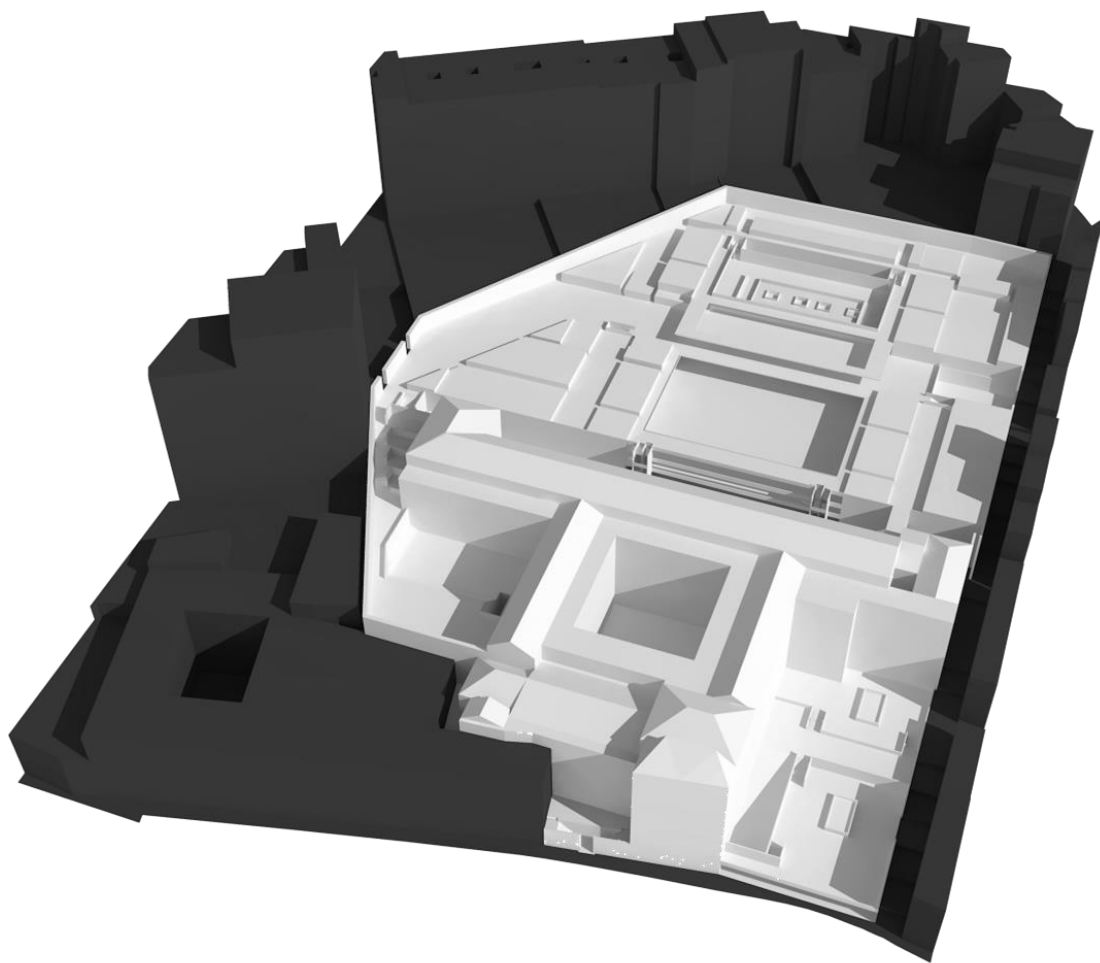


Figura 26: Esquema representativo da sequência histórica do conjunto arquitetónico.

Sendo que este lugar revela um importantíssimo valor do ponto de vista cultural, sente-se a necessidade de o oferecer à cidade, isto é, possibilitar o seu usufruto por parte da comunidade, não restringindo o seu acesso. Importa, no entanto, manter o seu carácter de introspeção e isolamento. A cerca de Santa Marta constitui-se numa descontinuidade urbana, porque viveu fechada sobre si. O limite que os seus muros criam, apesar de constituir uma barreira na vivência da cidade, poderá representar uma mais-valia e não um impasse ao desenvolvimento do território onde se encontra. O pensamento que se defende neste trabalho tem então por base a preservação do seu limite original, por razões culturais e identitárias. Através da preservação do carácter isolado, prevê-se não um isolamento do seu programa mas sim da sua estrutura física, que ao ser conservada, possibilita a integração de um lugar na cidade, restituindo o significado existencial do seu território.



Figuras 27 e 28: Imagens retiradas do modelo tridimensional ilustrativo da proposta do conjunto.

Na entrevista a Álvaro Siza Vieira⁶⁸, de Hugo Oliveira⁶⁹, o arquiteto fala-nos sobre “The Obsolescence of a Building”:

“Uma coisa que acontece é um edifício durar ‘x’ e durante esse ‘x’ ter várias ocupações diferentes. Assim o exemplo mais evidente é o convento. O convento, que é feito para a comunidade, com uma vida muito própria, com uma disciplina fixa (...) de funções muito objetiva. No entanto, depois serviu para tudo, hotéis, hospitais... tudo! Porque exatamente tem esse rigor no sistema de relações entre as partes, mas ao mesmo tempo uma grande flexibilidade alternativa”.

Na generalidade, os conventos de Lisboa que sobreviveram até aos dias de hoje tiveram lógicas sequenciais programáticas muito diversas, na medida em que após servirem as comunidades religiosas, adquirem funções muito distintas, o que revela grande adaptabilidade destes espaços que inicialmente são concebidos com um propósito tão específico.

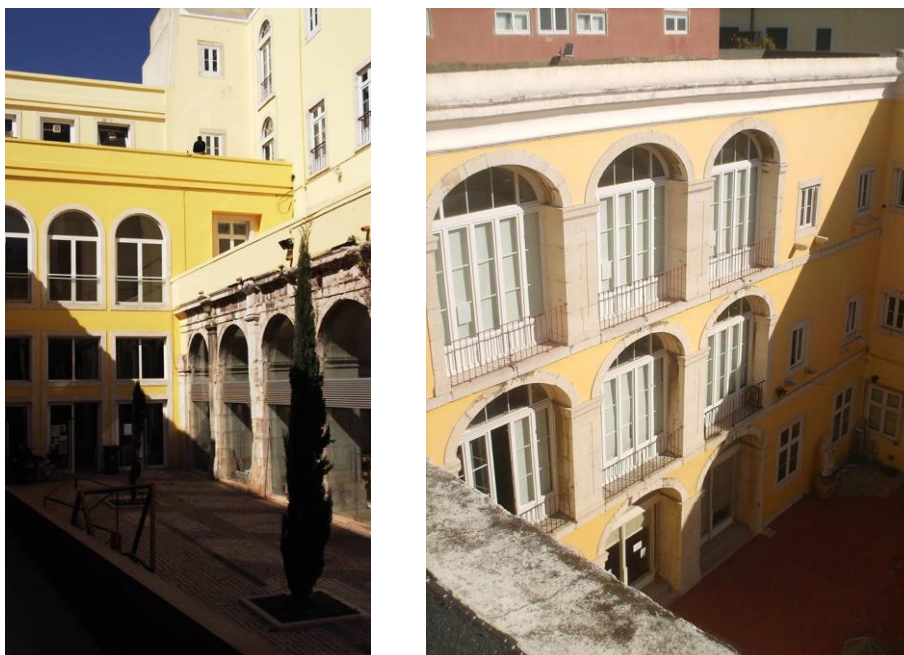
Erving Goffman⁷⁰, na obra “Manicómios, Prisões e Conventos”, refere-se a estas instituições como “totais”, no sentido em que quando uma instituição social se organiza de modo a atender indivíduos separando-os da sociedade por um período de tempo e impondo-lhes uma vida fechada sob uma administração rigorosamente formal, ela apresenta a tendência de “fechamento”, o que vai simbolizar o seu carácter “total”. Por outras palavras, este tipo de programas, que visam o isolamento total de um determinado grupo de indivíduos, tem naturalmente que corresponder a todas as exigências do dia-a-dia dos mesmos, e portanto, que responder à -total-idade das suas necessidades. Apresentando, de um modo geral, uma arquitetura com uma organização muito clara, são originalmente formalizadas com um fim muito específico, mas devido à sua “totalidade” funcionalista, conseguem suportar variadíssimas funções. Um dos conventos que parece relevante referir pelo facto de apresentar transições programáticas díspares é o Convento de S. Francisco. Fundado em 1217 a partir de uma ermida⁷¹ construída pela Ordem Franciscana, tem uma longa história que se cruza com a das principais instituições culturais portuguesas. Em 1886, altura em que o edifício sofreu uma total alteração a nível funcional, estavam aí instalados a Biblioteca Nacional, a Academia Real de Belas Artes, o Governo Civil, a Polícia e a Sociedade de Geografia com o seu Museu Etnográfico, entre outras funções de menor dimensão.

⁶⁸ Álvaro Joaquim de Melo Siza Vieira (Matosinhos, 1933) é o mais premiado arquiteto contemporâneo português. Estudou, entre 1949 e 1955, na Escola Superior de Belas-Artes do Porto e atualmente as suas obras encontram-se por todo o mundo, da América à Ásia, passando por países como Portugal, Espanha, Países Baixos, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul, Estados Unidos, entre outros.

⁶⁹ Hugo Oliveira (Arlington, 1984) formou-se em arquitetura no ISCTE, em Lisboa, no ano de 2009. Atualmente mantém um blog chamado “Hugo’s Peep Box”, onde partilha entrevistas e arquivos.

⁷⁰ Erving Goffman (1922 – 1982) foi um cientista social e escritor canadense.

⁷¹ Trata-se de uma pequena igreja ou capela, normalmente localizada fora das povoações ou em lugares isolados.



Figuras 29 e 30: Fotografias tiradas [a 7 de Janeiro de 2013] ao claustro do antigo Convento de São Francisco, em Lisboa - Registos da autora.

A Escola Superior de Belas Artes, assim denominada desde 1950, recebeu o estatuto de Faculdade apenas em 1992, sendo esta que ocupa, atualmente, a quase totalidade das antigas instalações conventuais. O programa que serve atualmente encontra-se, portanto, muito vinculado ao seu passado⁷². A relevância do Convento de S. Francisco da Cidade deve-se à sua complexa história de cerca de oito séculos.

Embora mais recente, também o antigo Convento de Santa Marta passou por grandes adaptações e acrescentos que tendencialmente descaracterizam a sua essência arquitetónica. É neste sentido, que se pretende um programa que interprete e respeite a história e essência deste Lugar.

Como visto anteriormente, a “colina dos conventos” que passou a “colina da saúde”, é atualmente apelidada de “Colina do Conhecimento”, devido a uma forte predisposição para a prática do Ensino, mostrando-se direcionada em receber Universidades, Escolas e Institutos. Neste contexto, enquanto programa para este lugar propõe-se a existência de uma escola de ensino básico e preparatório - no edifício do claustro - e um pequeno polo desportivo, complementar à escola, que garanta a presença de um notável espaço verde, de acesso público, capaz de servir a população local. Pretende-se que o espaço urbano a (re)criar responda a uma população envelhecida, indo ao encontro da necessidade de rejuvenescer e atrair novas camadas etárias de modo a impulsionar o contacto entre duas gerações.

⁷² Sempre bastante ligado à arte, no momento do encerramento dos espaços conventuais, com a extinção das Ordens Religiosas, foi aqui que se preservaram as obras e objetos de maior riqueza dos restantes conventos da cidade.

Libertar o espaço do claustro e as áreas exteriores anexas ao edifício do convento, será o modo de recuperar o carácter estruturante do edificado, potenciando o seu lado lúdico, paralelamente a um tratamento paisagístico. Assim, o objetivo é a introdução de um espaço verde enquanto espaço de desafogo. Alguns dos espaços podem inclusivamente, dado o seu carácter, ser alugados para eventos sociais coletivos. À escala das faculdades, prevê-se que os estudantes possam igualmente ser elementos ativos nas atividades propostas. Muitos dos espaços propostos funcionam como mediação entre os diferentes intervenientes, permitindo o surgimento de lugares de encontro.

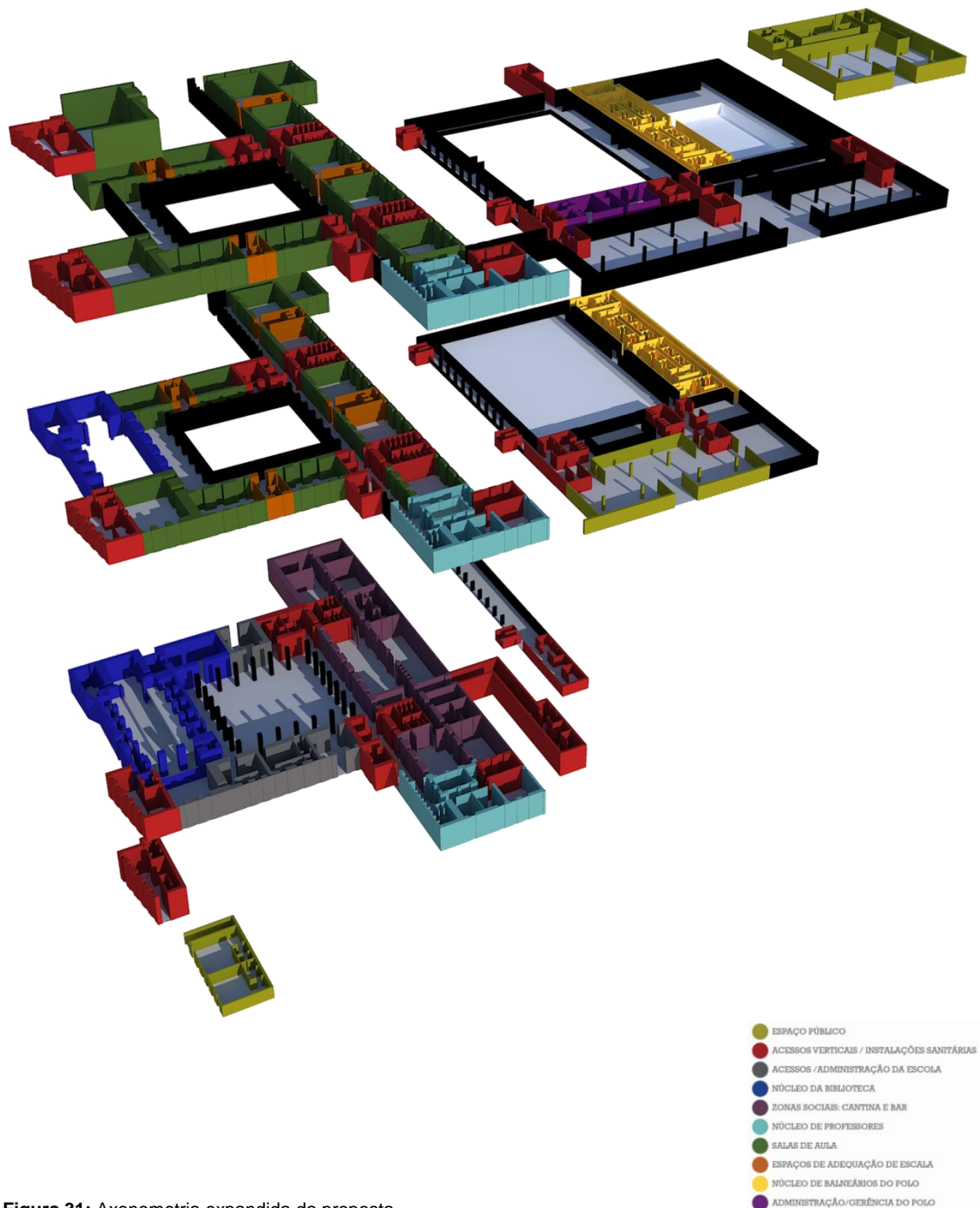


Figura 31: Axonometria expandida da proposta.

17. PROPOSTA

Partindo do pressuposto de que o método projetual adotado baseia-se na história como modo de compreensão e consciencialização sobre o existente, e tendo como base uma abordagem fenomenológica do “genius loci” do lugar de Santa Marta, pretende-se abordar o projeto do ponto de vista da sua essência. De seguida, a proposta será descrita em dois momentos distintos, mas interligados. Estes momentos correspondem ao que foram as duas fases de projeto, sendo que se trata de dois programas distintos, ainda que relacionados. Primeiramente procedeu-se à reabilitação do edifício do claustro, no qual se trabalhou a escola, e só depois o polo desportivo. No entanto, não são pensados dissociados um do outro, como veremos neste capítulo. Assim, primeiramente será descrito o trabalho efetuado no edifício do claustro, e posteriormente na importância da cerca, que se constitui indispensável à formalização da proposta na sua totalidade.

PARTE I: A ESCOLA

IDEIAS CONCEPTUAIS DO PROJETO

O trabalho desenvolvido tem por base a história do edificado enquanto estrutura conventual. Ora, após realizar a pesquisa relativamente à vivência no mosteiro de Santa Marta, é possível saber que no início da sua fundação também este se assume como lugar de aprendizagem para as órfãs acolhidas, vítimas das pestes. Surge assim o interesse em reconverter o edifício do claustro numa função que remetesse para o passado, e portanto, para a história que marcou aquele lugar: uma infraestrutura de apoio à educação. De facto, o ensino nos conventos era considerado pela sociedade como bastante enriquecedor, pois associado a uma questão religiosa, investia na recuperação dos perdidos “admiráveis exemplos de virtude e santidade”⁷³, tal como José Amado⁷⁴ descreve:

*“Tudo o que não é começar e acabar por Deos, é sempre vão, ou ephemero: a instrucção leiga está, em geral, nesta conta, porque começa pelo homem, e pára n’elle; pelo melhoramento material do povo, e nada mais. O que se procura na infancia e na mocidade é enriquecer, quanto é possível, o espirito e o entendimento em principios abstractos, ou prendas de que resulta distincção”*⁷⁵

Para Amado, a educação fora de institutos monásticos seria fútil, *“que não enriquece o espirito, nem aperfeiçoa o coração”*⁷⁶. Este caracteriza a educação leiga e religiosa: a primeira assentava na vaidade, enquanto a segunda se baseava no respeito, obediência e caridade. A verdade é que os conventos, nos séculos XVI e XVII tinham bastante capacidade para neles se proceder ao aprendizado, já que contavam com,

⁷³ AMADO, José de Sousa, “Os Conventos de Religiosas em Portugal e na Inglaterra ou Observações sobre o Abandono e Decadência dos Conventos de Religiosas em Portugal”; Typographia de G. M. Martins; 1859 - pág.26

⁷⁴ José de Sousa Amado terá nascido em 1812 e falecido em 1878. Autor eclesiástico de várias obras que abordam a religião e os costumes portugueses.

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ Idem.

pelo menos, uma Religiosa com aptidão para mestra de música, leitura e escrita, e com aptidão para o ensino elementar. No Convento de Santa Marta, o ensino chegou a abranger cerca de 80 recolhidas, o que chegou mesmo a condicionar o espaço disponível para tal efeito.

Optando por uma vertente histórica do Lugar de Santa Marta, parece importante referir que “a escola” se torna notória a partir dos anos cinquenta, década em que a industrialização vai lentamente transformar uma época até então caracterizada por um modelo de sociedade predominantemente agrícola. O ensino não possuía edifícios para toda a população escolar, debatendo-se com grandes dificuldades de adequação funcional programática. Com a criação da Direção-Geral das Construções Escolares, em 1969, pretendia-se acelerar a construção de novas infraestruturas, de forma a diminuir os atrasos na resolução das carências até então dominantes. Surgem, nesta altura, as escolas do ensino secundário e do ensino técnico-profissional. Atualmente as situações alarmantes de carência de instalações que se observam, resultam de uma explosão escolar com dimensões especialmente graves nas áreas urbanas de maior atração populacional, sendo hoje numerosas as escolas a funcionar em abrigos improvisados e instalações provisórias de natureza precária. Numa tentativa de contrariar esta tendência, desenvolve-se um trabalho que visa oferecer um espaço adequado a acompanhar crianças no que será uma passagem que as marcará para sempre. A escola é um reflexo das pesquisas individuais, complementares à sua estrutura programática base.

Atualmente a escola apresenta-se como um dos programas fundamentais das sociedades modernas. Em Portugal, a atenção no ramo educativo tem vindo a acentuar-se com a implantação do ensino pré-escolar e com a introdução do programa do Parque Escolar⁷⁷. Embora este enfoque na educação seja recente, é importante perceber a importância que o meio exerce a nível da aprendizagem e do crescimento da criança. Na fase da sua infância, esta interpreta o espaço na sua totalidade e interage ativamente com os elementos que o compõem. A criança faz uma leitura do ambiente não pela sua delimitação física, mas pelas oportunidades que este lhe oferece. A necessidade de apropriação do lugar surge na procura de momentos onde a criança molda o seu próprio espaço. Esta criança procura, de modo intuitivo e inconsciente, adaptar a sua escala, à escala do adulto.

A nível do projeto propriamente dito, foi pensado, em primeira instância, concretizar uma escola de ensino primário. No entanto, com o desenvolver do trabalho, percebeu-se que o espaço contradizia as capacidades que uma criança dos 6 aos 10 anos percecionava. Ou seja, concluiu-se que o lugar seria demasiadamente formal para a aprendizagem desta faixa etária.

⁷⁷ A Parque Escolar, aprovada em 2006, tem por objeto o planeamento, gestão e execução do programa de modernização da rede pública de escolas afetas ao Ministério da Educação.

Esta questão remete-nos para o desenvolvimento humano segundo o modelo⁷⁸ de Piaget⁷⁹. Este impulsionou a Teoria Cognitiva, onde propõe a existência de quatro estágios de desenvolvimento cognitivo no ser humano, como veremos de seguida. Influenciou a educação de modo profundo, defendendo que as crianças só devem aprender o que estão preparadas para assimilar, enquanto aos professores cabe aperfeiçoar este processo. Convicto de que o desenvolvimento intelectual dá-se em estágios determinados, utiliza a “teoria dos “estágios” para contrapor o ensino tradicional e autoritário do século XIX. Afirmava que de uma forma geral, todos os indivíduos vivenciam estas quatro fases na mesma sequência. Porém, o início e o fim de cada uma podem sofrer variações⁸⁰:

- Sensório-motor (0 a 2 anos)

No recém-nascido as funções mentais limitam-se aos reflexos inatos. O universo que circunda a criança é conquistado mediante a percepção e os movimentos, que progressivamente vão sendo desenvolvidos. Na fase final deste período já se concebe dentro de um cosmos *"com objetos, tempo, espaço (...) entre os quais situa a si mesma como um objeto específico, agente e paciente dos eventos que nele ocorrem"*.

- Pré-operatório (2 a 7 anos)

O que marca a passagem do período sensório-motor para o pré-operatório é o aparecimento da função simbólica ou semiótica, ou seja, a linguagem. A linguagem representa modificações importantes em aspetos cognitivos, afetivos e sociais da criança, uma vez que possibilita a interação e fornece, principalmente, a capacidade de trabalhar com representações para atribuir significados à realidade. Esta fase caracteriza-se, ainda, pelo egocentrismo, uma vez que a criança não concebe uma realidade da qual não faça parte, devido à ausência de esquemas conceituais e da lógica. Assim, embora a criança apresente a capacidade de atuar de forma lógica e coerente (em função da aquisição de esquemas sensoriais-motores na fase anterior) ela apresentará, paradoxalmente, um entendimento da realidade desequilibrado (em função da ausência de esquemas conceituais).

- Operações concretas (7 a 11 anos)

Neste período a incapacidade de se colocar no ponto de vista de outros (fator que caracteriza a fase anterior) dá lugar à capacidade da criança em estabelecer relações e coordenar pontos de vista diferentes. Um outro aspeto consiste em realizar operações mentalmente e não apenas através de ações físicas da inteligência sensório-motor. Se no período pré-operatório a criança ainda não havia adquirido a capacidade de reversibilidade, agora consegue pensar simultaneamente nos estados inicial e final de alguma transformação efetuada sobre os objetos. Tal capacidade será construída ao longo dos estágios operatório concreto e formal.

⁷⁸ A designada Teoria dos Estágios, elaborada entre 1940 e 1945.

⁷⁹ Jean William Fritz Piaget (1896 - 1980) foi um epistemólogo suíço, considerado um dos mais importantes pensadores do século XX. Defendeu uma abordagem interdisciplinar para a investigação epistemológica e fundou a Epistemologia Genética, teoria do conhecimento com base no estudo da gênese psicológica do pensamento humano. A teoria explica como o conhecimento é adquirido na nossa psique, desde a infância até a maturidade humana. A sua obra é reconhecida mundialmente, na medida em que contribui para compreensão da formação do intelecto.

⁸⁰ A divisão nas referidas faixas etárias é uma referência, e não uma norma.

- Operações formais (11 anos em diante)

Ampliando as capacidades conquistadas na fase anterior, já consegue formar esquemas conceituais abstratos e através deles executar operações mentais dentro de princípios de lógica formal: criticar os sistemas sociais e propor novos códigos de conduta, construindo os seus próprios valores morais. Ao atingir esta fase, a criança adquire a sua forma final de equilíbrio, ou seja, consegue alcançar o padrão intelectual que persistirá na idade adulta. O seu desenvolvimento posterior consistirá numa ampliação de conhecimentos, em extensão e profundidade, mas não na aquisição de novos modos de funcionamento mental.

Após a análise destas quatro fases, e sabendo que o ensino básico e preparatório compreende, de um modo geral, as idades entre os 10 e os 16 anos, compreendemos que a criança se encontra maioritariamente numa fase de “Operações formais”, sendo mais autónoma, e portanto, capaz de construir relações espaciais com o que a rodeia.

DESCRIÇÃO DO PROJETO E SUAS REFERÊNCIAS

Cabe ao arquiteto projetar elementos que contribuam para a descoberta individual da criança perante o meio que a rodeia, proporcionando-lhe os mecanismos para que o seu crescimento se construa da forma mais adequada. No projeto desenvolvido, a reorganização do interior do edificado é feita a partir da articulação dos diferentes sectores que o compõem, de modo a garantir condições favoráveis ao seu funcionamento e permitir a abertura à comunidade exterior em períodos não letivos. Os sectores funcionais considerados referem-se a:

- Núcleo de aprendizagem formal + Núcleo de aprendizagem informal
- Núcleo de biblioteca
- Núcleo de espaços desportivos
- Núcleo de espaços sociais e de convívio
- Núcleo de receção/ administração
- Núcleo de docentes
- Núcleo de funcionários

O edifício do claustro é composto por três pisos (como teria sido na época conventual), contrariamente à situação atual, em que o hospital conta com quatro, sendo que um deles, intermédio, crê-se que tenha sido um acrescento feito posteriormente, entre o piso térreo e o primeiro piso. O piso térreo, à cota 36.40, apresenta uma linguagem naturalmente distinta dos restantes, marcado por um pé direito maior. Aqui terão lugar funções de caráter social e de gestão/administração, enquanto nos pisos superiores terá lugar essencialmente o núcleo de aprendizagem formal.

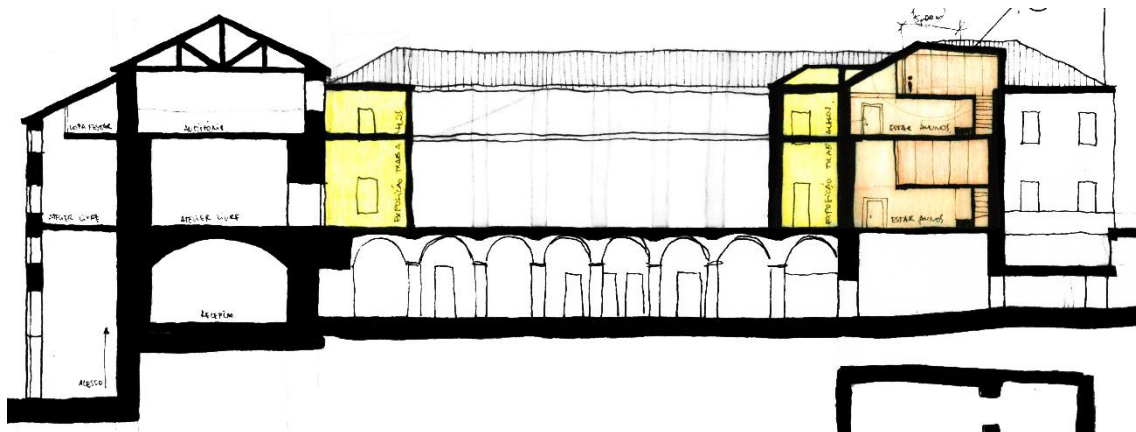


Figura 32: Esboço; corte do edifício do claustro.

Na proposta desenvolvida, a igreja, desativada desde o início do século XX, passa a ser o espaço de biblioteca, conservando a nobreza que lhe era característica. A ideia consiste em aproveitar o grande pé-direito e uma cota intermédia (36.15) para criar duas pequenas plataformas, onde se tem acesso aos computadores. Deste modo, há uma separação entre a sala de leitura e a zona de pesquisa nos computadores. Esta ideia é visível na Faculdade de Arquitetura de Alcalá⁸¹ (figura 29), na proximidade de Madrid, que se localiza num antigo convento⁸² do século XVII. Atualmente a faculdade apresenta um ambiente dinâmico e entusiasta, como resultado de um interessante projeto de reabilitação.



Figura 33 (esq.): Fotografia tirada [a 19 de Maio de 2009] à zona destinada aos computadores da biblioteca da Faculdade de Arquitetura de Alcalá, em Madrid - Registo da autora.

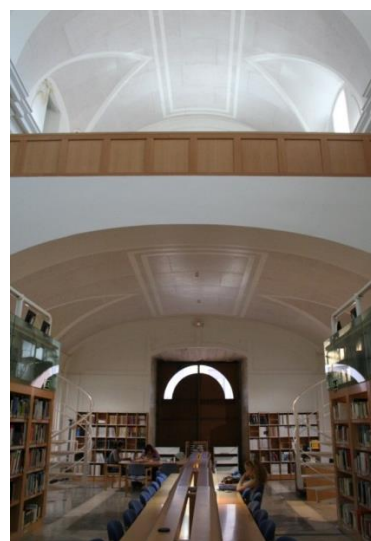


Figura 34 (dir.): Fotografia tirada [a 19 de Maio de 2009] à biblioteca da Faculdade de Arquitetura de Alcalá, em Madrid - Registo da autora.

Ainda relativamente à igreja, é possível que a mesma sirva não exclusivamente a escola. A possibilidade desta receber pessoas da comunidade local é viável, já que a biblioteca mantém uma relação de proximidade com a Rua de Santa Marta, sendo assim de fácil acesso.

⁸¹ Cidade declarada Património Histórico da Humanidade pela UNESCO.

⁸² Antigo Convento Carmen Calzado.

O investimento na promoção de um “ambiente de aprendizagem” requer o reforço de mensagens visuais que possam ser decodificadas facilmente, e portanto, assimiladas pela comunidade escolar. Neste sentido torna-se importante assumir a zona destinada a biblioteca, como o “coração” da escola: um espaço físico e visualmente acessível à comunidade escolar a partir da entrada. Sendo as zonas mais nobres do conjunto a igreja, Sala do Capítulo e o “Edifício Azul”⁸³, a visibilidade funciona aqui para fomentar a sua utilização pela comunidade e difundir uma prática de aprendizagem. Por este motivo, pretende-se a ocupação da antiga igreja para desempenhar a ocupação do Núcleo da biblioteca. Do mesmo modo ao expor os trabalhos dos alunos pelos espaços de circulação e de maior visibilidade está-se a divulgar as suas capacidades, premiar o seu esforço e empenho. Neste contexto, a sala do capítulo, que apresenta relativamente bom estado de conservação, é integralmente mantida como espaço destinado à exposição de trabalhos de alunos. Na atual capela (antigo coro-baixo), pretende-se criar uma ligação direta entre a rua e o claustro, destinando este espaço a uma entrada preferencial para pais e visitantes. Assim, esta passa a ter dois acessos distintos, este último como entrada principal, e a atual entrada (original do convento) para alunos. Entre estes dois acessos, encontra-se estrategicamente localizado o local para gestão e administração, de apoio à recepção dipartida. Na ala Sul, localiza-se a cantina e o bar e respetivas dependências, com iluminação e ventilação natural, já que se propõe o aproveitamento de cotas inferiores para possibilitar maior eficiência destes espaços que hoje são parcialmente enterrados. Ainda na ala Sul, à direita, encontra-se o núcleo de docentes, que se desenvolve de modo independente pelos três pisos. Aqui podemos encontrar os gabinetes dos professores, uma sala de reuniões, uma sala de professores e uma sala de convívio.

Um aspeto determinante para a organização do espaço a nível do piso térreo consistiu em dar ênfase ao sistema axial do claustro. No seu interior, o jardim descreve uma axialidade entre o “terreno” e o “divino”. A contenção do espaço é conseguida pelo limite visual, que reforça a relação com o céu, sem limites. A orientação vertical, feita pelo “axis mundi” ou eixo do mundo, ilustra o aspeto sagrado do espaço arquitetónico, enquanto o horizontal corresponde ao profano. A noção de harmonia geométrica como um reflexo do divino determina a ideia de que Deus é o arquiteto do universo (a simetria radial representa a perfeição).

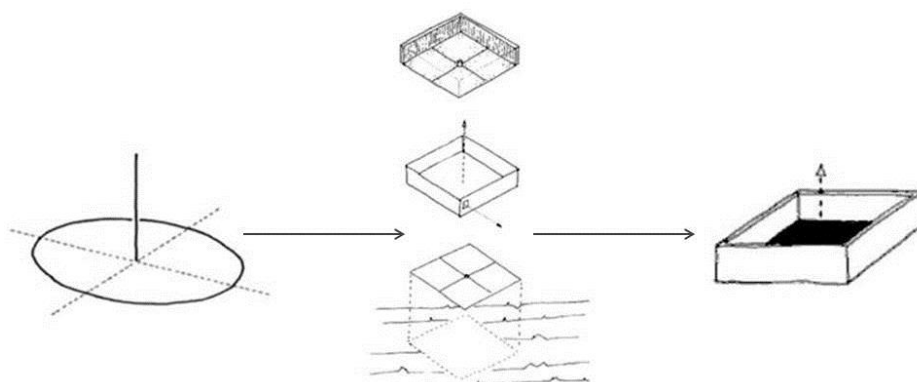


Figura 35: Desenhos retirados da obra “The Enclosed Garden”, páginas 3, 15 e 52. Modelo de espaço existencial de Norberg-Schulz – Axis mundi faz a ligação entre o terreno e o divino.

⁸³ Edifício adjacente à igreja, cuja fachada principal se impõe visualmente na Rua de Santa Marta.

A nível do projeto, pretende-se um prolongamento desta axialidade, no sentido em que este deixa de existir apenas como desenho de jardim para fazer o atravessamento dos espaços de um lado ao outro do edificado, como se vê no esboço seguinte.



Figura 36: Esboço que evidencia a disposição espacial de funções no piso térreo do claustro, reforçando o sistema axial já existente.

Ainda ao nível do piso térreo, mas exterior, pretende-se criar um recinto murado que faz a transição entre o público (Travessa de Santa Marta) e o privado (escola), onde as crianças possam aguardar a chegada dos pais (a castanho, na figura seguinte). Aqui propoe-se um acesso viário, não sendo predominantemente um local de paragem, mas sim de passagem. Este apresenta-se à cota da estrada⁸⁴, para facilitar a chegada/saída de pais e alunos. De facto, a possibilidade de retirar o atual edifício das consultas externas aqui localizado, permite dignificar o que constitui ser o acesso principal ao edifício do claustro. Torna-se preponderante oferecer este espaço à comunidade, libertando visualmente a entrada à escola.

⁸⁴ O parque de estacionamento secundário localiza-se onde atualmente se encontra o edifício da Santa.

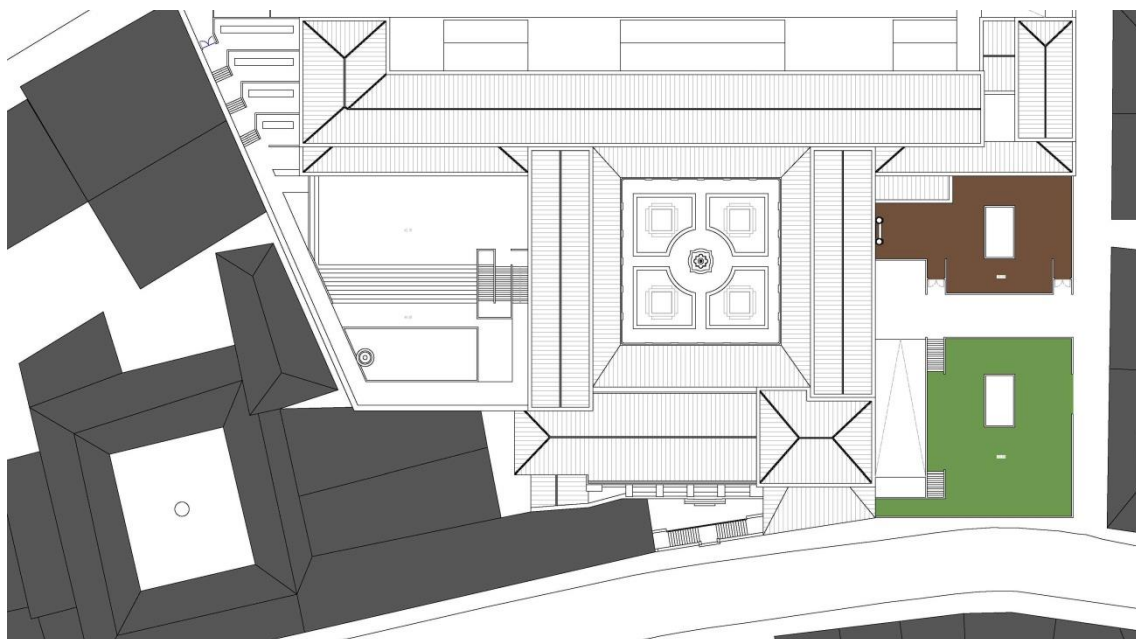


Figura 37: Esquema ilustrativo da entrada principal: recinto público (a verde) e recinto privado (a castanho).

Nos pisos superiores, de igual lógica distributiva, encontra-se o núcleo de aprendizagem formal, no qual as salas de aula se articulam em torno do claustro. Nestes pisos, às cotas 42.35 e 46.95, é visível, nas duas grandes interseções de espaços de circulação, “rótulas”⁸⁵ geradoras da gestão funcional, onde se encontram os acessos verticais e as instalações sanitárias (a vermelho no esboço).



Figura 38: Esboço ilustrativo da disposição das rótulas e das salas de aula, agrupadas duas a duas.

⁸⁵ Apesar de apresentarem uma leitura mais evidente nos dois pisos superiores, está também presente no piso térreo.

No primeiro piso, pretende-se que o terraço passe a ser um espaço interior, como prolongamento dos corredores de distribuição às salas de aula, onde os alunos podem permanecer num ambiente ou de convívio ou de trabalho⁸⁶. Uma vez mais esta ideia é visível na Faculdade de Arquitetura de Alcalá, em Madrid. O edifício conta igualmente com três pisos, e aproveita-se do claustro como lugar de aprendizagem não só formal, como informal. Ao visitarmos o local, deparamo-nos com a versatilidade deste lugar central, onde decorrem aulas de desenho, ou onde os alunos simplesmente trabalham fora do horário curricular. Para que isto seja possível, o claustro foi coberto com uma estrutura de madeira, que permite a entrada (e um curioso efeito) de luz.



Figuras 39 e 40: Fotografias tiradas [a 19 de Maio de 2009] ao claustro da Faculdade de Arquitetura de Alcalá, em Madrid - Registos da autora.

Relativamente ao fechamento deste espaço, permitindo assim o maior usufruto por parte dos alunos, propõe-se um prolongamento das colunas do piso térreo nos pisos superiores, de modo a manter o ritmo já existente sem lhe retirar o seu carácter essencial. Enquanto no primeiro piso o antigo coro-alto passa a ser o atelier livre, no segundo piso procede-se ao aproveitamento do auditório⁸⁷ existente do hospital, para uso dos alunos.

⁸⁶ Pretende-se que seja possível a exposição de trabalhos.

⁸⁷ O auditório encontra-se superiormente ao antigo coro-alto da igreja.

Herman Hertzberger⁸⁸ oferece um estudo aprofundado de casos onde os espaços de ensino podem beneficiar da arquitetura para obter um melhor funcionamento. Hertzberger procura um complemento aos aspetos formais, preocupando-se com as possibilidades espaciais que podem levar a uma melhor educação. Este defende que a própria forma do espaço deve ser capaz de oferecer oportunidades para que as crianças possam utilizá-lo de acordo com as suas próprias necessidades. No seu projeto da Escola Montessori⁸⁹, por exemplo, o desenho do espaço está amplamente relacionado com a conceção de uma pedagogia escolar com base na arquitetura. De planta modular, lembra uma pequena cidade, na qual as salas são concebidas como pequenas casas (unidades autónomas) que, ao estarem diretamente relacionadas com um espaço comum, trariam a atmosfera de uma verdadeira comunidade: o “hall” ou corredor apresenta-se como a rua. Espaços como a cozinha ou um pequeno vestíbulo permitiam que a ideia de casa não se mantivesse apenas na existência de lugares comuns. Deste modo, as crianças aprendem a cuidar do seu próprio espaço, fortalecendo assim uma ligação emocional com o lugar que habitam no seu quotidiano.

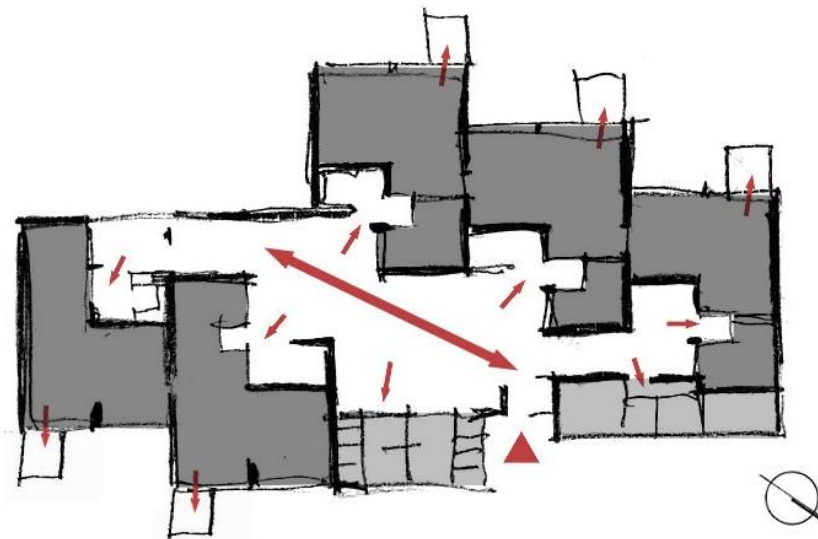


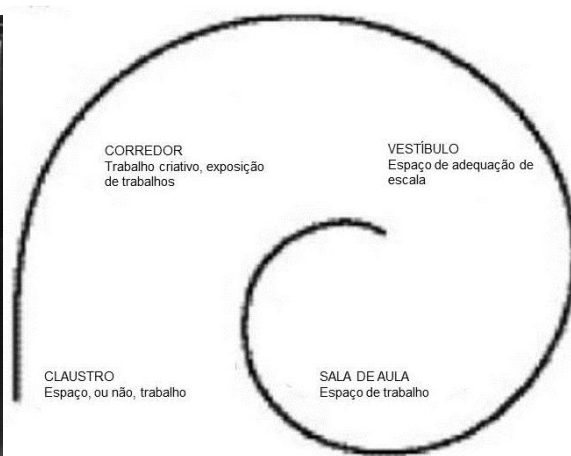
Figura 41: Retirado da obra “Space and Learning” de Herman Hertzberger, página 31. Esquema da disposição das salas de aula da Escola Delft Montessori.

Hertzberger procurou reaver a importância dos espaços comuns na conceptualização do ambiente escolar, podendo este ser adequado para o enfoque tanto sobre o trabalho em grupo como para a educação individual. Reforça a identidade singular de cada grupo de crianças, em cada sala, ao expor os trabalhos realizados em vitrinas estrategicamente colocadas na separação entre a sala e o espaço comum (Figura 35). Numa evolução do que seriam os espaços comuns surge o conceito de “Learning Street” (conceito abordado na prática de projeto, descrito adiante), procurando que estes espaços não se tratassem apenas de uma simples transição entre o público e o

⁸⁸ Herman Hertzberger (1932) é um arquiteto contemporâneo holandês. Considerado o principal condutor do movimento estruturalista no seu país, revela preocupações humanistas, de convivência e conforto. A sua arquitetura permite que todos possam intervir nos seus espaços de variadas maneiras, sendo que a arquitetura não deve servir apenas para expressar uma visão individual. A forma, segundo Hertzberger, nunca é definitiva, podendo ser constantemente expandida e alterada, ficando clara a necessidade de criar espaços polivalentes, que sejam passíveis de alterações “para acomodar o inesperado”, sem se descaracterizar.

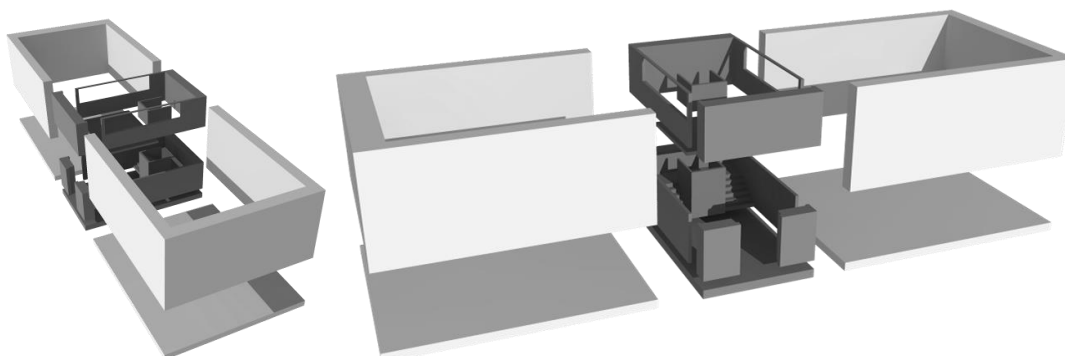
⁸⁹ Projeto em Delft, construída no período 1960-66.

privado, mas também uma anunciação do programa de ensino vivido em cada sala, tornando a entrada às mesmas mais lúdicas. Com a criação desta rua de aprendizagem, a educação formal não se restringia apenas ao espaço da sala de aula mas prolongar-se-ia para o exterior.



Figuras 42 e 43: Retiradas da obra “Space and Learning” de Herman Hertzberger, páginas 32e 46. Imagem e esquema ilustrativos do conceito de zoneamento da sala.

Tal como sugere a figura 36, também a proposta conta com este tipo de estratégia de zoneamento: o claustro, não enquanto rua (como acontece na Escola Montessori) mas enquanto praça, é o ponto central de todo o projeto, na medida em que os alunos saem das suas “casas” e são obrigados a cruzar este espaço. O claustro assume-se como local de encontro. As mesas colocadas entre as colunas permitem esta dualidade funcional, em que os alunos podem servir-se das mesmas para trabalho ou simplesmente para convívio. O “vestíbulo” a que se refere a figura é o espaço transitivo do claustro para as salas de aula. Estas são agregadas duas a duas por um vestíbulo: espaço com o qual os alunos sentir-se-ão mais familiarizados por ser um espaço que entenderão como seu. Devido ao elevado pé direito tão característico das estruturas conventuais, foi possível criar um pequeno mezanino, com uma altura menor (a cinza escuro). Isto permite que o aluno se sinta espacialmente adaptado, e assim, num ambiente mais familiar. Estes espaços são, portanto, adaptadores da escala da criança à escala do claustro.



Figuras 44 e 45: Modelo tridimensional dos vestíbulos de acesso às salas de aula; espaços de adequação de escala.



Figuras 46 e 47: Retiradas da obra “Space and Learning” de Herman Hertzberger, páginas 97 e 73, respetivamente. Adaptabilidade do espaço a uma escala menor.

De modo a que o espaço escolar estabeleça um elemento difusor de um ambiente de aprendizagem, propõe-se que os vários sectores funcionais da escola sejam articulados através de um núcleo central distributivo - “learning square” – que contenha diferentes situações de aprendizagem (formal e informal) e que integre: áreas para a exibição de trabalhos/conteúdos didáticos de âmbito permanente e/ou temporário; áreas para exposição; áreas para apoio a atividades extracurriculares e áreas para estudo informal. O conceito de “*learning street*” é integrado num percurso contínuo que abrange os dois níveis do edifício. Esse percurso é constituído por uma sucessão de espaços interiores, relacionados com diferentes situações de aprendizagem, sobretudo informal. A learning street articula os vários sectores funcionais da escola. A transmissão e geração de conhecimentos são suportadas pela interação social e informacional.



Figura 48: Fotografia tirada [a 30 de Abril de 2013] na visita à Escola Secundária Braancamp Freire. Pátio exterior da escola - “learning square” - Registo da autora.

O modo como se estabelecem os contactos informais entre os diferentes membros da comunidade escolar, a aprendizagem que ocorre fora do espaço e do tempo da sala

de aula (no recreio, no refeitório ou nos corredores) constitui o “*curriculum informal*”⁹⁰. Este desempenha um papel relevante no processo de aprendizagem e pode motivar na comunidade escolar uma cultura de aprendizagem. Se para o cumprimento do curriculum formal são necessários um conjunto de espaços letivos com características e equipamentos apropriados às práticas pedagógicas, a forma como os restantes espaços da escola são organizados pode ter um impacto significativo na ocorrência de oportunidades de aprendizagem informal, encorajando alunos e docentes a permanecer mais tempo na escola. O projeto da Escola Secundária Braancamp Freire do atelier Cristina Veríssimo e Diogo Burnay Arquitetos (CVDB), que contou com a participação do arquiteto João Nuno Pernão na aplicação de cor, assenta neste tipo de lógica de educação informal.

A Escola Secundária na Pontinha foi criada a partir de uma série de pavilhões existentes, transformados numa única unidade. O arquiteto Diogo Burnay explica que quis apresentar uma *“proposta que partisse dos edifícios existentes que estavam dispersos e os agrupasse, através de uma construção nova em torno de uma praça central”*, que denominou igualmente de *“learning square”*.



Figura 49: Fotografia tirada [a 30 de Abril de 2013] na visita à Escola Secundária Braancamp Freire. Espaço de aprendizagem informal da escola - Registo da autora.

Os pavilhões originais, que remontam à construção de 1986, constituíam lugares dos quais os alunos se apropriavam, como espaços exclusivamente seus. Na impossibilidade desta situação, visto que a proposta de reabilitação propõe a dissolução dessas estruturas, o arquiteto propõe novos espaços especificamente destinados aos alunos, que promovam a aprendizagem informal. Neste sentido, a proposta desenvolvida neste trabalho prevê condições para o desenvolvimento de atividades de aprendizagem de âmbito informal, não confinadas exclusivamente ao

⁹⁰ O curriculum informal é o que contém o designado curriculum oculto: mensagem (sinais ou estímulos) que espelham o projeto educativo adotado, que é captada quando se percorre a escola.

espaço da sala de aula, com a criação de espaços interiores/exteriores para uso de toda a comunidade escolar (espaços sociais e de convívio), que funcionem como lugares de encontro informal e de atividades extracurriculares, que permitam a sua utilização dentro e fora do período letivo.

Para além do caráter lúdico que se propõe para o claustro, criam-se ainda espaços exteriores destinados à aprendizagem informal dos alunos. Na vertente poente encontra-se um anfiteatro, onde os alunos podem preparar espetáculos de final de período/ ano e ainda uma pequena horta, em memória à horta conventual. Ambos os espaços possibilitam atividades extracurriculares úteis ao crescimento pessoal.

PARTE II: A CERCA

IDEIAS CONCEPTUAIS DO PROJETO

Analisando registos cartográficos da cidade de Lisboa, verifica-se que o Convento de Santa Marta era dotado de uma generosa cerca, que se estendia para norte do conjunto edificado. É a partir do levantamento realizado por Filipe Folque⁹¹ (em baixo) de 1856, que a proposta ganha forma.

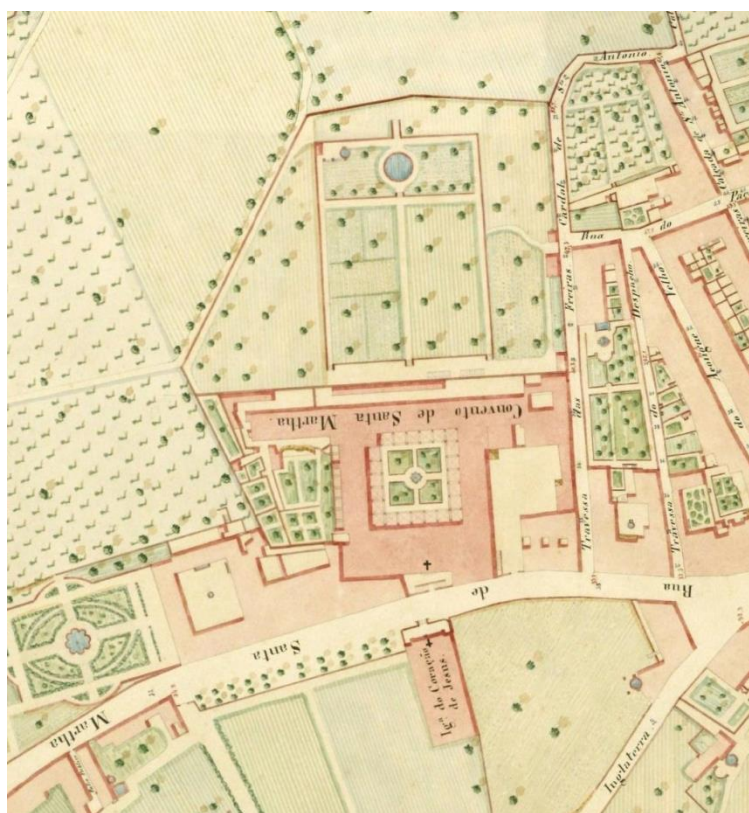


Figura 50: Excerto da cartografia de Lisboa da autoria de Filipe Folque, 1856.

⁹¹ Filipe de Sousa Folque (Portalegre, 28 de novembro de 1800, Lisboa, 27 de dezembro de 1874) foi um matemático e militar português. A partir de 1836, dedica-se às áreas de astronomia, geodesia, topografia, hidrografia e cartografia.

No passado, a cerca⁹² estruturava-se por “*parterres*” e a sua organização dependia da morfologia do terreno e dos espaços de cultivo (pomar e horta), que respondiam às necessidades de autossustentabilidade das religiosas. Assim, a cerca era um espaço domesticado e cultivado pelas freiras que moldavam o terreno, a água e a vegetação, atribuindo ao recinto normas de funcionamento. Sendo possível imaginar o que poderá ter sido o território de Santa Marta, são perceptíveis dois espaços verdes de estruturas muito distintas: o jardim fechado, de caráter mais formal a uma cota inferior, onde a presença de água era necessária para rega; e a mata conventual que cercava o recinto, servindo de barreira visual entre o interior e o exterior. Rodeado de verde selvagem, este jardim seria estruturado através de três eixos principais, perpendiculares ao edifício do Convento. Este seria um local de paragem e contemplação.

“Cerca muyto larga, na qual as muytas arvores de que está povoada serem de ministrar fructos a seo tempo pêra provimento da Comunidade, e também, o que nam he menos importante, pêra recreaçam e alivio das Religiosas, a cuja saúde he muy conveniente poderem fazer algum exercicio, o que muyto ajuda pêra livrar de achaques e conservar a saude pera o serviço divino.”⁹³

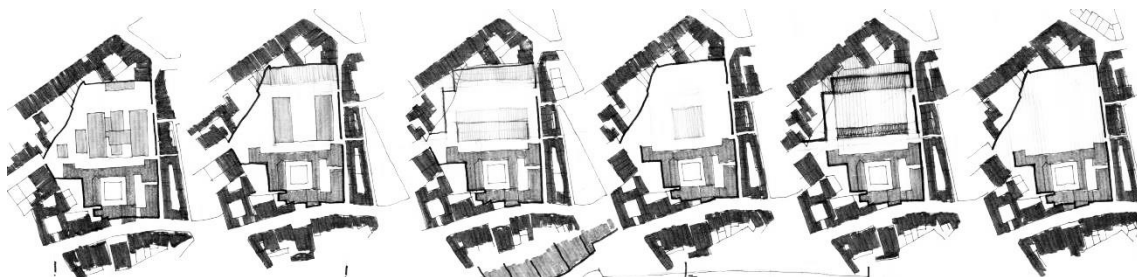


Figura 51: Esboços representativos de hipóteses desenvolvidas para a proposta.

Ao atravessarmos o espesso muro que confina o Lugar de Santa Marta, logicamente esperamos encontrar-nos num espaço interior. É neste sentido que a cerca nos surpreende, tratando-se de um lugar que pode ser entendido como um “*external room*”⁹⁴. Localizado bem no centro da cidade, assume-se como sendo tranquilo; introspetivo. O jardim, definido como um local de paz e tranquilidade, proporciona ordem num mundo caótico e hostil.

“An insight is needed (...) as to what is specially lacking in our great cities – namely, quiet, spacious, and widely extended places for reflection, places with long, lofty colonnades for bad weather, or for too sunny days, where no noise of wagons or of shouters would penetrate (...) buildings and situations which as a whole would express the sublimity of self-communion (...) we want to go for a walk in ourselves when we wander in these halls and gardens.”⁹⁵

⁹² O território que correspondia à Cerca de Santa Marta, que mantém os mesmos limites até aos dias de hoje, pertence igualmente ao Hospital.

⁹³ Excerto de um texto da documentação fornecida pela Dra. Célia Pilão – cap. VIII, pág.372

⁹⁴ Referência da obra “The Enclosed Garden: History and Development of the Hortus Conclusus and Its Reintroduction into the Present-Day Urban Landscape” de Rob Abens e Saskia de Wit.

⁹⁵ “Uma reflexão é necessária (...) relativamente às carências das nossas grandes cidades – lugares de silêncio, lugares de reflexão, lugares com longas colunatas para mau tempo ou dias muito ensolarados, onde nenhum ruído penetraria (...) situações e edifícios que, como um todo iriam expressar a sublimidade da auto-comunhão (...) ao usufruirmos de tais corredores e jardins seria como seguirmos numa caminhada em nós mesmos.”

Friedrich Nietzsche, 1882.

O termo “muro”, geralmente de conotação negativa, por estar associado à ausência de liberdade, estabelece, na verdade, um sentido mais complexo do que a mera divisão. O muro é a materialização do limite de pertença, possibilitando ao homem dominar o seu entorno, organizando-o. Mais do que analisar o que fica separado interessa compreender o muro enquanto elemento agregador de realidades. Para Heidegger, o limite não significa o final de algo, mas precisamente o contrário, onde a essência das coisas começa.

“A fronteira não é onde algo pára, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira a partir do qual algo começa”. O limite faz com que a estrutura espacial visível (extensão contínua ou descontínua) adquira direção e ritmo. No limite, portanto, podemos concordar com Venturi quando define a arquitetura como “o muro entre o interior e o exterior”.⁹⁶

A construção do espesso muro deve-se não a necessidades construtivas, mas à necessidade de controlar o contacto físico, verbal e visual entre o interior e o exterior⁹⁷. Para tal, eram construídos dispositivos arquitetónicos que permitiam a passagem de bens, evitando o contacto entre os intermediários. Através de portarias, grelhas, grades e rodas, a comunidade interior podia perceber o mundo exterior. O muro permitia às freiras verem, sem serem vistas.

Ao percorrer este território envolvido pelo muro, encontramos-nos *“in-between realm”*, no qual experienciamos duas realidades: a sensação de liberdade pelo horizonte distante e o fechamento criado pelo limite, que provoca sentimentos de finitude e segurança. No jardim fechado (“Enclosed Garden”) essa polaridade surge como a sua qualidade mais marcante: o paradoxo do infinito no finito. “Interior” e “exterior” são termos evidentemente presentes, na medida em que a paisagem se torna interior, com dimensões manipuladas através da arquitetura. “Dentro” e “fora”; “céu” e “terra” são termos aparentemente contraditórios que convergem na temática do jardim fechado⁹⁸.



Figuras 52 e 53: Retiradas da obra “The Enclosed Garden”, página 11. Dentro e fora; céu e terra convergem no designado “jardim fechado”.

A massa construída é erguida de modo a que o jardim surja como uma cavidade no qual o céu penetra, funcionando como intermediário entre o homem (centro) e a paisagem (periferia). Os conceitos de “locos”⁹⁹ e “topos”¹⁰⁰ referem-se respetivamente

⁹⁶ Heidegger

⁹⁷ O contacto físico, verbal e visual articulava-se através de elementos de mediação que compõem as paredes do convento. Um dos espaços mais representativos desta mediação é a igreja de fora e a respetiva igreja de dentro. A igreja de fora era o espaço para o público enquanto a igreja de dentro ou coro alto recebia as freiras. A separação dos dois espaços é assegurada por uma parede.

⁹⁸ Mais tarde, o aumento do conhecimento tem como consequência uma nova visão do homem perante a sua existência. Assim, o hortus conclusus sofre uma inversão: o jardim passa a ser feito para enfrentar o exterior. Gradualmente, o foco no céu foi substituído por um foco sobre a terra.

⁹⁹ Locus está relacionado com a ordem interna: racional, geometricamente determinada.

a estas duas posições: a central e a periférica. O alinhamento horizontal é transposto pelo vertical, na medida em que tratando-se de um ambiente fechado, impõem uma maior importância as relações de verticalidade. Este lugar apresenta-se como paradoxo, pois procura compreender a paisagem que aparentemente nega, explicar o mundo que aparentemente exclui e reviver a natureza que aparentemente teme. Deste modo, garante uma relação entre representação e realidade¹⁰¹.

Cada jardim é uma interpretação e reformulação da natureza e, conseqüentemente, um reflexo da cultura. Para unir a natureza à cultura, o homem precisa de ordem, por meio de limites. No interior do muro do “hortus conclusus”¹⁰², o jardim cria o seu próprio contexto relativamente à paisagem. Os planos horizontal e vertical formam o modelo de espaço existencial. A verticalidade ilustra o aspeto sagrado do espaço arquitetónico, enquanto o horizontal corresponde ao profano. O microcosmos do hortus contemplativo é um reflexo do mundo espiritual, harmonioso, que permite uma reconciliação com a existência terrena.

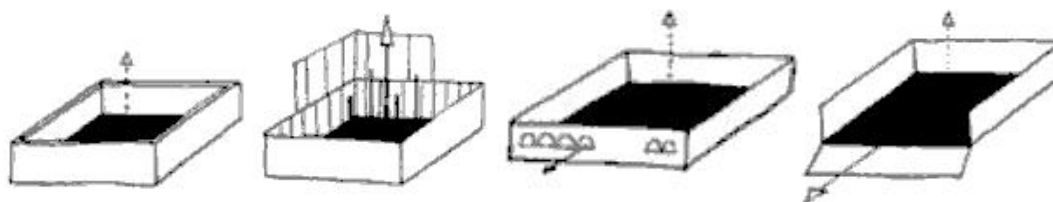


Figura 54: Retirada da obra “The Enclosed Garden”, página 71.
Fases de desenvolvimento do hortus conclusus.

Esta relação com o céu a que tanta importância se dava, muda quando o homem se coloca no centro do mundo. Ao começar a ter outra leitura sobre a sua existência, o jardim deixa de ser fechado na sua totalidade, tal como representado na figura 44. É exatamente nesta perspetiva de sobrevalorização da horizontalidade que se constitui a proposta seguidamente descrita.

¹⁰⁰ Topos é um conceito que deriva da mitologia grega, referente à paisagem mítica, a paisagem natural como a morada dos deuses.

¹⁰¹ Separado da realidade que exclui no exterior, admite no seu interior uma recriação desse macrocosmos.

¹⁰² Jardim fechado.

DESCRIÇÃO DO PROJETO E SUAS REFERÊNCIAS

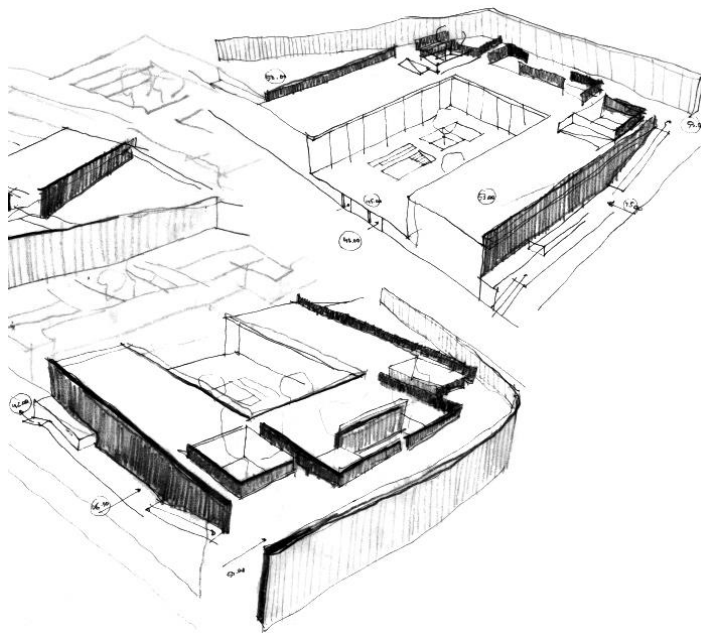


Figura 55: Esboço – recriação do espaço da antiga cerca conventual.

A solução que se propõe reinventa a organização espacial do que terá sido o traçado da antiga cerca: um recinto, que apesar de escalonado, se encontra a uma cota inferior relativamente ao que se pretende como um retorno à mata conventual. A ideia assenta então em retomar a essência do designado “Hortus Conclusus”.

“Um jardim é mais do que aquilo que se vê. Um jardim entra dentro de nós de outras maneiras. Tem uma temperatura, uma música, um hálito. Vive-se com ele de um modo particular, pensativo. (...) um jardim português, murado, feito para estar dentro dele, cheio de cheiro e paz. Os jardins perdidos são sempre os que apetecem mais. Devemos recusar a tentação de chorá-los e fazê-los crescer outra vez.”¹⁰³

Como referido anteriormente, este tinha o objetivo de possibilitar o isolamento das comunidades religiosas face a um contexto de instabilidade exterior. Para tal, estas comunidades exploraram a ideia do “jardim murado” com o propósito de integrar o trabalho (cultivo) e a contemplação da paisagem. O papel específico do claustro e do jardim da cerca como espaços distintos que se complementam, isto é, que apesar de participarem e construírem a realidade que é a totalidade do lugar, traduzem experiências diferentes no sentido de apropriação do espaço. Se no claustro as freiras eram levadas a meditar sobre o seu destino lembrando e aceitando o seu propósito, era no jardim da cerca que tinham a possibilidade de fruir do exterior, utilizando-se do mesmo para passeios e exercício físico. Ora, também na proposta se pretende que estas duas ambiências apresentem realidades distintas. Enquanto o claustro, como núcleo central (referido learning square) da escola, tem por objetivo o encontro organizado de alunos, promovendo o acesso a todas as dependências a que dá lugar, o jardim da cerca surge como um espaço público, de contemplação, que dá acesso às

¹⁰³ Escrito por Miguel Esteves Cardoso na obra “Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal”; página 13.

áreas que relembram a liberdade que outrora representava a expansividade do território murado.

“Na conceção e execução de um jardim estão presentes os valores inerentes à vivência e convivência da época respetiva, assim transportando para os nossos dias um repositório, em documento vivo, da nossa história.”¹⁰⁴

A proposta assenta no aproveitamento do acentuado declive do terreno¹⁰⁵ para subtilmente implantar a nova parte edificada, sendo que a perceção do novo construído seria apenas possível na proximidade do local. Sem grande impacto a nível volumétrico, permite conseguir a “imagem urbana” original. O polo desportivo conta com um campo de jogos¹⁰⁶ exterior (o que permite um pé-direito maior) e uma zona de piscina, implantada a uma cota superior.

Da Travessa de Santa Marta, é possível aceder ao polo a três cotas distintas, sendo que a intermédia dá acesso à receção. Esta, por sua vez, aos balneários, que constituem o motor gerador do projeto. Colocados estrategicamente numa zona central do terreno, duplicam-se verticalmente, de modo a que os da cota inferior sirvam o campo de jogos e os da cota superior deem acesso direto à piscina. Todas as dependências do polo, nomeadamente bancadas, instalações sanitárias, administração e estacionamento encontram-se “arrumadas” em banda no que é a separação entre a Travessa de Santa Marta e o jardim fechado.



Figura 56: Possibilidades de atravessamento pedonal do território.

¹⁰⁴ Escrito por Pedro de Almeida, na obra “Jardins com História – Poesia Atrás de Muros”; página 9.

¹⁰⁵ A propriedade do hospital tem um declive de aproximadamente trinta metros, entre a Rua de Santa Marta e a parte superior, correspondente aos logradouros dos edifícios habitacionais no cimo da travessa do mesmo nome.

¹⁰⁶ Ambos os campos polidesportivos encontram-se na vertente norte da proposta, tendo acesso direto para o parque de estacionamento principal.

Os três acessos referidos são os únicos momentos que se observa uma rutura no muro da cerca. Foi importante manter a sensação de fechamento, tão característica deste lugar.

A Travessa de Santa Marta assume-se como protagonista no acesso ao interior da cerca, na medida em que é a partir desta que se tem acesso a todas as dependências do polo, inclusivamente ao parque de estacionamento, colocado paralelamente à rua numa relação de proximidade com a mesma. Dividido em três pisos, numa tentativa de acompanhar o declive da rua que lhe é adjacente, apresenta-se restrito a funcionários na cota intermédia (a castanho) e público das cotas inferior e superior (a verde).

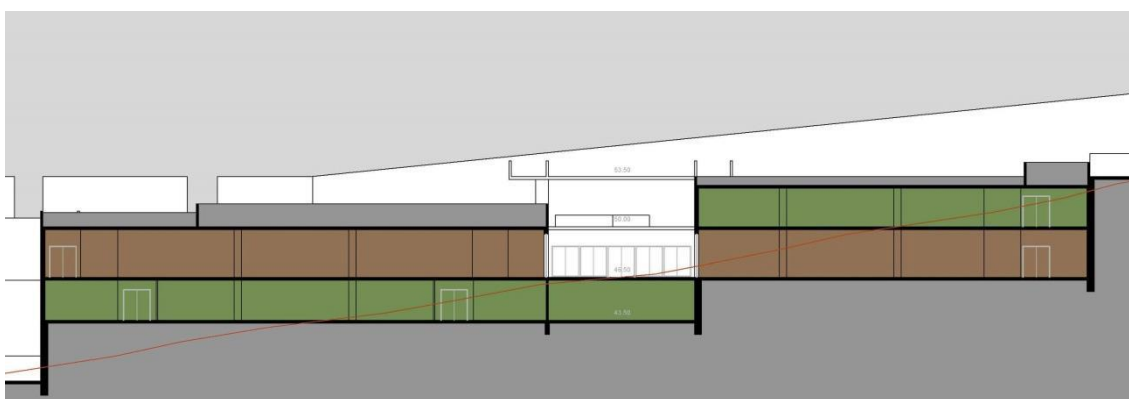


Figura 57: Corte esquemático que passa no parque de estacionamento da proposta.

Após atravessarmos o muro, encontramos-nos perante percursos que são acompanhados por canteiros cuja altura varia consoante se queira impor, ou não, uma restrição visual. No entanto, pretende-se a criação de núcleos centrais (indicados a verde) a uma cota base, que sejam envolvidos por canteiros mais altos, de modo a criar pequenos ambientes introspetivos.

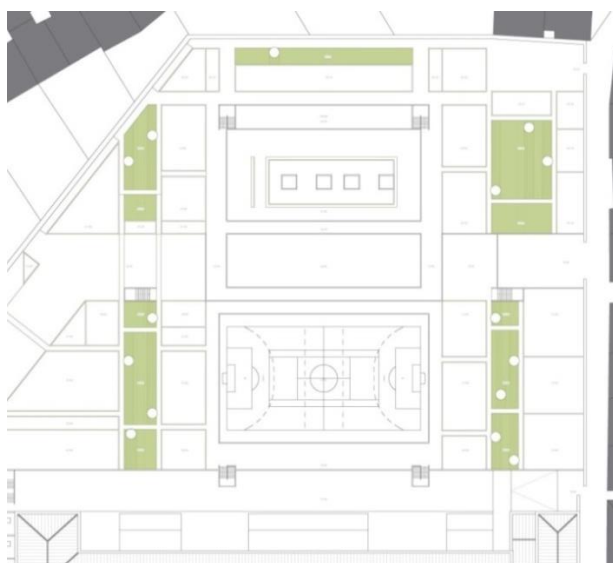


Figura 58: Planta de cobertura que evidencia, a verde, os canteiros de cota inferior, colocados no centro relativamente aos restantes.

Muito ligada à vivência do espaço conventual é a presença de elementos de água. Na tentativa de revermos essa memória perdida pelo tempo, procede-se ao aproveitamento da presença da piscina, para tornar a água um elemento de presente marcante. Ao criar aberturas na cobertura da piscina, para além de garantir a entrada de luz natural, a água passa a ser visível dos planos superiores. Estas aberturas, com alguma profundidade, pintadas a azul, permitem a entrada de luz, no entanto, de modo indireto. Mais uma vez a ideia surge do projeto da Escola Secundária Braancamp Freire, na Pontinha.

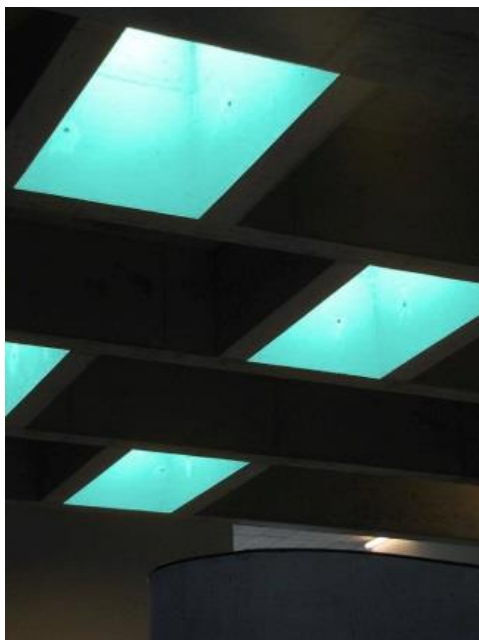


Figura 59: Fotografia original tirada [a 30 de Abril de 2013] na visita à Escola Secundária Braancamp Freire. Entradas de luz no átrio de entrada da escola - Registo da autora, posteriormente manipulado.

Considerando-se que a presença da água deve ser notória também na mata, inicialmente pensou-se na implementação de pequenos percursos semelhantes ao existente no Museu Nacional do Azulejo, em Lisboa.



Figura 60 e 61: Fotografias tiradas [a 3 de Dezembro de 2013] no Museu Nacional do Azulejo, em Lisboa - Registos da autora.

Um dos mais importantes museus de Portugal, pela sua coleção singular, o Museu do Azulejo encontra-se atualmente no antigo Convento da Madre de Deus, de 1509. Fundado por iniciativa da Rainha D. Leonor (1458-1525), o espaço conventual da Madre de Deus começou por ser constituído por algumas casas e horta com o objetivo de albergar um pequeno grupo de freiras Franciscanas. Constituía um dos mais aprazíveis lugares do termo de Lisboa, na proximidade do rio e povoado de hortas e pomares que abasteciam a cidade.

Com a aceleração das atividades urbanas, surge a necessidade de adquirir uma estratégia que incluía locais de lazer e serenidade. Numa floresta densa e escura, a “clareira” forma um mundo interior alheio ao que a rodeia: a ausência física possibilita mais luz e clareza. Assim se entende que seja a parte central da proposta. Periféricamente a este espaço de clareira é implantada uma barreira arbórea, como transição entre o jardim e as traseiras dos edifícios habitacionais na sua proximidade. Contrariamente às cotas inferiores (que se pretendem como espaços de estar), a “mata” surge como um místico local de passagem. O facto do atravessamento deste território não ser atualmente possível, por ser uma área de acesso restrito do hospital, prejudica as acessibilidades a transeuntes da comunidade local. O projeto conta com uma passagem principal (da cota 46.00 à cota 50.00), que pode ser considerada como uma alameda, na medida em que se destaca pela presença das árvores de fruto que relembram o pomar de recriação. Na ligação entre as cotas 50.00 e 53.50 os percursos são de menor dimensão, já que se pretende que sejam secundários.

Sendo que o conceito “clareira” surge como determinante para a proposta, fez sentido abordar também o conceito “oásis”, numa relação de complementaridade. Enquanto a clareira deriva da ausência física da mata, havendo luz e clareza, o oásis deriva do contrário: um ponto de água que concentra em si uma massa vegetal, tal como podemos comparar na figura seguinte.



Figura 62: Retirada da obra “The Enclosed Garden”, página 25. Representação gráfica da clareira e do oásis.

Assim, propõe-se a colocação de espelhos-de-água semelhantes aos que se encontram nos jardins da Fundação Calouste Gulbenkian¹⁰⁷, em Lisboa. Antigo Parque de Santa Gertrudes, foi adquirido pela Fundação em 1957, tendo hoje uma área de aproximadamente 7,5 hectares. Aqui encontra-se a Sede, o Museu e o Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão. A conceção do Parque foi confiada aos arquitetos

¹⁰⁷ Instituição portuguesa cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por Calouste Sarkis Gulbenkian, fundou-se a 18 de Julho de 1956.

paisagistas Gonalo Ribeiro Telles e Ant3nio Viana Barreto. Foram necess3rias modifica3es importantes do relevo original, uma vez que o projeto incluiu a cria3o de um lago, de um anfiteatro e a instala3o de lajes no solo, para permitir uma circula3o mais f3cil. O jardim foi desenhado com uma escolha criteriosa de 3rvores, arbustos e flores. Em 2002 iniciou-se a sua renova3o, com introdu3o de novos percursos, mais espelhos de 3gua e novas esp3cies.

Tamb3m o Parque Gulbenkian pode representar um pequeno o3sis numa cidade cada vez mais carenciada de espaos verdes que convidam a um passeio em contacto com a natureza.



Figuras 63 e 64: Fotografias tiradas [a 25 de Fevereiro de 2014] aos espelhos de 3gua do jardim da Funda3o Calouste Gulbenkian – Registos da autora.



Figura 65: Fotomontagem ilustrativa do polo desportivo.

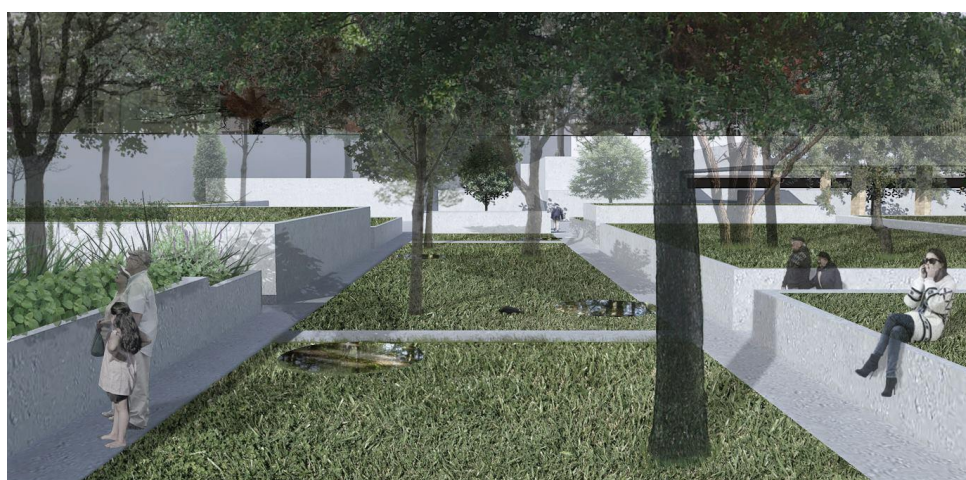


Figura 66: Fotomontagem ilustrativa da proposta de paisagismo na cerca.



Figura 67: Fotomontagem da proposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Encontramo-nos quase sempre perante uma epifania do lugar, uma manifestação do ser enquanto construção ou arquitetura. A sua interpretação depende, em larga medida, do entendimento desta sua característica enquanto consciência volitiva para a criação de um *genius loci*, de um génio do lugar, assim propositadamente instaurado através de um ato racional ou através dos acidentes da história.”¹⁰⁸*

As transformações e exigências daquilo que é o modo de viver nas cidades no decorrer das últimas décadas tem vindo a resultar numa arquitetura cada vez mais pensada no contexto em que se inserem. Lisboa, e mais especificamente a área compreendida pela colina de Sant’Ana, é um exemplo atual deste tipo de abordagem, devido à sua história e cultura. Neste contexto, a possibilidade deixada em aberto pela desativação dos Hospitais da Colina e assim de uma possível alteração de uso do convento de Santa Marta, leva-nos a refletir sobre as relações existentes, e conduz-nos a uma abordagem projetual que tem em conta uma preexistência de alto valor histórico. O projeto de requalificação desenvolvido no território do atual Hospital de Santa Marta passou essencialmente pelo reconhecimento da sua natureza enquanto lugar; enquanto conjunto de valor cultural. De modo a ser possível intervir adequadamente, adotou-se uma abordagem que respeitasse o legado histórico, e portanto, assumiu-se uma abordagem que defendesse a capacidade da arquitetura transmitir um sentido existencial, através do seu significado.

Com vista à compreensão da sua essência ou *genius loci*, numa primeira fase foi desenvolvida uma pesquisa sobre fenomenologia na arquitetura e consequentemente uma leitura fenomenológica do lugar de Santa Marta. Para a sua total compreensão, procedeu-se a uma investigação histórica do Lugar em estudo, de modo a compreender o desenvolvimento deste território ao longo do tempo. Esta pesquisa veio reforçar a importância da presença de elementos de valor cultural inerentes aos cinco séculos de história. Assim, a principal intenção terá sido o desenvolvimento de um trabalho de respeito para com realidade do Lugar.

Utiliza-se a memória do que esse Lugar foi enquanto ponto de partida de projeto; enquanto motor gerador de significados, retribuindo ao espaço a qualidade arquitetónica perdida. O programa proposto para a reabilitação do conjunto procura, portanto, manter uma relação com o legado histórico do antigo convento, de modo a garantir a preservação do património, e garantindo a memória que lhe é indissociável. A tentativa de trazer à cidade a memória dos jardins outrora existentes naqueles espaços conventuais, mantendo os limites originais da cerca, possibilita que esta área comece a fazer parte da cidade como novo espaço verde. A obra de Arquitetura é um testemunho do passado no presente, é exemplo vivo da “história”, na medida em que se constitui como recetáculo de memórias, guardiã de identidade coletiva. É a tentativa, por parte do homem, de anular o tempo.

¹⁰⁸ Escrito por Paulo Pereira, na obra “O Arquiteto Paisagista – Conceito e Obra”; página 13.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FENOMENOLOGIA DO LUGAR

CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ

“Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture”, Edinburgh, ed. Rizzoli, 1991

MARTIN HEIDEGGER

“Construir, Habitar, Pensar” in publicação do “Colóquio de Darmstadt II” sobre “Homem e Espaço”, dado a 5 de Agosto, Neue Darmstädter Verlagsanstalt, 1954, pp.145-162 (tradução do original alemão por Carlos Botelho. Revisão: Pedro Marques de Abreu)

PETER ZUMTHOR

“Atmosferas”, ed. Gustavo Gili SL, Barcelona, 2006

CHRISTINE RODRIGUES CABRITA

“Projetar com o Lugar – Requalificação de um Convento em Ruínas”; Lisboa, Faculdade de Arquitetura; Junho de 2010

GORDON CULLEN

“Paisagem Urbana, Arquitectura e Urbanismo”; Lisboa: Edições 70, 2010

FRANÇOISE CHOAY

“Alegoria do Património”; Edições 70, 2008.

J. L. SERT; S. GIEDION; F. LÉGER

“Nine Points on Monumentality”; The Harvard Architecture Review . Vol. IV, Monumentality and the City

MARC AUGÉ

“Não-Lugares, Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade”; Tradução de Miguel Serras Pereira; Primeira Edição; Lisboa: 90 Graus Editora, 2007

O LUGAR CONVENTUAL

VASCO PALMEIRIM; ALMEIDA DIAS MORAIS DAVID

“Lisboa Médica” – Jornal Mensal da Medicina e Cirurgia; Abril de 1924, volume 4

FERNANDO DA SILVA CORREIA

“A Medicina Contemporânea, Dois Notáveis Hospitais Portugueses”; composto e impresso na Imprensa Médica Campo Mártires da Pátria; Números 16, 17 e 18 – Lisboa, 1942

BALTAZAR MATOS COELHO

“Os Conventos de Lisboa”; Editora DISTRI; Desenhos de Luís Filipe Martins; 1989

SEQUEIRA

“O Carmo e a Trindade”; Subsídios para a História de Lisboa; Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1939

ANA RITA PEREIRA RODERS

“Segundo Encontro Nacional sobre Patologia e Reabilitação Consciente”

ANTÓNIO MANUEL XAVIER

“Das Cercas dos Conventos Capuchos”; Casa do Sul Editora – Centro de História Da Arte Da Universidade de Évora; impressão e acabamento: Tipografia Lousanense, Lda; ISBN: 972-8661-19-3

JOSÉ DE SOUSA AMADO

“Os Conventos de Religiosas em Portugal e na Inglaterra ou Observações sobre o Abandono e Decadência dos Conventos de Religiosas em Portugal”; Typographia de G. M. Martins; 1859

MARIANA RIBEIRO ALVES

“Adaptabilidade dos Espaços a Novos Usos – Projeto de Adaptação do Convento de Sta Iria e Antigo Colégio Feminino de Tomar a Unidade Hoteleira”; Lisboa, Faculdade de Arquitetura; Dezembro de 2011

JESUS MARIA APARÍCIO GUIADO

“El muro”; Argentina: Universidad de Palermo.

MEMÓRIAS DO LUGAR DE SANTA MARTA

JOSÉ MENDES DA CUNHA SARAIVA, diretor do Arquivo Histórico do Ministério das Finanças

“Documentos da fundação do Convento de Santa Marta de Jesus de Lisboa”; Arquivo Histórico do Ministério das Finanças; Lisboa, 1948 – Biblioteca Nacional

ALBERTO MADUREIRA, antigo assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa

“Os Serviços do Hospital de Santa Martha durante os Dias da Revolução”; Separata da Medicina Contemporânea; Tipografia Adolpho Mendonça; Lisboa 1918 – Biblioteca Nacional

ÓRGÃOS DE ADMINISTRAÇÃO E DIREÇÃO

“Santa Marta: Um Hospital com Passado e com Futuro - Guia de Acolhimento”; Composto e impresso na Gráfica Maiadouro - Maia; Depósito legal nº 25563/89; Agosto de 1989 – Biblioteca Nacional

ATELIER CIDADE ABERTA

Arquitetos Vasco Massapina e Jorge Kol de Carvalho; Programa Base para a Realização do Projeto do Museu e Sala do Capítulo; Junho de 1988 – Documentação fornecida pela Dra. Célia Pilão

JOSÉ MANUEL ANCIÃO

“O Mosteyro de Sancta Martha”, Monografia do antigo Convento/Hospital de Santa Marta; Edição: Liga dos Amigos do Hospital de Santa Marta; Publicação em Lisboa, Outubro de 2010

GEORGE KUBLER

“A Arquitectura Portuguesa Chã”; Ed. VEGA, 1988

VITOR SERRÃO

“O Arquitecto Maneirista Pedro Nunes Tinoco. Novos documentos e obras (1616-1636)” in Separata do Boletim Cultural de Assembleia Distrital de Lisboa, III série, nº LXXXIII, Assembleia Distrital de Lisboa, Lisboa, 1977, pp. 18-28

PROJETO

CESARE BRANDI

“Teoria da Restauração”

NICHOLAS STANLEY PRICE; M. KIRBY TALLEY; ALESSANDRA MELUCCO VACCARO

“Historical and Philosophical Issues in the Conservation of Cultural Heritage”; The Getty Conservation Institute of Los Angeles, 1996

JUKKA JOKILEHTO

“A History of Architectural Conservation”; The University of York, Inglaterra, Setembro, 1986

ALICE TAVARES VARUM

“Manual de Reabilitação e Manutenção de Edifícios, Guia de Intervenção”; Departamento de Engenharia Civil da Universidade de Aveiro, Junho de 2011

JOSÉ MANUEL AGUIAR

“Estudos Cromáticos nas Intervenções de Conservação em Centros Históricos, bases para a sua aplicação à realidade portuguesa”; Tese de Doutoramento em Conservação do Património Arquitectónico; Laboratório Nacional de Engenharia Civil, apresentada à Universidade de Évora; Évora; 669 páginas; Agosto de 1999

ANA ALVES COUTINHO

“Conventos Reconvertidos em Hospitais: Desafetação ou Reabilitação?”; Mestrado em Reabilitação da Arquitectura; Faculdade de Arquitectura, da Universidade Técnica de Lisboa; 174 páginas; Julho de 2005

MARGARIDA CALADO

“B’A: O Convento de S. Francisco da Cidade”; Editor: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa; Novembro de 2000; ISBN: 158 965-00

ANTÓN CAPITEL

“La Arquitectura del Pátio”; Editorial Gustavo Gilli SA, Barcelona, 2005

ROB ABENS; SASKIA DE WIT

“The Enclosed Garden: History and Development of the Hortus Conclusus and Its Reintroduction into the Present-Day Urban Landscape”; 010 Publishers

HERMAN HERTZBERGER

“Lições de Arquitectura”; 2ª Edição. São Paulo, Martins Fontes, 1999

ALLE SCHOLEN

“The schools of Herman Hertzberger”; textos de Herman Hertzberger e Abram de Swaan; 010 Publisheres; Rotterdam, 2009

JOANA GONÇALVES

“Do Sentido de Lugar, A Cerca de Santa Marta de Lisboa”; Dissertação / Projeto para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura; Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa; Fevereiro de 2013; 166 páginas

ANA BRUTO DA COSTA

“O Muro como Intervalo Habitado, da Cerca do Convento de Santa Marta à Revitalização da Cidade”; Dissertação / Projeto para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura; Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa; Março de 2013; 139 páginas

GUILHERME OLIVEIRA

“O Ensino na Cerca, A Influência do Espaço Arquitetónico na Construção de uma Educação Informal”; Dissertação / Projeto para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura; Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa; Fevereiro de 2013; 110 páginas

ERVING GOFFMAN

“Manicômios, Prisões e Conventos”; Tradução de Dante Moreira Leite; 7ª edição; São Paulo; Editora Perspectiva, 2001.

HELDER CARITA E ANTÓNIO HOMEM CARDOSO

“Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal”; Bertrand Editora; 2ª Edição; Quetzal Editores; Venda Nova, impresso em Setembro de 1998.

DIRAÇÃO DE CRISTINA CASTEL-BRANCO

“Jardins com História – Poesia Atrás de Muros”; Edições Inapa, 2002; Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo; Lisboa.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS ARQUITETOS PAISAGISTAS

“O Arquiteto Paisagista – Conceito e Obra”; Página 13, texto de Paulo Pereira; Junho de 2007

PESQUISA DE APOIO À ELABORAÇÃO DO DOCUMENTO

CARLOS CEIA

“Como Fazer uma Tese de Doutoramento ou Uma Dissertação de Mestrado”; 2007

UMBERTO ECO

“Como se Faz Uma Tese em Ciências Humanas”; 6ª edição; Editorial Presença; Lisboa, 1995

ANTHONY WESTON

“A Arte de Argumentar”; Coleção Filosofia Aberta, Editora Gradiva; Lisboa, 1996

CARLOS BAJANCA

“A Praça Visconde Serra do Pilar no Centro Histórico de Santarém – Interpretação Urbanística”; Dissertação de Mestrado em Desenho Urbano, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e de Empresa; 313 páginas; 1999

ANEXOS

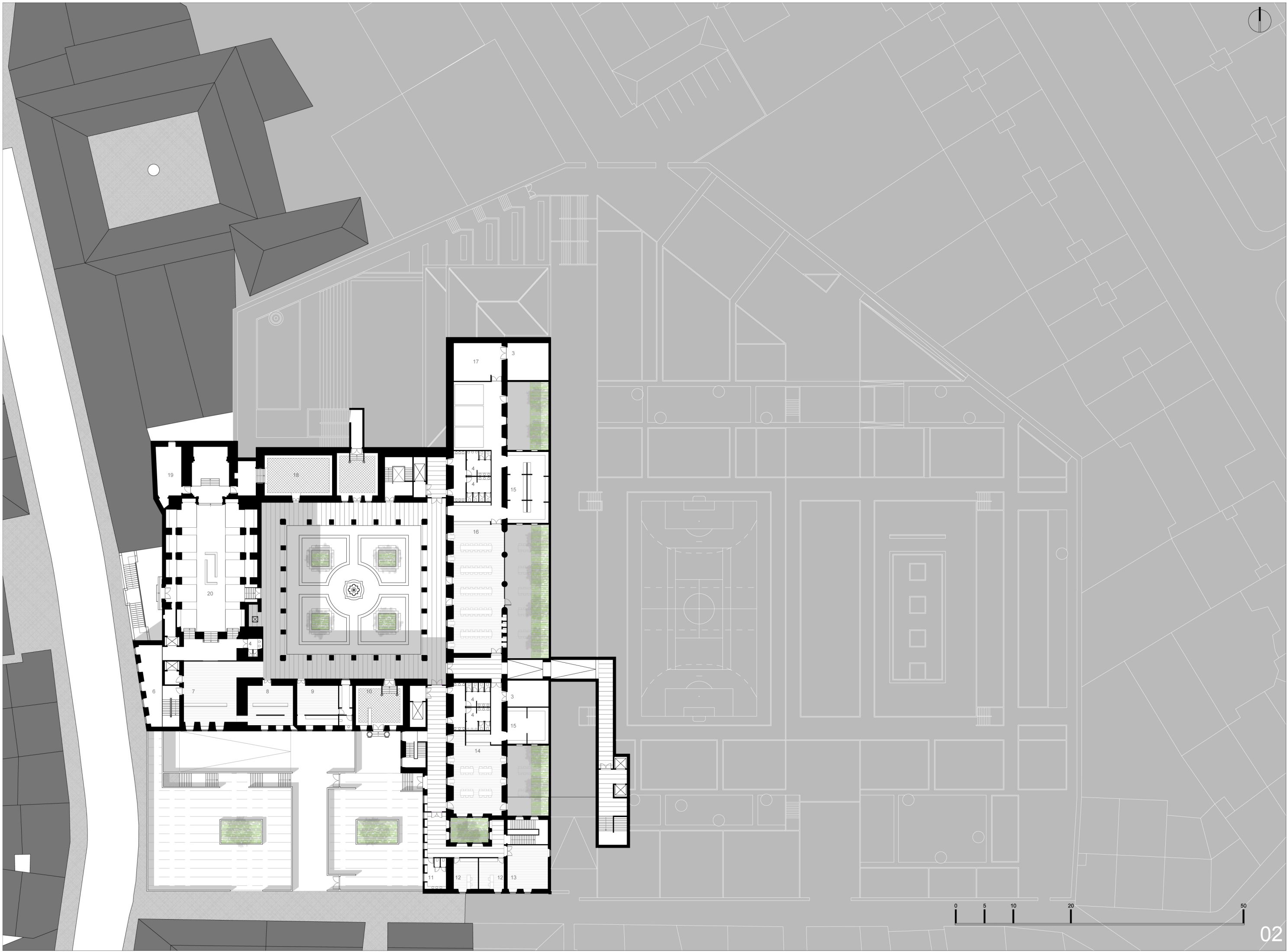
18. DESENHOS FINAIS

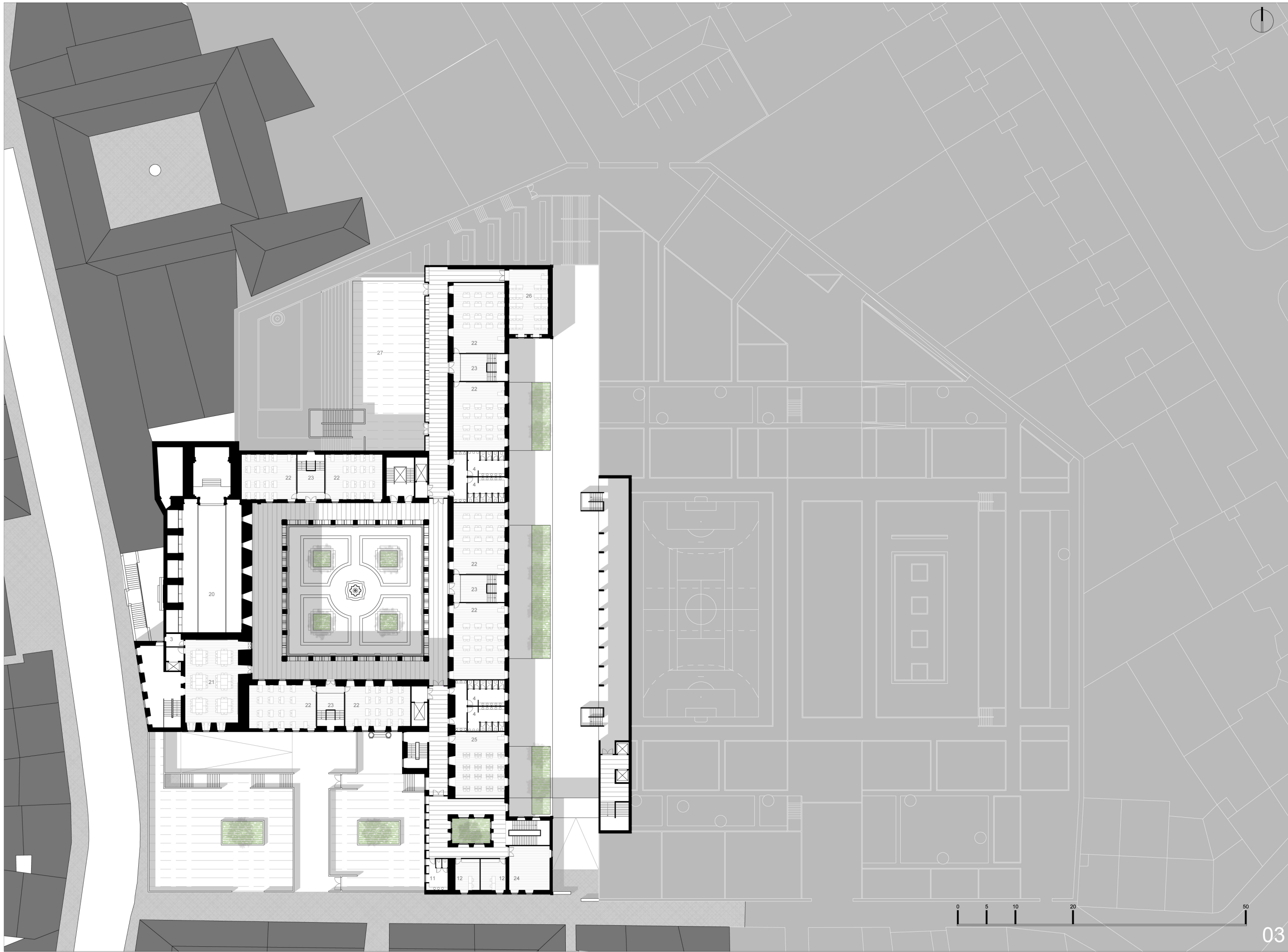
- 01:** Planta cota – 31.50
- 02:** Planta cota – 36.40
- 03:** Planta cota – 42.35
- 04:** Planta cota – 43.50
- 05:** Planta cota – 46.50
- 06:** Planta cota – 51.00
- 07:** Planta de coberturas
- 08:** Corte longitudinal
- 09:** Corte longitudinal
- 10:** Corte transversal
- 11:** Corte longitudinal
- 12:** Alçado Travessa de Santa Marta
- 13:** Alçado Rua Santa Marta
- 14:** Pormenor geral

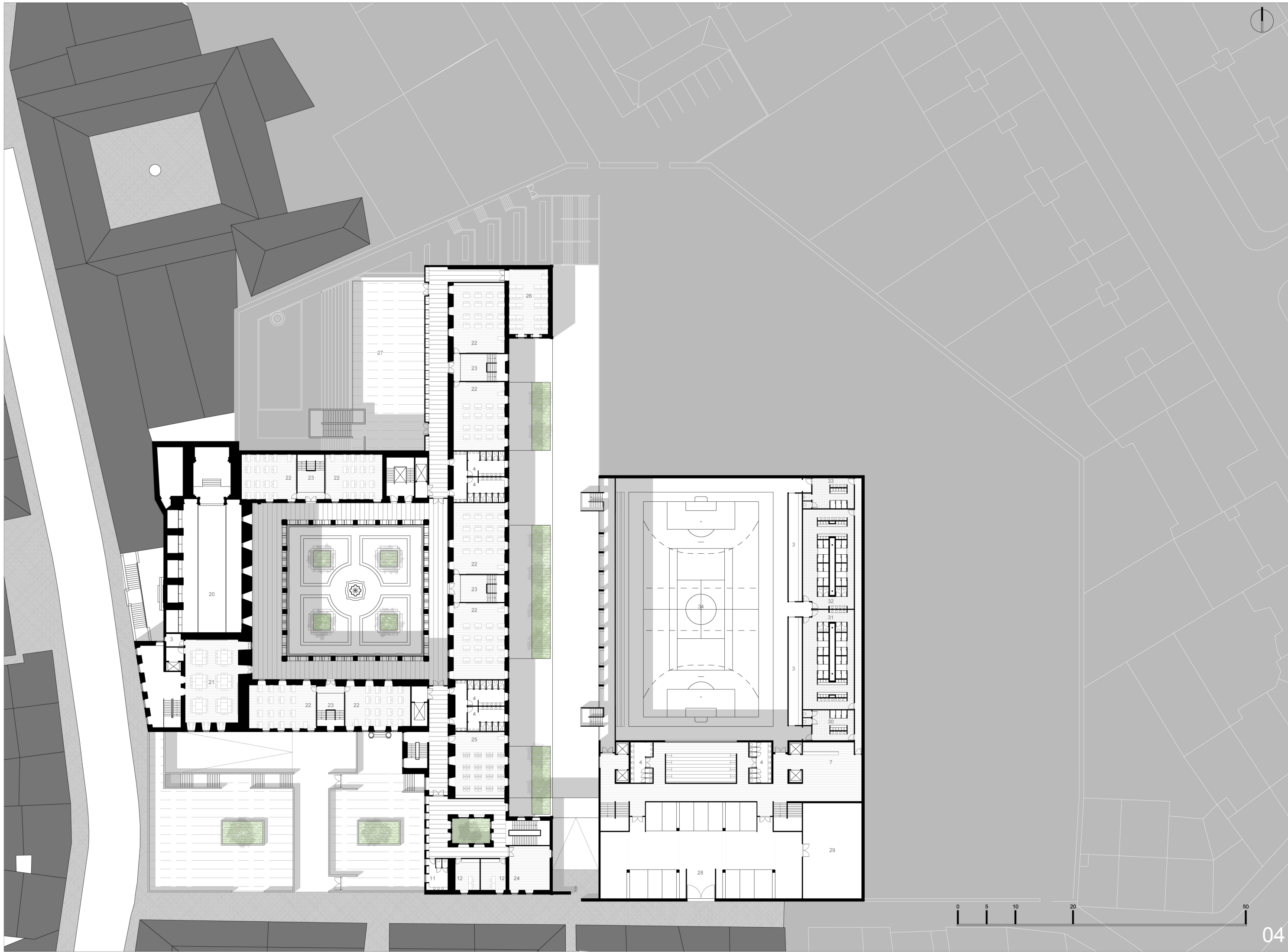
LEGENDA

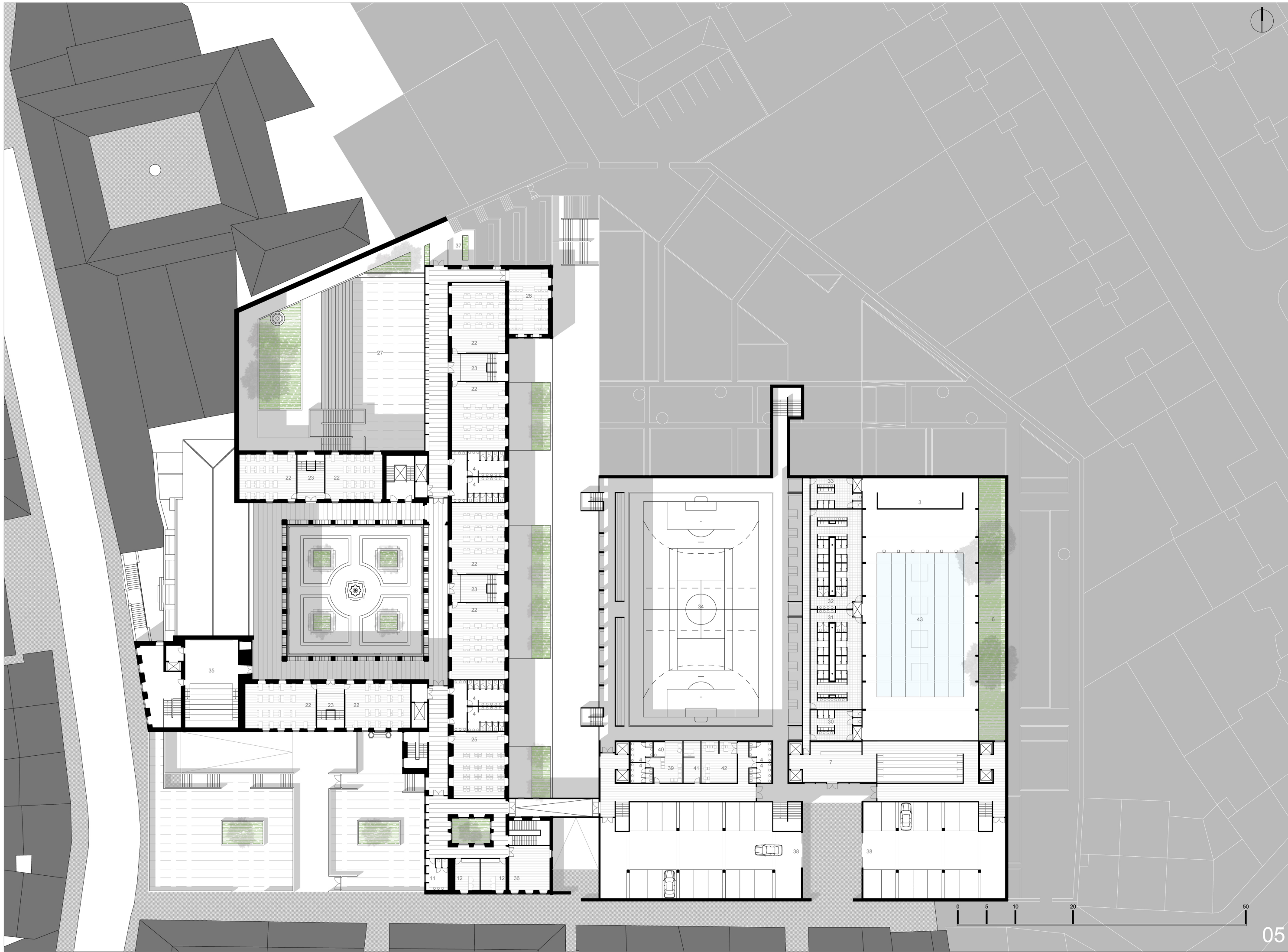
1- livraria | 2- reprografia/ papelaria | 3- arrumos | 4- instalação sanitária | 5- acesso a pessoal externo | 6- vazado | 7- recepção | 8- administração | 9- núcleo funcionários | 10- acesso alunos | 11- instalação sanitária professores | 12- gabinete | 13- sala reuniões | 14- bar | 15- cozinha | 16- refeitório | 17- dispensa | 18- espaço de exposição | 19- arquivo | 20- biblioteca | 21- atelier artes visuais/ tecnológicas | 22- sala de aula | 23- vestíbulo; espaço de adaptação de escalas | 24- sala de professores | 25- sala informática | 26- sala laboratório | 27- anfiteatro | 28- estacionamento público | 29- máquinas | 30- balneários femininos instrutores | 31- balneários femininos | 32- balneários masculinos | 33- balneários masculinos instrutores | 34- campo de jogos | 35- auditório | 36- sala de convívio | 37- horta | 38- estacionamento polo | 39- funcionários | 40- copa | 41- gerência | 42- administração | 43- piscina semi-olímpica | 44- cafeteria

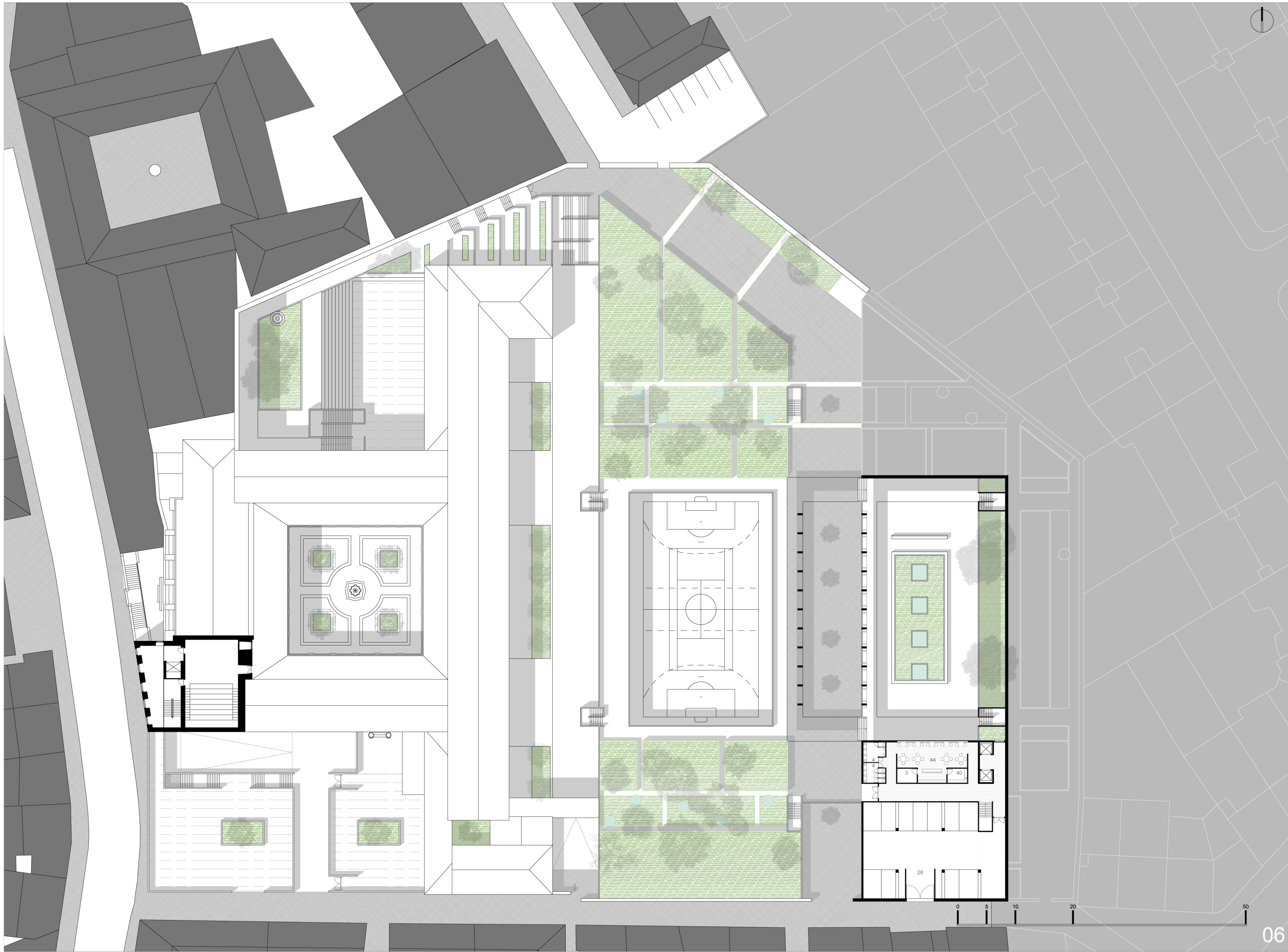


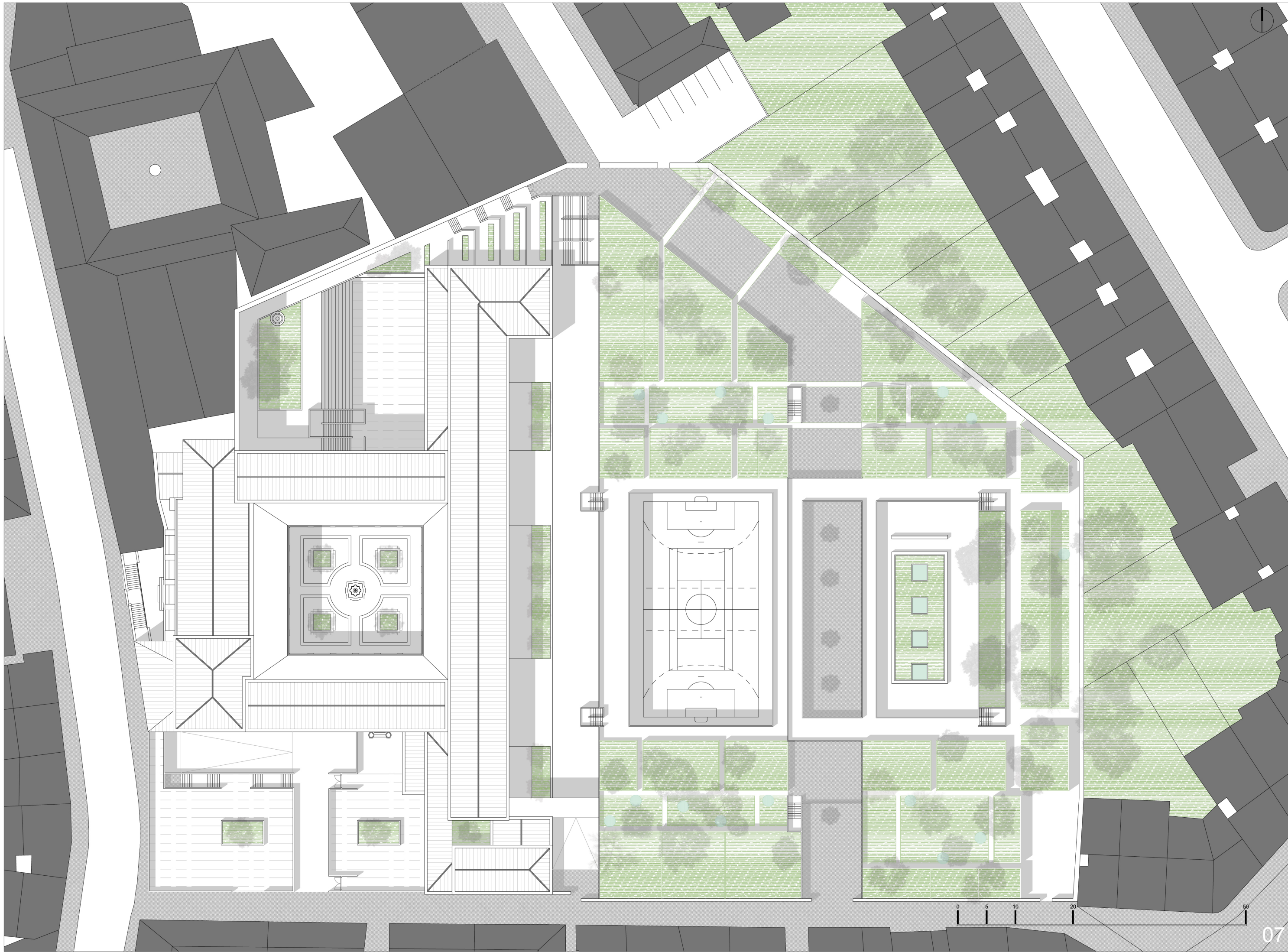


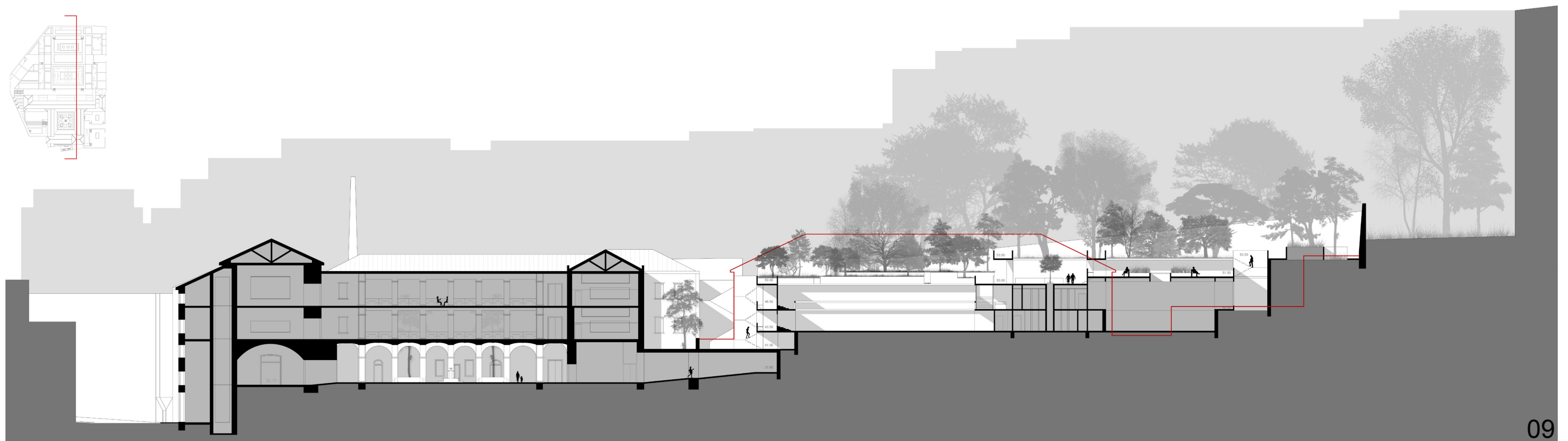
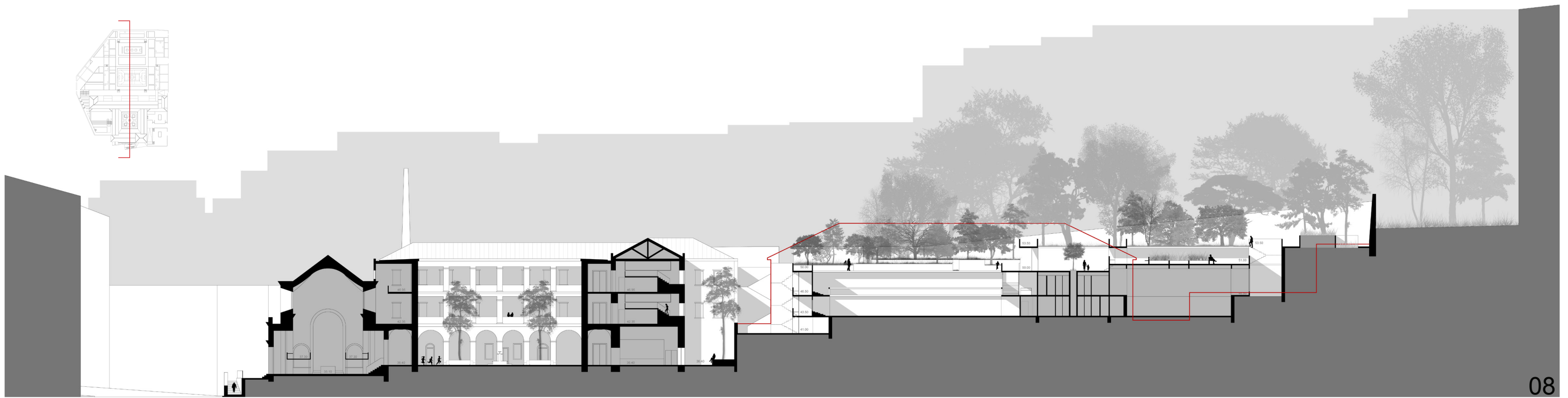


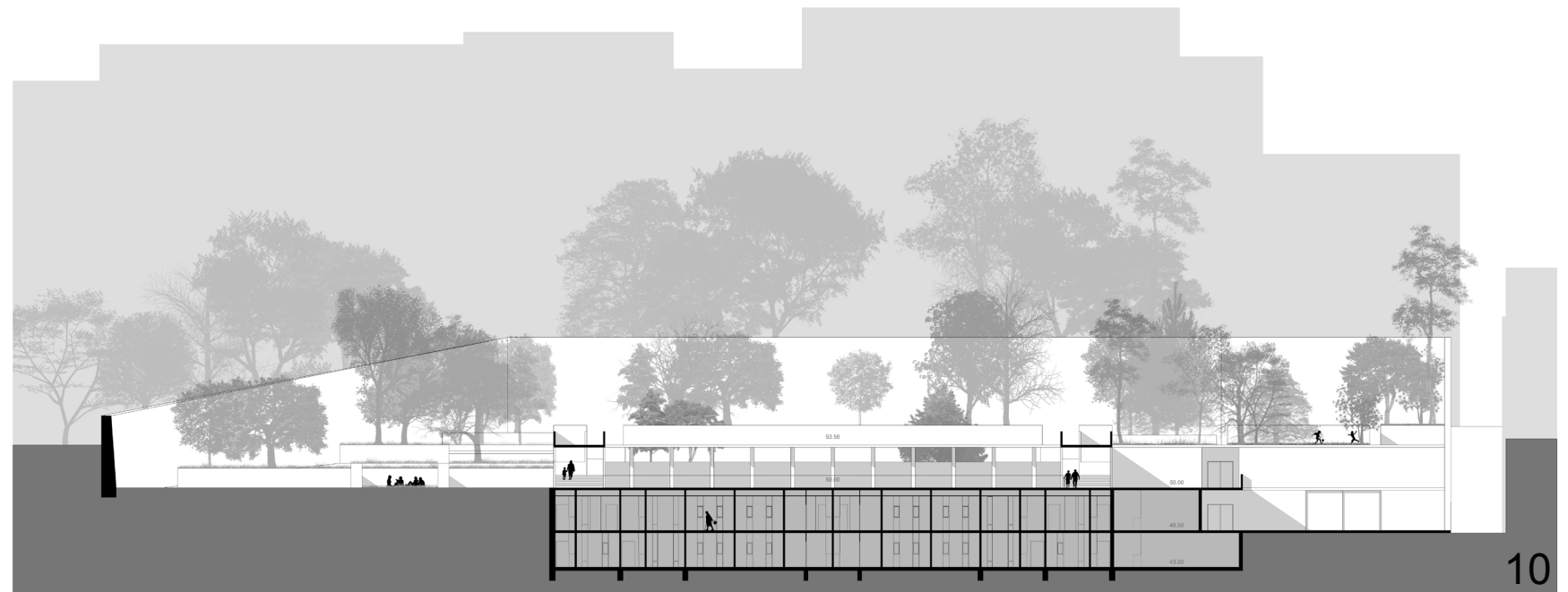
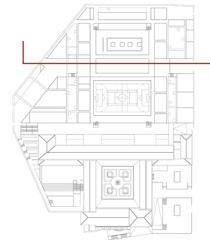




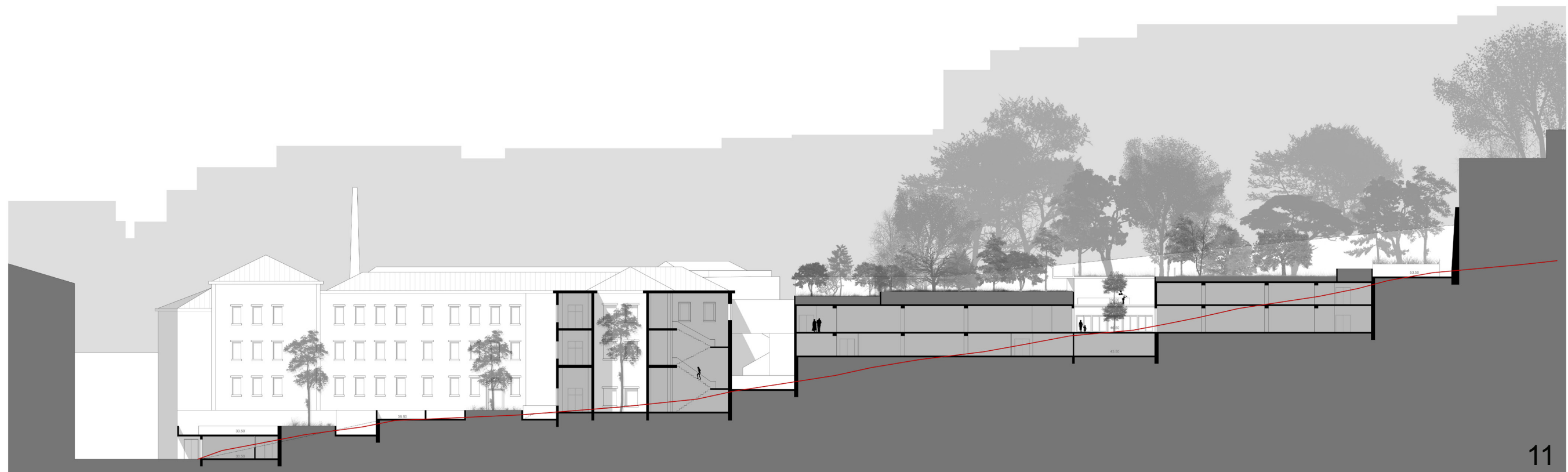
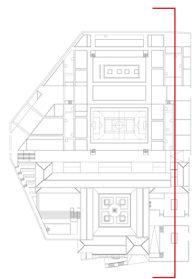






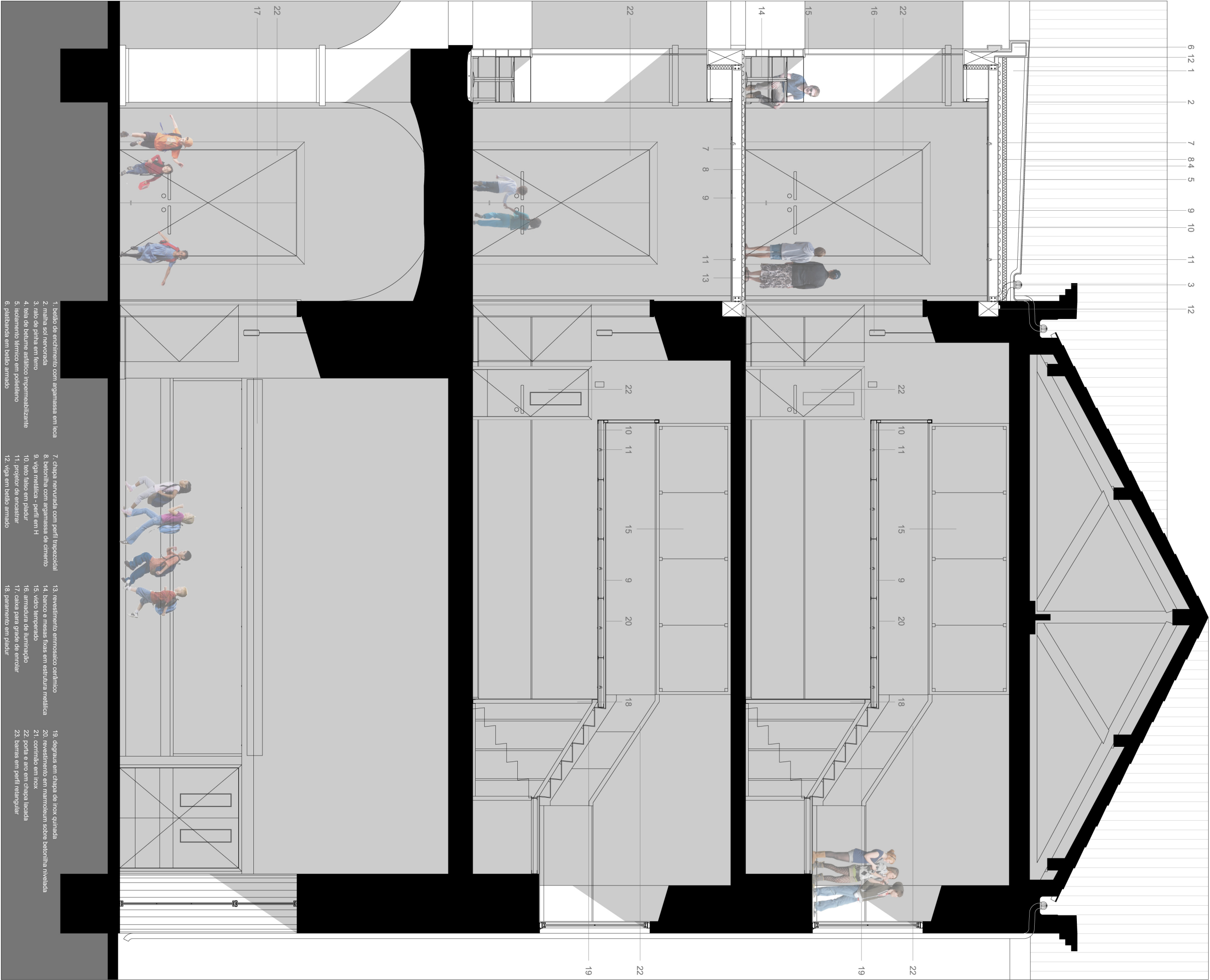


10



11





19.FOTOGRAFIAS DA MAQUETE



